



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISAS E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

CAOBE LUCAS RODRIGUES DE SOUSA

**DISSIDÊNCIAS EM ENTRELACE:**  
**Narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima**

Boa Vista, RR

2021

CAOBE LUCAS RODRIGUES DE SOUSA

**DISSIDÊNCIAS EM ENTRELACE:**

**Narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras.

Área de concentração: Fronteiras e processos socioculturais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Maria de Oliveira

Boa Vista, RR.

2021

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S725d Sousa, Caobe Lucas Rodrigues de.  
Dissidências em entrelace: narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima / Caobe Lucas Rodrigues de Sousa. – Boa Vista, 2021.  
107 f.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Maria de Oliveira.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras.

1 – Homossexualidade. 2 – Migração. 3 – Sexualidade. 4 – Narrativa. I – Título. II – Oliveira, Márcia Maria de (orientadora).

CDU –314.74-055.3(811.4)

CAOBE LUCAS RODRIGUES DE SOUSA

**DISSIDÊNCIAS EM ENTRELACE:**

**Narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras. Área de concentração: Fronteiras e Processos Socioculturais.

Defendida em 04 de fevereiro de 2021 e avaliada pela seguinte banca examinadora:



**Prof.ª Dr.ª Márcia Maria de Oliveira**  
Orientadora e Presidente – UFRR – PPGSOF



**Prof.ª Dr.ª Isadora Lins França**  
Membro Externo Titular – UNICAMP - PPGANTS



**Prof.ª Dr.ª Francilene Dos Santos Rodrigues**  
Membro Interno Titular – UFRR – PPGSOF

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos interlocutores desta pesquisa. Muito obrigado por aceitarem compartilhar comigo suas narrativas. Sinto-me honrado em ter recebido o desafio de tecer palavras e costurar ideias que façam jus à beleza das experiências compartilhadas. Espero que eu possa contribuir, ainda que minimamente, para que vislumbremos novos caminhos para seguirmos nos movimentando. E principalmente, celebremos os caminhos que já temos encontrado em nossos dias;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Maria de Oliveira. Obrigado por ter me acolhido como orientando, por todos os ensinamentos e por ter estado disposta a contribuir com muita atenção e energia a este trabalho. Agradeço pela determinação e parceria na busca por saídas neste momento de tantos imprevistos e incertezas associados à pandemia. Seu suporte foi fundamental para o desenrolar e para a conclusão desta caminhada;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Silvia Costa. Agradeço pelas leituras, por tantas conversas e indicações que foram o alicerce inicial deste processo de pesquisa. É uma referência profissional e intelectual muito imprescindível e especial para mim desde a graduação. Muito obrigado;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isadora Lins França. Sou muito grato pelas contribuições tão precisas e gentis na banca de qualificação. Foram essenciais. Agradeço por compartilhar comigo suas perspectivas analíticas - tão eficazes para este desafio de entrecruzar mobilidades e sexualidades - não só no momento da qualificação, como também em suas produções bibliográficas, que foram basilares para as reflexões aqui registradas;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francilene Rodrigues. Muito obrigado por todos os apontamentos feitos e por contribuir com seu olhar durante a banca de qualificação. Agradeço também pelas leituras e discussões fomentadas na disciplina de ‘Estudos de Gênero e Construções Identitárias’;

Ao Prof. Dr. Lázaro Batista. Obrigado pelas contribuições na banca de qualificação e pelas conversas e indicações inspiradoras. Considero suas ideias e perspectivas desde a graduação e seu incentivo na pesquisa é muito caro para mim;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Cunha. Agradeço por ter participado da banca de qualificação e por termos nos aproximado em nossos estudos e escritas durante o curso de mestrado. Agradeço pela parceria firmada;

Ao Prof. Dr. Marcos Braga (*in memoriam*). Sou grato por ter gentilmente aceitado o convite para participar da banca de defesa e por todas as orientações e discussões empreendidas na disciplina ‘Políticas públicas e movimentos sociais no campo’;

À todas/os as/os docentes, discentes, trabalhadores e amigas/os do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras e da Universidade Federal de Roraima. Menciono especialmente a Prof<sup>a</sup> Maria Luiza Fernandes pelas instruções atenciosas na disciplina de ‘Metodologia’;

Ao Prof. Me. Carlos Ramos. Muito obrigado por ter viabilizado meus primeiros passos como pesquisador e que segue sendo uma grande referência, inclusive colaborando neste processo de pesquisa também. Agradeço por ter nos guiado em um grupo de estudos sobre Walter Benjamin no início da quarentena, que apesar do momento de tantas incertezas, surpreendentemente, se revelou muito propício para pensar experiência e narrativa. Considero esta dissertação como um desfecho daquela primeira orientação de iniciação científica em 2016. Muito obrigado;

À Bárbara Cabral. Agradeço por dividir comigo as mesmas inquietações que inspiraram essa dissertação e pela companhia nestes seis anos de amizade. Este trabalho é um dos tantos desfechos de nossas conversas. Sua leitura atenta e incansável foi fundamental e um verdadeiro presente;

Ao Arthur Fontgaland. Muito obrigado pelas leituras cuidadosas, e por estar sempre próximo desde o primeiro litrão, construindo e preservando uma relação contínua de diálogos e afeto que foram fundamentais para esta pesquisa e para a vida. Agradeço por todas as aprendizagens;

À Macarena Williamson e Nathália Antonucci. Agradeço pelas reuniões realizadas pelo nosso grupo *online* sobre mobilidades e diversidade sexual e de gênero durante a quarentena, que permitiram tantas trocas, leituras e discussões que só contribuíram para este trabalho;

À Ayane Camila de Araújo Silva pela leitura cautelosa e revisão deste texto.

A todas as amigas e amigos que se disponibilizaram para ler este trabalho ou que mesmo nas conversas mais informais me ajudaram a desembaralhar ideias, e na melhor das hipóteses, embaralhá-las mais ainda. Especialmente Juliene Dias, Welthon Leal, Anieli Bezerra, Yves de Carvalho Souza, Amanda Gabriela, Militza Pérez, Samuel Felipe, Marcelo Lemos, Élysson Albuquerque, Carlos Emílio, Walliane Costa, Silvia Costa, George Brendon, Felipe Assunção, Eliaquim Timóteo, Igor Tatagiba, Jaidan Sales, Mariá Batalha, Poliana Cristina e Wellen Crystine;

E a todas as amigas e amigos que estão por perto e defendem e improvisam novas maneiras de fazer a vida interessante de se viver

Tenho o privilégio de incluir com muito carinho aqui meu irmão, Caíque, minha mãe, Léo, meu pai, Sousa e minha irmã, Jéssyca. Agradeço também às pequenas Ana e Isadora que já nos trazem muitas alegrias.

Muito obrigado.

SOUSA, Caobe Lucas Rodrigues de. **Dissidências em entrelace: Narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima**. Boa Vista: Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, Universidade Federal de Roraima, 2020.

## RESUMO

As chamadas migrações internacionais têm se intensificado em muitas regiões nas últimas décadas e para investigar as complexidades e singularidades desses processos de mobilidade a perspectiva interseccional tem se mostrado indispensável. Principalmente nas análises dos processos de discriminação e violência pelos quais os/as migrantes enfrentam nas “sociedades receptoras”, categorias como raça, classe, gênero etc., parecem estruturantes para compreender quais migrantes são considerados/as “desejáveis” ou não. A proposta desta dissertação foi a de considerar a sexualidade como uma categoria também relevante, especificamente no caso das pessoas que se identificam e são identificadas como homossexuais masculinos ou *gays*. Busquei, portanto, compreender narrativas de migração de sujeitos que se identificam como homens *gays* (ou homossexuais) e venezuelanos, tendo como contexto a cidade de Boa Vista, em Roraima, uma região que tem passado por múltiplas transformações ligadas à chegada de migrantes venezuelanos/as nos últimos anos. A partir de entrevistas com Reinaldo, Ángel e Manuel, constatei como a experiência da homossexualidade e a experiência de imigração tendem a lançar o sujeito a um lugar de alteridade e exposição a violações de diferentes tipos. Por conta disso, os interlocutores apresentam táticas para camuflarem-se em diferentes contextos, ora como brasileiros, ora como heterossexuais. Foi possível constatar que a violência neste caso parece operar como um jogo de identificação em que para não ser atacado é necessário agenciar quando e onde é seguro performar a identidade nacional e sexual. Além disto, pude perceber que, ainda que o processo migratório tenha levado a mudanças identitárias significativas, as narrativas mostram que a violência contra o sujeito demarcado como homossexual, apesar de nem sempre uníssona e coerente, não parece cessar por conta do cruzamento da fronteira entre o Brasil e Venezuela.

**Palavras-chave:** Homossexualidade; Migração; Sexualidade; Narrativa.



SOUSA, Caobe Lucas Rodrigues de. **Dissidências em entrelace: Narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima**. Boa Vista: Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, Universidade Federal de Roraima, 2020.

## RESUMÉN

Las llamadas migraciones internacionales se han intensificado en muchas regiones en las últimas décadas y para investigar las complejidades y singularidades de estos procesos de movilidad, la perspectiva interseccional se ha mostrado indispensable. Especialmente en el análisis de los procesos de discriminación y violencia que enfrentan los migrantes en las “sociedades receptoras”, se ha demostrado que categorías como raza, clase y género son estructurantes para entender qué migrantes son considerados “deseables” o no. El propósito de esta disertación fue considerar la sexualidad como una categoría relevante, específicamente en el caso de personas que se identifican y son identificadas como hombres homosexuales o *gays*. Por lo tanto, busqué entender las narrativas de migración de sujetos que se identifican como *gays* (homosexuales) y hombres venezolanos, teniendo como contexto la ciudad de Boa Vista, en Roraima. Una región que ha sufrido múltiples transformaciones ligadas a la llegada de migrantes venezolanos en los últimos años. A partir de entrevistas con Reinaldo, Ángel y Manuel, me di cuenta de cómo la experiencia de la homosexualidad y la experiencia de la inmigración tiende a lanzar al sujeto a un lugar de alteridad y exposición a violaciones de diverso tipo. Por eso, los interlocutores presentan estrategias para camuflarse en diferentes contextos, a veces como brasileños, a veces como heterosexuales. Se pudo constatar que la violencia en este caso parece operar como un juego de identificación en el que, para no ser agredido, es necesario gestionar cuándo y dónde es seguro realizar la identidad nacional y sexual. Además, también pude ver que a pesar de que el proceso migratorio ha provocado cambios significativos en la identidad, las narrativas muestran que la violencia contra el sujeto señalado como homosexual, a pesar de no ser siempre acorde y coherente, no parece cesar por el cruce de la frontera entre Brasil y Venezuela.

**Keywords:** Homosexualidad; Migración; Sexualidad; Narrativa.

SOUSA, Caobe Lucas Rodrigues de. **Dissidências em entrelace: Narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima**. Boa Vista: Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, Universidade Federal de Roraima, 2020.

### **ABSTRACT**

The international migrations increased in many regions in the last decades and to investigate the complexities and singularities of these mobility processes, the intersectional perspective has proved to be indispensable. Especially in the analysis of the processes of discrimination and violence that migrants face in “receiving societies”, categories such as race, class and gender have been shown to be structuring to understand which migrants are considered “desirable” or not. The purpose of this dissertation was to consider sexuality as a relevant category, specifically in the case of people who identify themselves and are identified as homosexual men or gays. Therefore, I sought to understand narratives of migration of subjects who identify themselves as gay (or homosexual) and Venezuelan men, having as context the city of Boa Vista, in Roraima. A region that has faced multiple transformations linked to the arrival of Venezuelan migrants in recent years. After interviewing Reinaldo, Ángel and Manuel, I could realized how the experience of homosexuality and the experience of immigration tends to launch the subject to a place of otherness and exposure to violations of different types. Because of this, the interlocutors present tactics to camouflage themselves in different contexts, sometimes as Brazilians, sometimes as heterosexuals. It was possible to verify that the violence in this case seems to operate as an identification game in which, in order not to be attacked, it is necessary to manage when and where it is safe to perform the national and sexual identity. In addition, I could also see that even though the migration process has led to significant changes in identity, the narratives show that violence against the subject demarcated as homosexual, despite not always being unanimous and coherent, does not seem to cease due to the crossing of the border between Brazil and Venezuela.

Keywords: Homosexuality; Migration; Sexuality; Narrative.

## SUMÁRIO

<b>I - Introdução.....</b>	<b>12</b>
1.1. A migração venezuelana em Boa Vista.....	13
1.2. Sobre os/as migrantes “LGBTI”.....	15
<b>II - Deslocamentos e sexualidades dissidentes.....</b>	<b>21</b>
2.1. Migrações internacionais.....	21
2.2. Sexílio e o contexto latino-americano.....	24
2.3. A migração na perspectiva <i>queer</i> .....	28
2.4. O refúgio por orientação sexual e identidade de gênero.....	32
2.5. Revisão de trabalhos correlatos.....	35
<b>III – Homossexualidades em movimento.....</b>	<b>37</b>
3.1. O sujeito “homossexual”.....	40
3.2. Estados nacionais e “direitos LGBTI”.....	43
3.2.1 Contexto venezuelano.....	43
3.2.1 Contexto brasileiro.....	47
3.3. Boa Vista.....	49
3.4. Notas teórico-metodológicas.....	54
<b>IV – Dissidências em entrelace.....</b>	<b>60</b>
4.1. Ovelha arco-íris.....	60
4.2. Um pouco mais livre.....	72
4.3. Somos irmãos.....	80
<b>V – Considerações finais.....</b>	<b>93</b>
<b>Referências.....</b>	<b>99</b>

## I - INTRODUÇÃO

Pessoas venezuelanas têm se deslocado em um intenso movimento migratório nos últimos anos para países fronteiriços como o Brasil. Conforme contabiliza a Organização das Nações Unidas (ONU, 2020), quase cinco milhões de venezuelanos/as se deslocaram do próprio país<sup>1</sup>. Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa cujo objetivo foi compreender alguns aspectos e dinâmicas destes processos migratórios na cidade de Boa Vista, no extremo norte brasileiro, a partir das narrativas de pessoas que se identificam como “homossexuais masculinos” e venezuelanos.

Considero a sexualidade como uma categoria estruturante nas experiências de migração seguindo a perspectiva interseccional, que conforme demonstrado por Crenshaw (2002), é urgente nas análises sobre discriminações e violências. A premissa desta abordagem analítica é basicamente compreender que alguns sujeitos estão expostos a mais de uma via de relações de poder. Nestes casos, entrecruzam-se violências baseadas em raça, classe, gênero, nacionalidade, religião etc. (CRENSHAW, 2002). Parto da ideia de que sujeitos que rompem com as convenções de gênero e sexualidade “estão particularmente expostos a situações de violência e discriminação” (CARRARA, 2013, p. 145). Considerarei também a hipótese de que ao transitar para um outro território nacional, a pessoa passa a ser interpelada por diferentes categorias de identificação, inserindo-se em novas relações, citando como exemplo “estrangeiro” “migrante” “refugiado”, e especificamente no caso do contexto pesquisado de “venezuelano”. Este último adjetivo, para alguns brasileiros, tem sido carregado de sentidos muitas vezes pejorativos. Isto tem acontecido particularmente nos últimos anos com a intensificação destes processos migratórios no país e com o recrudescimento de discursos e práticas tidas como xenofóbicas (SARMENTO; RODRIGUES, 2018).

Para compreender como estes marcadores operam e são operados, e mais especificamente como se entrelaçam em experiências interseccionadas, entrevistei três pessoas que possivelmente seriam diretamente implicadas nestas relações de poder conjuntas, Reinaldo, Ángel e Manuel<sup>2</sup>. A partir de conversas com eles pude tecer reflexões e associações sobre como ocorrem estas relações, propondo e problematizando conexões entre violência, sexualidade, migração e nacionalidade.

---

<sup>1</sup> UNITED NATIONS. “ONU quer “apoio urgente” para 5 milhões de venezuelanos que deixaram país BR”. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713342>>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

<sup>2</sup> Nomes fictícios, para preservar as informações pessoais dos entrevistados, conforme acordado por meio do Termo de Consentimento Esclarecido e Livre (TCLE).

## 1.1 A migração venezuelana em Boa Vista

Este movimento migratório tem sido classificado como uma migração do tipo Sul-Sul, isto é, diferentes mobilidades que ocorrem entre os países do chamado Sul Global. A este tipo de movimento, atribui-se como um importante fator as medidas de restrições à mobilidade humana nos países do chamado Norte Global, como os Estados Unidos e os países europeus (BAENINGER, 2018). No Brasil, um dos países receptores de milhares de pessoas venezuelanas, há uma transformação tão intensa - principalmente no estado de Roraima que faz fronteira com a Venezuela - que não se pode mais pensar a respeito da “migração venezuelana” como algo isolado da realidade do estado. Observamos muitas formas de posicionar esse fenômeno, conforme contextos e interesses próprios aos atores sociais que enunciam. Para as mídias tradicionais é uma “crise migratória”, para as agências internacionais das Nações Unidas trata-se uma “crise humanitária”, para o Estado brasileiro “calamidade pública”. A principal resposta organizada para essas pessoas que chegam é a Operação Acolhida, descrita como “força-tarefa logística humanitária”, que se inicia em 2018, comandada pelo Exército Brasileiro. A operação tem sido executada em Roraima e suas ações ocorrem em parceria com outros atores sociais, sendo os principais parceiros as agências internacionais humanitárias não-governamentais e também a sociedade civil, organizada ou não. Outros atores envolvidos nas respostas são os aparelhos da via executiva do Estado brasileiro, no caso o Governo do Estado de Roraima e as prefeituras municipais, principalmente de Boa Vista e Pacaraima, as duas cidades com mais migrantes e refugiados/as no estado<sup>3</sup>.

A Operação é organizada em três eixos: ordenamento na fronteira; o acolhimento, o que inclui os abrigamentos temporários<sup>4</sup> distribuídos na capital Boa Vista e em Pacaraima e a interiorização. No período de escrita desta dissertação entre 2019 a outubro de 2020 haviam treze abrigos em diferentes bairros, sendo dois deles específicos para pessoas indígenas. A interiorização tem ganhado cada vez mais força e sido priorizada pela operação. O objetivo desta estratégia é levar essas/es migrantes para outros estados brasileiros, para incluí-los/as

---

<sup>3</sup> Estas informações constam no site do Exército Brasileiro. In: EXÉRCITO BRASILEIRO, “Operação acolhida”. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/operacao-acolhida>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

<sup>4</sup> De acordo com o portal do Governo Federal sobre a operação, os abrigos são divididos em três tipos, para família, para solteiros e para indígenas, onze deles estão distribuídos em diferentes partes de Boa Vista e dois na cidade de Pacaraima. Nestes espaços são garantidas três refeições por dia para refugiados/as e migrantes e atividades recreativas e aulas de português. In: GOVERNO FEDERAL, “Operação acolhida”. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/historico/>. Acesso em 19 de jun. de 2020.

socioeconomicamente no país. Em junho de 2020, 35.567 pessoas venezuelanas foram interiorizadas para 376 cidades brasileiras<sup>5</sup>.

A distância de Pacaraima, cidade ao lado da cidade venezuelana Santa Elena de Uairén, até a capital roraimense é de 214 quilômetros. Sobre esse traslado, Luz (2019, p. 189) afirma que muitos migrantes “fazem o percurso a pé, levando vários dias até alcançar o destino. A quantidade de dias varia de acordo com as famílias, visto que alguns migram sozinhos outros trazem alguns familiares e seus pertences”. Uma das características apontada por Vasconcelos (2018) é que o alimento é um fator central para explicar as atividades dos/as venezuelanos/as na cidade. Com o objetivo de arrecadar dinheiro para que a família na Venezuela se alimente, se veem obrigados a aceitar relações de trabalho extremamente precarizadas e em alguns casos análogas à escravidão, em áreas como construção civil e fazendas nos interiores principalmente (VASCONCELOS, 2018). Apesar de alguns conseguirem trabalhos formais, com carteira assinada (o que é difícil, porque trata-se de uma cidade em que o funcionalismo público é a principal forma de geração de renda), com o advento dos/as migrantes e refugiados/as há um crescimento visível de algumas atividades como vendas ambulantes, panfletagens de supermercado, limpeza de para-brisas nos semáforos, dentre outras.

Não são raras as reações negativas frente ao “estrangeiro” principalmente por parte dos roraimenses. A violência contra o/a migrante pode ser simbolizada em eventos como um episódio em março de 2018, em que um grupo de brasileiros invadiu um prédio ocupado por venezuelanos em Mucajaí (município ao lado de Boa Vista), expulsou os migrantes e incendiou seus pertences<sup>6</sup>.

Além das violências incitadas por pessoas da sociedade civil, a militarização das políticas migratórias nos estados que mais recebem migrantes e refugiados tem levado a alguns questionamentos, situados no paradoxo entre o humanitarismo e militarismo debatido por Vasconcelos e Santos (2020). Há relatos trazidos por migrantes de que a ação militar na cidade de Manaus, capital do Amazonas que também recebe muitas pessoas venezuelanas, foi “*autoritaria, irrespetuosa y truculenta*” (VASCONCELOS; SANTOS, 2020, p. 99). Neste sentido, há uma complexa reprodução da lógica contraditória entre humanismo e securitização presente nas políticas de governança migratória atuais (FELDMAN-BIANCO, 2015).

---

<sup>5</sup> Estas informações foram acessadas no site do Governo Federal. In: GOVERNO FEDERAL, “Operação acolhida”. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/historico/>. Acesso em 19 de jun. de 2020.

<sup>6</sup> Essas informações estão no artigo de Sérgio Ramalho. In: RAMALHO, Sérgio. “Virou rotina agredir e assassinar venezuelanos em Roraima. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>. Acesso em: 21 de jun. de 2020.

<sup>7</sup> Utilizo itálico para demarcar palavras em outros idiomas, que não o português.

Estas transformações na região se intensificam a partir de 2015<sup>8</sup>, momento em que este movimento migratório aumentou consideravelmente. Como mencionado, para o Estado brasileiro estes eventos são vistos pela ótica da emergência, instaurando um clima constante de Estado de exceção. Inclusive, no momento da escrita desta dissertação, há um novo motivo para a manutenção desse clima, a pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), que serviu de justificativa para o fechamento da fronteira Brasil-Venezuela<sup>9</sup>.

A partir deste acontecimento e seus desdobramentos, principalmente as ações empreendidas pela Operação Acolhida, a cidade se reconfigura, instauram-se neste espaço múltiplas tecnologias de administração desses sujeitos em trânsito por meio de atores sociais. Em certa medida, remonta-se às características de uma sociedade normalizadora, como a descrita por Foucault (2014, p. 156), entendendo-a como “o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida”. Estas pessoas em trânsito passam a ser geridas de acordo com diferentes características inteligíveis, como as identidades de gênero/sexualidades não normativas, que têm sido representadas pela sigla “LGBTI”. Esta sigla é utilizada pelas Nações Unidas e tem, em certa medida, organizado e estruturado certas práticas de gestão migratória (FRANÇA; FONTGALAND, 2020).

## 1.2 Sobre os/as migrantes “LGBTI”

A sigla LGBTI busca representar “lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e intersexuais”. De acordo com França e Fontgaland (2020, p. 63), este termo “população LGBTI” tem sido acionado neste contexto de gestão migratória e, como observam, “no plano dos sujeitos revela-se a negociação dessas categorias, contrariando certa tendência ao seu engessamento”. Neste cenário, destaca-se o abrigo Latife Salomão, no centro da cidade, administrado por uma agência humanitária e pelo Exército Brasileiro. De acordo com Fonseca (2020) é comumente entendido como o abrigo que acolhe a maioria das pessoas venezuelanas que não são identificadas como cisgênero<sup>10</sup> ou heterossexual. Ele foi formado após a praça Simón Bolívar ter sido fechada pela prefeitura, uma praça próxima à rodoviária. Até ser fechada

---

<sup>8</sup> Antes disso, como aponta Silva (2017, p. 4), “pode-se afirmar que historicamente a mobilidade na região foi dominada pela ida de brasileiros para a Venezuela, assim como para toda a região do planalto das Guianas”.

<sup>9</sup> Quanto a este assunto, considera-se as discussões de Giorgio Agamben a respeito do Estado de Exceção como uma técnica de governo utilizada nos Estados-Nações. AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. Trad. Iraci D. Poletti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>10</sup> De acordo com Jesus (2012, p. 14), cisgênero é um “conceito ‘guarda-chuva’ que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”. Por vezes, utilizo “cis” como um diminutivo.

por uma suposta “manutenção”, o espaço abrigava diversas pessoas venezuelanas (FONSECA, 2020).

A partir da retórica da vulnerabilidade operacionalizam-se diferentes grupos populacionais, considerando que além das adversidades que as fizeram deixar seu país e das encontradas no traslado e no país receptor, as pessoas venezuelanas que não se enquadram como heterossexuais e cisgênero deparam-se também com outros tipos de discriminações e violências. De acordo com os princípios de Yogyakarta, um importante documento que tem norteado as práticas em direitos humanos para esta população desde a sua publicação<sup>11</sup> (CLAM, 2004, p. 7):

O rol dessas violações inclui execuções extra-judiciais, tortura e maus-tratos, agressões sexuais e estupro, invasão de privacidade, detenção arbitrária, negação de oportunidades de emprego e educação e sérias discriminações em relação ao gozo e outros direitos humanos. Estas violações são com frequência agravadas por outras formas de violência, ódio, discriminação e exclusão, como aquelas baseadas na raça, idade, religião, deficiência ou status econômico, social ou de outro tipo.

Em um contexto internacional, nota-se que as recentes discussões sobre dispositivo jurídico do “refúgio LGBTI” unem esses dois fenômenos: as migrações internacionais e as expressões e identidades sexuais/de gênero dissidentes. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), órgão das Nações Unidas que administra a situação de refugiados/as e solicitantes de refúgio no mundo inteiro, do ponto de vista jurisprudencial, considera que “ser LGBTI” equivale a pertencer à categoria de “grupo social” que a Convenção de 1951 sobre o Estatuto das Pessoas Refugiadas<sup>12</sup> e o Protocolo de 1967 definem como um motivo válido para fundado temor de perseguição, portanto, de solicitação de refúgio.

Há uma característica importante a ser considerada nas solicitações de status de refugiado por parte dos/as venezuelanos/as no Brasil, dada a quantidade de solicitações (só em 2018 foram 61.681 solicitações). Desde junho de 2019 o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) reconheceu “grave e generalizada violação de direitos humanos” na Venezuela<sup>13</sup>. Por conta desta decisão, provavelmente perdem-se as informações quanto ao tipo de fundado temor que justifica a solicitação de refúgio.

---

<sup>11</sup> Este documento será apresentado com mais detalhamento no capítulo ‘Deslocamentos e sexualidades dissidentes’.

<sup>12</sup> ACNUR. “Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951)”. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)>. Acesso em: 16 de set. de 2020.

<sup>13</sup> MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. “Conare reconhece como refugiados 17 mil venezuelanos”. Disponível em: <<https://www.novo.justica.gov.br/news/conare-reconhece-como-refugiados-17-mil-venezuelanos>>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.



No entanto, dados divulgados especificamente sobre o “refúgio LGBTI” pelo Ministério da Justiça e pelo ACNUR em uma plataforma com informações a respeito desta modalidade de refúgio<sup>14</sup> apontam que de 2010 a 2018 haviam oito solicitações de venezuelanos/as com base no fundado temor de perseguição ligada a identidade de gênero e orientação sexual<sup>15</sup>. Oito é um número pouco representativo, considerando que, ainda de acordo com estes dados publicados em 2018, houveram 369 solicitações gerais de refúgio em que os solicitantes de diversas nacionalidades formalizaram que o temor de perseguição estava ligado à violência e discriminação baseadas em gênero e sexualidade (ACNUR, 2018).

Contrariando o número ínfimo de apenas oito solicitações de refúgio por perseguição baseada em gênero e sexualidade na Venezuela, publicado em 2018, alguns elementos levam a considerar uma possível existência de perseguição por orientação sexual e identidade de gênero. A mídia internacional reportou a seguinte fala do presidente venezuelano Nicolás Maduro: “*Eu, sim, tenho mulher. Escutaram? Eu gosto de mulheres*”. Isto aconteceu em 2013 em uma campanha, e seria uma insinuação a respeito da suposta homossexualidade do adversário Henrique Capriles. No momento da provocação, Maduro beijou sua mulher para atestar seu argumento de que ao contrário de seu adversário, ele é heterossexual. “*Maricon*”, “*capriloco*”, “*senhorito*” diz o líder da Venezuela ao seu opositor<sup>16</sup>. Do outro lado da fronteira: “*O Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias*”, diz Bolsonaro, o presidente do Brasil<sup>17</sup>. Se inimigos do ponto de vista político, ou ideológico, talvez na injúria discriminatória com base na sexualidade eles se encontram. Os discursos dos presidentes são talvez um indicativo de que na visão dos governantes, ser *gay* equivale a ser inferior. As semelhanças nestes discursos nos fazem pensar que a violência contra o sujeito demarcado como homossexual legitimada pelos próprios governantes é uma realidade presente nos dois países.

Seguindo essa perspectiva mais ou menos comparativa, trago dois casos de refugiados/as LGBTI divulgados em uma notícia pelo ACNUR (2020) que acrescentam

---

<sup>14</sup> ACNUR, “Governo e ACNUR lançam relatório “Refúgio em números” e plataforma interativa sobre reconhecimento da condição de refugiado” 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/07/25/governo-e-acnur-lancam-relatorio-refugio-em-numeros-e-plataforma-interativa-sobre-reconhecimento-da-condicao-de-refugiado-no-brasil/>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

<sup>15</sup> Os dados referentes a estas solicitações foram colhidos na página do ACNUR. In: ACNUR. “Refúgio LGBTI”. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/refugiogbti/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

<sup>16</sup> Estas informações foram acessadas por meio do portal de notícias El País. “Chavismo homofóbico”. In: EL PAÍS. <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/10/opinion/1491860659\\_262989.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/10/opinion/1491860659_262989.html)>. Acesso em: 17 de jul. de 2020.

<sup>17</sup> Trecho da fala de Bolsonaro durante café da manhã com imprensa no dia 25 de abril de 2019. A fala foi divulgada por veículos midiáticos nacionais, o que gerou bastante repercussão principalmente porque ele se manifestou favorável ao turismo sexual desde que os estrangeiros venham para transar com as mulheres, como objetos sexuais.

elementos importantes que talvez ajudem a avançar neste olhar comparativo entre os dois países<sup>18</sup>. A fala de Albany Rodriguez<sup>19</sup>, identificada como uma mulher trans refugiada, que foi interiorizada denuncia a impossibilidade de transição de gênero no país: “*Eu acho que teria sido impossível fazer a transição na Venezuela*”, disse ela, acrescentando que na Venezuela as pessoas transgênero podem enfrentar insultos e violências até de seus próprios familiares.

Conforme o texto jornalístico, Albany deixou a Venezuela em 2016, depois dos seguintes acontecimentos:

Em 2014, o irmão de Albany\* foi assassinado. Logo depois, sua melhor amiga sucumbiu ao câncer depois que ela não conseguiu acessar o tratamento. Em 2016, Albany fez as malas e comprou uma passagem de ida para o Chile, juntando-se agora aos mais de 5 milhões de venezuelanos que vivem fora do país em meio à crise (ACNUR, 2020)<sup>20</sup>.

No trecho acima é possível perceber dois fatores comuns nos relatos dos/as refugiados/as, a violência e as deficiências na assistência médica no país. Na mesma notícia, há o relato de John Gabriel<sup>21</sup>, identificado como homem *gay* de com 25 anos de idade, que também foi interiorizado e estava trabalhando durante a publicação da matéria em uma universidade de Brasília. Ao chegar em Boa Vista, John não teve acesso direto à moradia e precisou ficar nas ruas antes de ser abrigado e posteriormente interiorizado. Sobre o período que morava na Venezuela, rememora:

“Eu tinha medo de ser espancado”, disse ele, acrescentando que sua mãe e irmãos, que sempre aceitaram sua orientação sexual, também estavam com medo por ele. John\* Gabriel até cultivou uma “aparência hétero”, escondendo sua verdadeira orientação sexual de todos, exceto de seu círculo íntimo de confiança na família e nos amigos (ACNUR, 2020).

Não sendo exclusiva à Venezuela, a violência baseada em gênero e sexualidade tem sido denunciada em território brasileiro de forma frequente e Roraima não parece ser uma exceção. Como posiciona o relatório do Grupo Gay da Bahia de 2018, o estado em questão foi o sexto com mais assassinatos de LGBT+ por habitante no Brasil (GRUPO GAY DA BAHIA, 2018).

---

<sup>18</sup> Estes são alguns recortes da matéria publicada pelo ACNUR. “Refugiados LGBTI da Venezuela recomeçam a vida em países de acolhida”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/05/15/refugiados-lgbti-da-venezuela-recomecam-a-vida-em-paises-de-acolhida/>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

<sup>19</sup> Este é um nome criado para substituir o nome verdadeiro.

<sup>20</sup> ACNUR. “Refugiados LGBTI da Venezuela recomeçam a vida em países de acolhida”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/05/15/refugiados-lgbti-da-venezuela-recomecam-a-vida-em-paises-de-acolhida/>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

<sup>21</sup> Este também é um nome fictício.

Dada a sua pertinência para essa apresentação, trago um acontecimento que simboliza a convergência destes dois “tipos” de violência e que leva a pensar que talvez o modelo de causa/efeito do “refúgio LGBTI” possa não se aplicar na migração venezuelana justamente porque pessoas “LGBTI” não estariam mais protegidas no Estado brasileiro. Refiro-me à morte da travesti venezuelana Stefany Tablante, de 27 anos<sup>22</sup>. De acordo com reportagem foram mais de 20 facadas e o possível responsável pelo assassinato alegou legítima defesa. O crime ocorreu na Orla Taumanan, localizada no centro histórico de Boa Vista.

O assassinato de Stefany com requintes de crueldade pode levar à hipótese de que talvez o *script* do refúgio por orientação sexual/identidade de gênero não seja tão “reproduzível” ou “identificável” na migração de pessoas que se identificam como “LGBTI” venezuelanos/as por dois fatores. O primeiro fator a ser considerado é que o Estado brasileiro não é consensualmente um país em que não há violências baseadas em gênero e sexualidade<sup>23</sup>.

O segundo fator é que, ao virem ao Brasil, as pessoas venezuelanas identificadas como dissidentes do ponto de vista sexual e de gênero poderiam ser lançadas a mais um marcador de discriminação e violência, que pode ser entendido como xenofobia. Portanto, talvez, em vez de mais protegidos/as, existe a possibilidade que eles/as sejam mais expostos/as. É necessário considerar que principalmente em Roraima, os índices e relatos apontam para uma cultura de violência baseada em gênero e em orientação sexual e muitos eventos levam a constatação da forte presença de ações xenofóbicas. Portanto, as precariedades não necessariamente se encerrariam com este deslocamento e em certa medida poderiam ser duplicadas.

Buscando tatear este universo, esta pesquisa se volta para as narrativas de pessoas que se identificam como gays e migrantes, cujo corpo é onde, presume-se, estas dinâmicas de violências e discriminações descritas desaguam. Aglutino as experiências e narrativas centralizando na categoria “homossexualidade masculina”, tendo em vista que apesar do sentido político e prático do agrupamento “LGBTI”, cada sigla representa uma infinidade de nuances, possibilidades, vulnerabilidades, pertencimentos e especificidades. O que demanda que pesquisas como esta façam recortes empíricos, uma vez que cada uma destas identidades carrega singularidades. Como um exemplo de discussão particular à homossexualidade

---

<sup>22</sup> Decido manter o nome original dela, considerando que seu assassinato teve uma certa repercussão local, mobilizando alguns protestos contra as violências baseadas em gênero e nacionalidade no estado. In: FOLHA DE BOA VISTA, “Homem que matou travesti a facadas se apresenta a polícia e alega legítima defesa”. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Homem-que-matou-travesti-a-facadas-se-apresenta-a-policia-e-alega-legitima-defesa/33545>>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

<sup>23</sup> Como problematiza Irineu (2019). Esta discussão sobre “direitos LGBTI” será aprofundada no capítulo ‘Homossexualidades em movimento’.

masculina, ponto que talvez ao contrário das pessoas que se identificam como trans, o “homem *gay*” pode (ou não) cultivar “aparência hétero”.

Na maioria das vezes os termos “*gay*” e “homossexual” são utilizados como sinônimos na presente pesquisa, reproduzindo uma certa “equivalência” prática observada no campo empírico. Refiro-me necessariamente a indivíduos que se autoidentificam assim. Ou seja, não se aplica a lésbicas, mulheres (cisgênero ou transgênero) que se relacionam afetivamente e sexualmente com outras mulheres, mesmo que, cotidianamente, às vezes, elas também se identifiquem ou sejam identificadas como *gays*<sup>24</sup>. Duas perguntas guiaram a pesquisa. São elas: Como estes marcos identitários (“*gay*” e “migrante”) operam e são operados em experiências interseccionadas? E o que as narrativas de sujeitos interpelados por estes têm a dizer sobre este contexto migratório?

Esta dissertação foi dividida em três capítulos, sendo o primeiro deles intitulado ‘Deslocamentos e sexualidades dissidentes’, em que trarei algumas discussões teóricas a respeito das migrações internacionais contemporâneas e sobre articulações entre mobilidade e sexualidade a partir do sexílio e do refúgio por orientação sexual e identidade de gênero, um recente dispositivo jurídico de proteção internacional. No segundo capítulo ‘Homossexualidades em movimento’ faço uma revisão teórica sobre gênero e sobre a invenção sujeito “homossexual”, em seguida uma discussão sobre os chamados “direitos LGBTI” nos Estados nacionais Brasil e Venezuela. Ainda neste capítulo, trago um exercício de escrita autoetnográfica sobre a cidade de Boa Vista e encerro com apontamentos teórico-metodológicos da pesquisa. No terceiro capítulo ‘Dissidências em entrelace’ reúno três textos que escrevi a partir das entrevistas feitas com sujeitos que se identificam como venezuelanos e homossexuais/*gays* e que estavam residindo em Boa Vista durante a entrevista.

---

<sup>24</sup> Como pontua Carrara (2013, p. 146), “a expressão *gay* tem sido de modo geral utilizada como sinônimo para homem homossexual, mesmo que no plano social, mulheres lésbicas e também travestis utilizem o termo para expressar sua identidade”.

## II – DESLOCAMENTOS E SEXUALIDADES DISSIDENTES

Estudos sobre a homossexualidade em uma perspectiva histórica levam a percepção de que não são raras as situações em que um sujeito assim identificado vai para a cidade, com o objetivo de escapar das limitações sociais e sexuais da vida tradicional, principalmente no contexto europeu (ALDRICH, 2004). A relação entre homossexualidade e mobilidades ganha novos contornos e sentidos nas últimas décadas depois de múltiplas transformações históricas e culturais da sociedade ocidental, o que incita questionamentos complexos que têm convocado estudiosos/as para elaborações teóricas que permitam compreendê-las. Diante disto, o objetivo deste capítulo é apresentar e discutir articulações entre os deslocamentos (ou migrações) e as identidades sexuais dissidentes com foco em algumas produções teóricas. Primeiro apresento o cenário das chamadas migrações internacionais, elencando algumas das chaves analíticas possíveis para a compreensão deste tema. Em seguida centralizo estas articulações no sexílio, evocando o que chamo de perspectiva latino-americana. Após isso, trago algumas teorizações sobre migração na perspectiva *queer*, associadas ao contexto de produção intelectual anglófona. Por fim, proponho uma discussão sobre o “refúgio LGBTI”, encerrando o capítulo com uma apresentação dos estudos recentes sobre a migração venezuelana na perspectiva da diversidade sexual e de gênero.

### 2.1 Migrações internacionais

Nos últimos anos os processos migratórios entre os Estados-Nações têm estado cada vez mais presentes nos debates públicos, causando intensas agitações no âmbito das políticas de direitos humanos, nas relações internacionais, mídias e em movimentos sociais e políticos (PATARRA, 2006). Estas dinâmicas têm ganhando cada vez mais expressividade, o que está atrelado às mudanças advindas da reestruturação pela qual a sociedade passou e passa nas últimas décadas (PATARRA, 2006). De acordo com Castles (2010, p. 17) “as migrações aumentaram mais do que nunca nos últimos 30 anos por causa do passo acelerado da globalização”. Esses fenômenos têm sido compreendidos tal qual uma expressão de como a sociedade tem se organizado e como o processo de crescimento global tem produzido desigualdades e violências (CASTLES, 2010). Como caracteriza Bauman (2017, p. 9):

O fluxo de refugiados impulsionados pelo regime de violência arbitrária a abandonar suas casas e propriedades consideradas preciosas, de pessoas buscando abrigo dos campos de matança, acrescentou-se ao fluxo constante dos chamados “migrantes

econômicos”, estimulados pelo desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde: de terras empobrecidas, sem perspectiva alguma, para lugares de sonho, ricos em oportunidades.

O aumento desses processos migratórios nas últimas décadas é também percebido por Sassen (2016), que afirma que, paralelamente ao crescimento econômico, tem se intensificado complexidades que geram brutalidades na economia global mundial. De acordo com a autora, “nossas economias políticas avançadas criaram um mundo em que a complexidade tende a produzir brutalidades elementares com demasia” (SASSEN, 2016, p. 10). Uma forte expressão dessas brutalidades são os trabalhadores de baixa renda que são expulsos de um território para outro. De acordo com ela, na América Latina (assim como em alguns países da África e da Ásia Central) os recursos naturais são favorecidos em detrimento das pessoas que residem nessas regiões, o que sugere uma atualização do capitalismo, que não necessariamente priorizará a figura do trabalhador/consumidor (SASSEN, 2016).

É possível constatar que nas últimas décadas essas atualizações do capitalismo têm resultado em uma sociedade na qual há a livre circulação do capital e, em paralelo a isso, há a criação sistemática de mecanismos de restrição à mobilidade humana (OLIVEIRA, 2016). Neste sentido, vê-se a efervescência de representações negativas a respeito do “estrangeiro”, como um problema para a soberania dos Estados nacionais, alguém que supostamente gera gastos na saúde pública, comete crimes, e precisa ser combatido.

Em diferentes contextos migratórios, formas de discriminações contra o sujeito percebido como “estrangeiro” tem sido uma marca presente nas relações entre a sociedade receptora e as pessoas migrantes. Para Bauman (2017, p. 10):

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como o são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar.

O autor percebe que há, por parte da sociedade receptora, o que ele chama de “pânico moral”, um sentimento coletivo de ansiedade e medo frente ao outro que se apresenta como desconhecido. Para explicar este fenômeno, Bauman (2017) recorre a uma fábula sobre lebres que, buscando afugentar-se de cavalos selvagens, correm em direção a um lago. Ao se aproximarem da margem, veem rãs, também amedrontadas que mergulham primeiro. A moral da fábula é evidenciar que existe uma satisfação em perceber que há alguém em condições piores. Como argumenta:

Para os indesejáveis que suspeitam ter chegado ao fundo do poço, a descoberta de outro fundo abaixo daquele em que eles próprios foram lançados é um evento de lavar a alma, que redime sua dignidade humana e recupera o que tenha sobrado de autoestima. A chegada de uma massa de migrantes sem teto, privados de direitos humanos não apenas na prática, mas também pela letra da lei, cria a (rara) chance de um evento assim. Isso ajuda muito a explicar a coincidência da recente migração em massa com o crescente sucesso da xenofobia, do racismo e da variedade chauvinista de nacionalismo; e o sucesso eleitoral, ao mesmo tempo espantoso e inédito, de partidos e movimentos xenofóbicos, racistas e chauvinistas, e de seus belicosos líderes (BAUMAN, 2017, p. 12).

Além disso, a presença de migrantes incomoda também porque, como explica Bauman (2017, p. 13), “eles são personificações do colapso da ordem”. No sentido de que a vinda destas pessoas faz com que os locais, inclusive as pessoas privilegiadas destas sociedades receptoras, lembrem-se da incapacidade de antever ou controlar forças estruturais, produtoras de incertezas. O que Bauman (2017, p. 13) chama de “forças globais, distantes, ocasionalmente mencionadas, mas em geral despercebidas, intangíveis, obscuras, misteriosas e difíceis de imaginar, poderosas o suficiente para interferir também em nossas vidas”.

Sayad (1998) também traz importantes contribuições e formulações teóricas a respeito da imigração, tendo como pano de fundo a análise de imigrantes da Califórnia para França. O autor define a imigração como um “fato social completo” (SAYAD, 1998, p. 15), que se estabelece a partir de um sistema de ilusões e dissimulações que são mantidos pela comunidade de emigração, pela sociedade receptora e pelo próprio imigrante. Sayad (1998) traz análises sobre diversos âmbitos que constituem a “imigração”, dando ênfase ao trabalho e à habitação. Explorou o âmbito simbólico da imigração e as implicações da figura do imigrante na chamada sociedade de imigração. De acordo com ele:

A imigração, em sua forma atual, constituiu uma provação para a ordem nacional, uma espécie de desafio para o conservadorismo social e político que os dominantes desejam manter e, mais amplamente, todos aqueles que têm interesse (e com frequência interesses simbólicos mais do que interesses materiais) na manutenção do *status quo* (SAYAD, 1998, p. 21).

A teorização de Sayad (1998) evidencia as formas pelas quais a imigração pode ser compreendida pela sociedade de imigração, que de acordo com ele nascem por meio de concepções etnocêntricas. Aponta que o imigrante tende a ser visto como um devedor, como se estivesse de favor na sociedade de imigração, quando na verdade essa sociedade está usufruindo de sua mão de obra. Para o autor, evidenciando o caráter ilusório da imigração, “uma das características fundamentais do fenômeno da imigração é que, fora algumas situações

excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade” (SAYAD, 1998, p. 45). Sayad (1998) traz importantes formulações sobre as categorias “provisório” e “permanente”, identificando um paradoxo fundante da experiência de imigração. Ele estabelece que neste fato social completo, há uma dupla contradição: “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento do provisoriedade” (SAYAD, 1998, p. 45).

O autor estabelece dois elementos que definem o estatuto do imigrante: o trabalho e a moradia. É só a partir de uma habitação e um empregador que o imigrante passa a se oficializar. Um imigrante desempregado seria um paradoxo inaceitável. Revela conexões entre a forma que o trabalho e a moradia se estruturam na vida do imigrante, para ele “a habitação do imigrante só pode ser o que o imigrante é: uma habitação excepcional, como é ‘excepcional’ a presença do imigrante, uma habitação de emergência para uma situação de emergência” (SAYAD, 1998, p. 75). É no âmbito das moradias que Sayad (1998) revela duas necessidades que se opõem na vida do imigrante, a primeira sendo a necessidade de se “agrupar” a segunda, a necessidade de se “individualizar”. Define como etnocêntrica a percepção de que a classe de imigrantes é homogênea. A teorização de Sayad (1998) oferece os primeiros instrumentos importantes para compreender as nuances das migrações, considerando também o âmbito subjetivo dos imigrantes.

## **2.2 Sexílio e o contexto latino americano**

Apesar das tendências globais aqui abordadas ligadas às estruturas econômicas exercerem um papel fundamental para explicar as migrações internacionais (que em certa medida podem ser compreendidas como expulsões), é necessário que não se perca de vista o protagonismo dos/as migrantes. Como pontua Castles (2010), existe um campo próprio dos/das migrantes em que se localiza fatores importantes no processo migratório como a autonomia, percepções, projetos, intenções, incluindo processos de resistência, que por vezes é desprezado nas análises e pesquisas sobre migrações internacionais<sup>25</sup>. Além disto, como afirma Teixeira (2015), as teorias clássicas sobre as migrações internacionais partem de pressupostos heterossexistas e genéricos que tendem a ver o migrante somente como um trabalhador, homem

---

<sup>25</sup> No texto original este campo é nomeado de *agency*. Na versão traduzida por Luana Faria em português, utiliza-se o termo ação humana.



e cisgênero. Nesse sentido, perde-se de vista outras importantes dimensões para compreender os processos migratórios em suas complexidades e singularidades.

O documentário *Sexual Exiles*, de 1999, dirigido pela venezuelana Irene Sosa, traz falas de migrantes latino-americanos e asiáticos, homossexuais e lésbicas, que no momento da gravação residiam nos Estados Unidos. O longa-metragem retrata a perspectiva de algumas pessoas que buscam viver com mais dignidade e liberdade suas identidades/orientações sexuais dissidentes no país, afastando-se das discriminações e das violências dos seus países de origem. Um dos entrevistados relata que:

Alguém que é exilado por razões políticas e econômicas tem que deixar seu país, tudo isso com o sonho de retornar. Essa situação específica vai mudar, e você será capaz de voltar e se você se tornar rico, as pessoas vão lhe receber muito bem. Se o sistema político mudar você será recebido como um herói. No nosso caso nós nos tornamos exilados por gostarmos de quem nós somos, e isso fecha a possibilidade de voltarmos, já que gostamos de quem somos. Porque para voltar precisaríamos voltar a odiar quem somos (*Sexual Exiles*, 1999 – recortes de narrativas).

Este trecho especificamente representa uma das singularidades deste tipo de deslocamento. É possível chamá-lo de exílio sexual ou sexílio, termo este que tem se difundido nos últimos anos e que passou a ser discutido teoricamente pela academia a partir de 2000 (REZENDE, 2018). O que se evidencia neste tipo de migração é a impossibilidade que o sujeito migrante tem de conciliar sua identidade com o retorno ao país de origem, anunciando uma complexidade particular e pouco considerada nos estudos migratórios. De acordo com La Fountain Stokes (2004, p. 144), “esta migração às vezes tem como simples objetivo se distanciar da família e da comunidade<sup>26</sup>”. O autor estabelece que geralmente o destino escolhido são lugares conhecidos por serem mais tolerantes para *gays* e lésbicas, e que possam ter comunidades estabelecidas, proteções no âmbito legislativo, acesso a medicações para AIDS etc.

Há muitos exemplos de pessoas que migraram para outro país em razão de sua identidade/orientação sexual não-normativa na literatura. La Fountain-Stokes (2004) cita autores como Manuel Puig, que se exilou no Brasil e no México; os cubanos Reinaldo Arenas e Severo Sarduy que vão aos Estados Unidos e à França respectivamente; os porto-riquenhos Manuel Ramos Otero, Luz María Umpierre, Frances Negrón-Muntaner, que vão aos Estados Unidos e muitos outros autores que produziram um acervo muito rico sobre o que La Fountain-

---

<sup>26</sup> Tradução livre.

Stokes (2004) chama de “*diáspora queer*”<sup>27</sup>. Este acervo exemplifica como o fator da sexualidade se mostra como um possível disparador de mobilidades também.

É certo que o acervo mencionado e o documentário de Sosa (1999) retratam dinâmicas migratórias de décadas atrás, e que os autores citados nos remetem a outros contextos históricos e políticos, mas estes exemplos simbolizam uma dinâmica migratória que pode ser percebida no presente, apesar de que estes processos migratórios são atualizados constantemente de acordo com as (re)organizações da sociedade.

Em uma tentativa de atualizar as discussões sobre o sexfílio, é fundamental considerar o aumento do já mencionado “pânico moral”, percebido por Bauman (2017), que surge nas sociedades receptoras frente ao/à migrante. Portanto, é necessário que se recorra a uma perspectiva interseccional, como propõe Crenshaw (2002), tendo em vista que trata-se de um sujeito cujo processo migratório será no mínimo marcado por duas vias de poder, sexualidade e nacionalidade. Rezende (2018) traz a ideia de uma experiência de dupla alteridade, por haver simultaneamente um deslocamento geográfico e uma dissidência sexual, portanto o sujeito migrante não-heterossexual é colocado do ponto de vista discursivo como “outro” em duas vias diferentes.

O mapa que a associação internacional ILGA (The International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association) disponibilizou em 2019 evidencia que: se em alguns países as pessoas que não se identificam como heterossexuais e cisgênero tem conquistas no reconhecimento de direitos como união civil homoafetiva e nome social para população trans, em outros países relações consensuais entre pessoas adultas do mesmo sexo são criminalizadas e podem até levar a prisão perpétua ou a pena de morte (ILGA, 2019). Então basta recorrer ao âmbito legislativo dos Estados-Nações para perceber vulnerabilidades que as pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes enfrentam, uma vez que os Estados em alguns casos não só se omitem em oferecer proteção social a essa população, como potencializam essa vulnerabilidade por meio de sistemas legislativos punitivos.

Se a intenção é localizar geograficamente as discussões sobre as identidades e a cultura “LGBTI” seria inevitável considerar o Estados Unidos da América como a sede de muitos acontecimentos importantes não raramente tidos como inaugurais. É nos Estados Unidos que se inicia um movimento de liberação, no que diz respeito à sexualidade, aos *gay rights*. Foi lá

---

<sup>27</sup> A transposição do termo *queer* para o contexto pesquisado não pode ser feita sem ressalvas, uma vez que o termo se origina na realidade estadunidense e europeia e no Brasil é reverberado principalmente no meio acadêmico, atrelado ao que se conhece por “*estudos queer*” ou “*teoria queer*”, o que não necessariamente garante aplicabilidade no cotidiano brasileiro ou latino-americano.

onde ocorreu a conhecida Revolta de *Stonewall*, tida como um marco do início do movimento LGBTI. De acordo com Fry e MacRae (1983, p. 96), em junho de 1969, em Nova Iorque, a polícia tentou interditar um bar chamado Stonewall Inn, em uma região conhecida como “gueto homossexual”. Isto despertou uma revolta nas pessoas presentes, o que ocasionou um confronto que durou um final de semana. Como argumenta La Fountain-Stokes (2004), este evento trouxe uma organização política até então inusitada para o movimento. Há de se enfatizar que foi protagonizado por um grupo de travestis latinas e afro-americanas que se rebelaram contra a polícia. Enfatiza-se também a participação essencial de Ray Sylvia Rivera, uma porto-riquenha que teve um papel essencial no ativismo político dos anos setenta (LA FOUNTAIN-STOKES, 2004). La Fountain-Stokes (2004) aponta para o que denomina de *white-washing*<sup>28</sup>, no que diz respeito à história do movimento por direitos sexuais nos E.U.A. considerando que é pouco reconhecido o protagonismo latino e negro nas lutas.

Sobre os paradoxos que envolvem o pertencimento para pessoas não-heterossexuais, no documentário de Sosa (1999) há uma fala bastante emblemática por retratar um medo que assola o entrevistado e que simboliza a ambivalência do sexílio:

Yo vivi veinte y cinco años en Colombia y Venezuela, y por mas que trate... En esos dos países, es como sí he dechado raíces ahí, y entonces es como se tuviera que arrancar a ti mismo y ponerte tratar de echar raíces en otro lado, donde la terra es un poquito más fría, donde el agua no es igual. Ahí donde tu echaste raíces originalmente, donde todo te gusta, a nivel humano. Resulta que a nivel social te perjudicas, resulta que a nivel social, tu tío te puede matar por ser maricon. Entonces tienes que ir alá saludar, ser turista en tu propia terra (*Sexual Exiles*”, 1999 – recortes de narrativas).

Na fala trazida percebe-se o sofrimento, que é um fator que não pode ser desconsiderado na compreensão de dinâmicas de deslocamento de pessoas não-heterossexuais. É um sofrimento que parte de um medo que não é só simbólico, é da ordem do real. Os discursos tornam os “viados” “bixas” “culeros” “maricons”<sup>29</sup> matáveis. Elas e eles representam a vergonha para as famílias, algo que “precisa morrer” e que “merece ser matado”. É importante considerar o plano subjetivo no estudo destes deslocamentos, principalmente porque a/o migrante não é só uma peça em um jogo alheio a ela/ele. Como já mencionado os afetos, medos, alegrias, sonhos também devem ser considerados como decisivos nos processos migratórios. Contudo, esta visão pode também levar a concepção errônea de que há em todos os casos uma

---

<sup>28</sup> ‘*White-Washing*’ seria algo como um apagamento das identidades étnicas e raciais não-brancas, e uma substituição dessas identidades por uma imagem de branquitude.

<sup>29</sup> Estes são alguns termos que são evocados pejorativamente para inferiorizar alguém principalmente no contexto latino-americano.

intencionalidade e um projeto por parte da pessoa que se desloca, como se houvesse uma deliberação planejada e autônoma. É importante assinalar que no caso de pessoas não identificadas como heterossexuais e cisgênero estes deslocamentos podem estar inseridos em uma lógica de expulsão, portanto, são deslocamentos compulsórios.

Braga (2019) mobiliza o conceito de sexílio assinalando o caráter compulsório e propondo um recorte latino-americano. Trazendo a análise sobre o sexílio para esta região, é fundamental considerar as noções de masculinidade e de família como imposições históricas, ligadas ao caráter colonial da constituição da América Latina. Braga (2019) afirma que relações de gênero que implicavam em uma hierarquia entre o feminino e o masculino eram evidentes nas sociedades indígenas pré-coloniais no continente americano. No entanto, de acordo com ele, a chegada do povo europeu resultou em uma imposição mais incisiva do sistema patriarcal. Com a colonização, haveria, portanto, a solidificação da organização hierárquica em que o homem branco cis europeu estaria no topo, criando assim um paradigma que ressoa até aos dias atuais (BRAGA, 2019).

Braga (2019) pontua que em muitos casos antes mesmo de cruzar uma fronteira geopolítica, o sujeito dissidente experimenta expulsões em diversos âmbitos: escola, família, igreja. Esta percepção permite que o sexílio seja evocado em deslocamentos anteriores à migração transnacional. Não é raro narrativas em que sujeitos *gays*, lésbicas, bissexuais etc. experienciam com menos restrições sua identidade/sexualidade não-normativa só depois que encontram lugares em que há esta possibilidade.

### **2.3 Migração na perspectiva *queer***

Sobre a perspectiva *queer*, Halberstam (2005) propõe que há usos *queer* do tempo e do espaço. Para este propósito ele, ao usar a palavra *queer*, se refere a “lógicas não-normativas de comunidade, identidade sexual, inteligibilidades e atividades no espaço e tempo” (HALBERSTAM, 2005, p. 14)<sup>30</sup>. De acordo com o autor, são usos que se opõem às instituições da família, da heterossexualidade e da reprodução, estando de acordo com outras lógicas de localidade, identificação e movimento. Analisando o contexto da epidemia de HIV/Aids, a autora sugere que a temporalidade na perspectiva *queer* desafia a noção de futuro e pode explorar potencialidades de uma vida sem *script*, sem necessariamente o compromisso de um matrimônio e da reprodução. O contato do autor com que ele chama de subculturas *queer*, o

---

<sup>30</sup> Tradução livre.

fizeram perceber como noções paradigmáticas de experienciar a vida pela lógica nascer-casar-reproduzir-morrer têm sido desafiadas. Para a temporalidade ocidental prioriza-se a estabilidade e a longevidade a todo custo. Quanto às espacialidades, Halberstam (2005) sugere que a perspectiva *queer* sobre sexualidade permite reconsiderar a dialética entre o “local” e o “global”. A autora aponta que nas perspectivas tradicionalmente marxistas, o local é sempre determinado pelo global em uma relação totalitária. Diferentemente desta visão tradicional, a perspectiva *queer* permite que processos sociais sejam analisados pelo campo do gênero e da sexualidade, âmbitos até então considerados privados.

Nesta seção apresentarei algumas ideias sobre migração na perspectiva *queer*. Início com Luibhéid (2019, p. 1) que se refere a um campo próprio de estudos como “*queer migration scholarship*” - que pode ser traduzido para o português como ‘estudos de migração *queer*’<sup>31</sup>, cujo objetivo seria o de “explorar as formas pelas quais a sexualidade estrutura e é reestruturada pelos processos de migração” (LUIBHÉID, 2019, p. 1). Luibhéid (2014) tem problematizado o sistema de refúgio executado pelos Estados e como este se vale de categorias identitárias normativas e acaba por estabilizar relações de poder colonialistas e racistas. Luibhéid (2019) dá ênfase ao silenciamento que tem permeado as produções acadêmicas neste campo frente às migrantes identificadas como lésbicas, elencando problemas na abordagem ligados ao que ela chama de “narrativas binárias, colonialistas e lineares”. A autora pontua também o crescimento de produções literárias sobre migrantes trans, e como essas pesquisas têm desafiado os estudos migratórios no que diz respeito ao gênero como uma categoria de análise (LUIBHÉID, 2019).

De acordo com Mai e King (2009) a perspectiva *queer* tem fornecido estudos produtivos sobre sexualidade e mobilidade nas últimas décadas. As autoras apresentam essa perspectiva situando-a no pós-estruturalismo. De acordo com Salih (2012, p. 34) o pós-estruturalismo é um termo muito questionado, associado à “desconstrução”. Jacques Derrida, Paul de Man e Michel Foucault são alguns dos principais nomes de pensadores acionados nesta “corrente” epistemológica (SALIH, 2012). Como pontua Salih (2012, p. 34), a crítica desconstrutivista busca “solapar as bases da metafísica ocidental, ao questionar e dissolver as oposições binárias, colocando em evidência o seu caráter idealista e mostrando o quanto elas dependem de um centro ou de uma presença essencial”.

De Genova (2015, p. 43) se destaca por ressaltar semelhanças perceptíveis nas pautas levantadas pelos migrantes e pelo movimento *queer*. Em ambos, “há um espírito irreduzível de irreverência e desafeição em relação ao poder do Estado”. O autor rememora as inquietações

---

<sup>31</sup> Cf. Fonseca (2020).

que surgiram como reação à aprovação da Lei de Proteção das Fronteiras, Antiterrorismo e Controle da Imigração Ilegal (aprovada no fim de 2005), considerada uma das medidas legais mais punitivas contra a população migrante. A mobilização de migrantes e filhos de migrantes foi tão intensa que a lei foi derrotada. O grito de guerra “*¡Aquí estamos y no nos vamos!*” representa a essência dos protestos na época, e simboliza com precisão a prerrogativa política do movimento. De Genova (2015) ressalta que em ambos os movimentos há uma luta pelo direito de estar presente irrevogável, que carrega a marca da incorrigibilidade e desafia qualquer normalização, regulação e mecanismo de repressão. Neste caso o movimento *queer*, pode ser compreendido como uma política marcada pela identificação, mas paradoxalmente pela impossibilidade de inclusão (DE GENOVA, 2015).

Fortier (2003) considera o lar na perspectiva do que chama de diáspora *queer*. A autora percebe na cultura europeia e americana um padrão de narrativa comum nas histórias de pessoas *gays* e menos frequentemente de pessoas lésbicas, mas ainda sim presente, que é movimento de *coming out*, que pode ser equivalente ao “sair do armário” em português. Fortemente associado ao *coming out* está o *moving out*, que significa sair de um lugar, e nesse caso, com o objetivo de vivenciar o “eu” homossexual ou lésbico fora do lar familiar e do lar em que esta pessoa passou a infância. É inegável a atratividade que o país norte-americano parece carregar para pessoas não-heterossexuais no mundo globalizado. Para Fortier (2003), alguns lugares no mundo são tidos como o lar de *gays* e lésbicas “por excelência”, é o caso de São Francisco e Massachusetts. Nesse sentido, Fortier (2003) aponta que há uma “mitificação”, sugerindo um imaginário utópico presente nas subjetividades daqueles que se percebem como dissidentes sexuais e uma possibilidade de pertencimento, mesmo que nunca tenham pisado nestas cidades.

Fortier (2003) infere que a ideia de que para *come out* é necessário *move out* indica certas qualidades implícitas à ideia que se tem sobre o que é um lar. Percebe-se na leitura de textos e narrativas sobre migração, que haveria uma naturalização do lar como um espaço de conforto e familiaridade. Fortier (2003) problematiza a ideia de que as expressões de identidade e sexualidade não-normativas não cabem ou contrapõem o lar ou a própria ideia de infância. Isso se dá porque a concepção de lar está atrelada à lógica da heterossexualidade. Como se o pertencer fosse exclusivamente heterossexual (FORTIER, 2003).

Fortier (2003, p. 3) aponta também para uma tendência nos estudos *queer*, de estabelecer um paralelo entre a diáspora e a “rede transnacional e multicultural de conexões da cultura *queer* e das comunidades que se formam pelo mundo inteiro”. O que difere dos outros tipos de diásporas é que para a comunidade *queer* o lar não é o lugar de origem e sim o lugar de destino.

O que leva ao desafio de “desnormativizar” aquilo que se entende como pertencimento. A autora conclui que o lar é constituído pelo desejo de pertencimento em constante processo de invenção, produto de circunstâncias históricas e atravessado por inúmeras formações discursivas. Dessa forma, sugere a problematização do lar como um lugar essencialmente normativo, pois como propõe na análise de algumas narrativas de migrações *queer*, o lar pode também ser um lugar em que se habita a contradição, diferenciações, a transgressão, a não-normatividade, inclusive nos lares formados por casais heterossexuais (2003).

Ainda no contexto estadunidense, Chávez (2010) tem apontado sobre a forma como algumas organizações que advogam por direitos LGBTI e por direitos de imigrantes se apoiam em concepções normativas de pertencimento, demonstrando a necessidade de confrontar discursos normativos e excludentes. Assim como De Genova (2015), Chávez (2010) evidencia como as existências migrante e *queer* desafiam a noção de Estado. De acordo com a autora, “pessoas *queers* e migrantes sempre estiveram excluídos de pertencer totalmente ao Estado-nação estadunidense” (CHÁVEZ, 2010, p. 138).

A autora percebe que no contexto estadunidense é comum que militância pró-direitos dos migrantes excluam as pautas de migrantes *queer*, e na militância *queer*, as pautas ligadas a migração tendem a ganhar visibilidade quando interferem na vida de um/uma cidadão/cidadã estadunidense, como no caso da união civil homoafetiva entre um/uma cidadão/cidadã estadunidense e uma pessoa de outra nacionalidade<sup>32</sup>. Contudo, percebe que essa tendência está sendo quebrada por algumas organizações que estão propondo uma coalizão “com o objetivo de criar uma frente unificada que desafie todos os tipos de políticas, tratamentos, ou ideologias que migrantes e *queer* se deparam no Arizona do Sul, desta forma, construindo diferentes formas de pertencimento” (CHÁVEZ, 2010, p. 137). Para Chávez (2010, p. 138), “pessoas categorizadas como ‘estranhas’, especialmente *queers* e migrantes, podem facilmente se tornar uma ameaça comum à nação, que devem ser prevenidos de pertencimentos materiais e imaginários”<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Tratam-se dos casais considerados “binacionais” e compostos por duas pessoas do mesmo sexo, esta é uma pauta abordada pelo relatório “*Family, Unvalued*” em 2006, feito pelo Humans Right Watch. Chávez (2010), em uma análise do documento, afirma que esta foi uma das primeiras vezes que a intersecção entre direitos de imigrantes e de pessoas LGBTI foi abordada nos Estados Unidos. A autora faz uma crítica ao relatório, de acordo com ela, “já que o objetivo do documento é avançar no âmbito legislativo federal, é um documento que advoga só para os direitos de pessoas LGBTI que tenham cidadania estadunidense. Esse posicionamento coloca as políticas de imigração como subservientes às políticas LGBTI” (CHÁVEZ, 2010, p. 139).

<sup>33</sup> Tradução livre.

## 2.4 O refúgio por orientação sexual e identidade de gênero

Há um crescente debate sobre esta modalidade do refúgio que, como aponta França (2017), é uma categoria que emerge no encontro do Direito Internacional do Refúgio e dos Direitos Sexuais. Tem-se então um novo sujeito, o chamado “refugiado LGBTI” e para compreendê-lo é necessário recorrer a alguns marcos jurídicos importantes no direito internacional. O primeiro desses marcos é a Declaração Universal de Direitos Humanos, de 1948, que instaurou o paradigma de direitos intrínsecos a todos os humanos, a ser adotado pelos países signatários; O segundo marco é a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados que ocorreu em 1951 em Genebra na Suíça que implementou o trabalho da ACNUR (Agência da ONU para Refugiados), um ator social de muita importância para este debate. A Convenção só tinha jurisdição nos países europeus e somente a partir da implementação do Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967 - um documento independente - outros países não-europeus foram incluídos<sup>34</sup>.

Consolida-se a partir desses marcos a categoria de “refugiado”, delimitando os direitos desses sujeitos, bem como as obrigações legais dos Estados em protegê-lo. Um dos princípios acordados é o *non-refoulement*, isto é, de não-devolução, em que os países que recebem os/as refugiados/as não podem devolvê-los ao país onde eles estão sendo ameaçados ou sua liberdade corre perigo. Há um termo aberto e não delimitado nestes documentos chamado “grupo social”.

De acordo com o ACNUR (2020):

O desenvolvimento doutrinário, jurisprudencial e normativo passou a reconhecer pessoas LGBTI como um grupo social específico dentro dos procedimentos de reconhecimento da condição de pessoa refugiada, dando um primeiro passo para interpretações inclusivas sobre a abrangência da Convenção de 1951 em relação à proteção dessa população<sup>35</sup>.

Em 2002, o ACNUR lançou um documento que determina que a população LGBTI seja entendida como um “*grupo social*” que pode ser perseguido<sup>36</sup>, portanto pessoas podem ter suas solicitações de refúgio deferidas nos Estados-nações receptores por serem LGBTI e por alegarem estarem sendo perseguidas por conta disso. Outro marco importante para o Direito

---

<sup>34</sup> ACNUR. “Protocolo de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados”. Disponível em: [https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD\\_Legal/Instrumentos\\_Internacionais/Protocolo\\_de\\_1967.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967.pdf). Acesso em: 19 de jun. de 2020.

<sup>35</sup> ACNUR, “Refúgio LGBTI”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/refugiogbti/>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

<sup>36</sup> Este documento é o “*Guidelines on International Protection: ‘Membership of a particular social groups’ within the context of article 1A(2) of the 1951 Convention and/or its 1967 Protocol relating to the Status of Refugees*”



Internacional da população LGBTI são os Princípios de Yogyakarta, de 2006, que enfatizam como a discriminação contra pessoas por conta de suas identidades de gênero ou orientação sexual também são violações de direitos humanos, portanto recomenda aos Estados-Nações proteção e não-discriminação a este grupo social<sup>37</sup>. De acordo com o documento:

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Todos os direitos humanos são universais, interdependentes, indivisíveis e inter-relacionados. A orientação sexual e a identidade de gênero são essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa e não devem ser motivo de discriminação ou abuso (CLAM, 2006, p. 7).

O “refúgio LGBTI” é um dispositivo jurídico que surge com a prerrogativa de proteger esse sujeito que buscaria a sobrevivência em outro país em detrimento de sua orientação sexual ou identidade de gênero não normativa. Esta categoria se inscreve na linguagem do humanitarismo, que nas últimas décadas passou a preconizar atendimentos diferenciados a grupos populacionais específicos, entendidos como “homogêneos” (FACUNDO et al. 2019). Há algumas inconsistências na forma que se conduz esse mecanismo de proteção internacional, como uma série de procedimentos invasivos e vexatórios que o próprio ACNUR reconhece que são realizados pelos Estados que não respeitam os parâmetros do comissariado, principalmente nas chamadas entrevistas de elegibilidade. Como explica França (2017, p. 15):

A inexistência de um padrão explícito para as entrevistas, território central para a produção de uma narrativa bem-sucedida, possibilitaria em tese o acolhimento de diferentes trajetórias, mas também estabelece uma espécie de zona cinzenta, na qual vigorariam pressupostos a respeito de uma narrativa convincente em termos de gênero e sexualidade. Isso ocasionaria não apenas grande ansiedade entre os refugiados em relação à adequação de gestos, histórias e comportamentos, como também um grande número de não aprovação de solicitações de refúgio derivado de performances consideradas pouco convincentes no que concerne aos solicitantes.

Este dispositivo situa-se no contexto demarcado pelo humanitarismo e situa o/a solicitante entre a criminalização e a proteção (FRANÇA, 2017), considerando que apesar de estar fundamentado em uma lógica que demarca o/a refugiado como uma vítima a merecer a proteção do Estado, está também inserido em um contexto em que o sujeito de outra nacionalidade é tratado a partir de uma lógica de securitização, isto é, como um inimigo à soberania nacional em potencial.

Quanto às práticas sociais vinculadas a este dispositivo, há inúmeras questões a serem apontadas. A partir dos casos trazidos por Andrade (2016; 2017) percebe-se que: 1) Os Estados

---

<sup>37</sup> CLAM. “Princípios de Yogyakarta”. Disponível em: [http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf). Acesso em: 19 de jun. de 2020.

receptores acabam por violentar novamente os/as solicitantes de refúgio por meio de procedimentos de verificação vexatórios; 2) Há uma subnotificação porque nem todos/as refugiados/as especificam que as perseguições que temem são perseguições baseadas em gênero e sexualidade; 3) Existem processos de violência e discriminação que partem de outros/as refugiados/as; 4) Para algumas realidades culturais, ser LGBTI é algo indizível, de forma que os/as solicitantes não enunciam publicamente, apesar de terem saído dos países por conta disso. De acordo com Luibhéid (2014, p. 1036), o problema do refúgio sendo avaliado nestes termos é que não há “gêneros e sexualidades universais e transhistóricos pelos quais espera-se que todos os migrantes possam se encaixar”. Além do mais, a concessão ou não de solicitações desta natureza também produz “verdades” sobre os países implicados, tendendo a reforçar a ideia colonialista e capitalista de que geralmente os países do Norte Global seriam mais avançados e “generosos” que os países de origem dos/as solicitantes, geralmente do Sul Global (LUIBHÉID, 2014).

Situações que denunciam contradições e ambiguidades na forma que este dispositivo é aplicado em contextos práticos remetem ao que Butler (2013) argumenta a respeito das ambiguidades da lei. Afirma:

O poder jurídico “produz” inevitavelmente o que alega meramente representar; conseqüentemente, a política tem de se preocupar com essa função dual do poder: jurídica e produtiva. Com efeito, a lei produz e depois oculta a noção de “sujeito perante a lei”, de modo a invocar essa formação discursiva como premissa básica natural que legitima, subsequentemente, a própria hegemonia reguladora da lei (BUTLER, 2013, p. 20).

É inevitável, portanto, considerar as relações de poder e as práticas reguladoras como dimensões importantes para analisar a relação entre sujeito e os sistemas legais que o produzem como vítimas ou sujeitos de direitos.

Estas foram algumas articulações entre os deslocamentos e orientações/identidades sexuais dissidentes. Abordou-se sobre as recentes migrações internacionais e em seguida sobre o sexílio, um conceito que nomeia uma dinâmica de mobilidade vinculada ao anseio por mais liberdade na orientação/identidade não-heterossexual. Em seguida, foi feita uma discussão sobre o refúgio por orientação sexual e identidade de gênero. O sexílio, como sugere Braga (2019) pode ter usos mais flexíveis, não necessariamente ocorrendo somente em deslocamentos transnacionais. Já o “refúgio LGBTI” por ser um dispositivo jurídico, dada sua finalidade, “concretiza” e universaliza com mais rigidez sujeitos e situações. Reflexões teóricas sobre esses dois conceitos podem auxiliar na compreensão dos processos migratórios contemporâneos

protagonizados por pessoas não-heterossexuais, contudo, a categorização desses processos não necessariamente traz efeitos analíticos interessantes na produção de conhecimento. Sørensen (2018) propõe uma desnaturalização das categorias que tipificam a relação de um determinado sujeito com um território específico, para que se torne possível analisar as relações de força envolvidas nesses processos e práticas sem necessariamente simplificar e delimitar em uma categoria ou outra.

## 2.5 Revisão de trabalhos correlatos

Até o momento, poucas produções acadêmicas voltam-se para os processos migratórios Venezuela-Brasil propondo articulações entre migração e diversidade sexual e de gênero<sup>38</sup>. Fonseca (2020) em sua dissertação de mestrado “Entrecruzamentos entre migração, gênero e sexualidade: experiências de vida de mulheres não-cisheterossexuais venezuelanas e solicitantes de refúgio” ateve-se às experiências de três mulheres não-cisheterossexuais venezuelanas, tendo como objetivo refletir sobre o impacto de suas identidades e performatividades de gênero e orientação sexual em seus processos migratórios. Traz as experiências de vida de Mariel e Danny duas mulheres identificadas como transsexuais e venezuelanas, e de Alejandra mulher cis e lésbica também venezuelana<sup>39</sup>. As três eram no momento da pesquisa solicitantes de refúgio e interiorizaram para a cidade do Rio de Janeiro. Esse trabalho se volta para as experiências de interiorização e reúne informações importantes para compreender a Operação Acolhida. Fonseca (2020) tematiza a necessidade de apostar em uma “fissura” nos estudos migratórios e nos estudos de gênero/sexualidade para que seja possível dar conta de experiências como as que ela se propôs a analisar.

Há um trabalho com relatos etnográficos de França e Fontgaland (2020) em um abrigo para “refugiados LGBTI” na cidade de Manaus (Amazonas), e na Operação Acolhida em Pacaraima e Boa Vista em Roraima. Discutem sobre o abrigamento em Roraima dos “refugiados LGBTI”, e como a gestão desta população se deu de forma “experimental”, tendo

---

<sup>38</sup> Opto nesta breve revisão apresentar trabalhos sobre o contexto da migração venezuelana, entretanto, trabalhos brasileiros em outros contextos também tem sido produzidos articulando gênero, sexualidade e mobilidades, como por exemplo Andrade (2016; 2017) que se ateve a analisar as redes sociais de solicitantes de refúgio “não-heterossexuais” na cidade de São Paulo.

<sup>39</sup> Além desta dissertação, há também a monografia de Santos (2019), intitulada “A atuação das organizações internacionais em Roraima no acolhimento aos migrantes e refugiados LGBTI da Venezuela”, tem como objetivo (2019, p. 8) “analisar estas iniciativas atreladas à proteção e integração desses migrantes e refugiados LGBTI por parte das organizações internacionais em parceria com outros atores que atuam na emergência humanitária em Roraima”.

em vista que os profissionais iam testando a convivência das pessoas identificadas como LGBTI em relação a outros/as migrantes e refugiados/as não-LGBTI. Destaca-se a participação de um grupo de pessoas identificadas como mulheres trans que tiveram um papel essencial na mobilização de outros/as migrantes em articulação com as agências humanitárias (FRANÇA; FONTGALAND, 2020).

Há também o capítulo de Leal, Sousa e Oliveira (2020) que traz reflexões gerais sobre este contingente populacional no Estado. A partir de entrevistas com migrantes, identificou-se uma série de violências pelas quais mulheres identificadas como transexuais e homens identificados como *gays* têm se deparado, algumas delas inclusive sendo provocadas por outras pessoas venezuelanas. Há também denúncias de situações vexatórias em contextos de ajuda humanitária, sobretudo quando operada por algumas instituições religiosas, indicando um possível despreparo por parte dos/as profissionais para lidar com as especificidades dessa população (LEAL; SOUSA e OLIVEIRA, 2020).

A presente dissertação busca dialogar com estas produções e tem como objetivo trazer algumas contribuições para este campo de estudos a partir do recorte para a homossexualidade masculina. Uma outra possível contribuição da presente pesquisa é que, como será melhor destrinchado no capítulo ‘Dissidências em entrelace’, trata-se de um trabalho feito a partir de interlocuções com pessoas que não são solicitantes de refúgio ou refugiados e que não passaram pela experiência de abrigo como nas experiências descritas e analisadas nos trabalhos acima citados, apresentando, portanto, experiências diversas de habitação e outras relações com os benefícios humanitários.

### III – HOMOSSEXUALIDADES EM MOVIMENTO

Este capítulo tem como finalidade reunir alguns debates pertinentes à pesquisa, iniciando com considerações teóricas a respeito desse campo marcado por tensionamentos e contestações conhecido por gênero e sexualidade. Em seguida proponho uma revisão acerca da invenção do sujeito demarcado como ‘homossexual’. Logo após, tendo como pressuposto a ideia de que a lei é um âmbito importante para compreender como os Estados nacionais têm regulado e administrado a sexualidade, podendo alternar desde a criminalização até a promoção de políticas públicas guiadas pelo objetivo de proteger o segmento populacional “LGBTI”, faço um panorama sobre o contexto venezuelano e em seguida brasileiro. Depois, em um exercício de escrita autoetnográfica, trago narrativas sobre Boa Vista na perspectiva das relações de poder pelas quais as experiências e sociabilidades homossexuais estão implicadas na cidade. Por último, capítulo é encerrado com discussões teórico-metodológicas da pesquisa, debatendo a respeito das noções de experiência e narrativa e como estas orientaram a execução da mesma.

A heteronormatividade é uma palavra comumente evocada para compreender processos e situações pelos quais sujeitos demarcados como dissidentes do ponto de vista sexual são implicados. De acordo com Miskolci (2009), a heteronormatividade<sup>40</sup> pode ser entendida como o conjunto de expectativas, obrigações e demandas que partem do pressuposto de que o normal e aceitável é a heterossexualidade. São imposições que delimitam fronteiras entre o masculino e o feminino e estabelecem como única possibilidade de organização a divisão entre um polo, o masculino, que só pode direcionar desejos e se relacionar sexualmente/afetivamente com o polo oposto, o feminino, e vice-versa.

Este conjunto de expectativas sobre o desejo se baseia em uma ordem ainda anterior, que seria a ideia de que todas as pessoas podem ser divididas entre “homens” e “mulheres”. Esta organização social, cultural e política de relações baseada nessa distinção é comumente referida pela palavra “gênero”. O uso da palavra está atrelado ao movimento feminista estadunidense que questionava as desigualdades que essa divisão pressuponha (SCOTT, 1989). A palavra gênero tem sua origem intimamente ligada à gramática. Como aponta Scott (1989, p. 10), “na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços

---

<sup>40</sup> Esta discussão deriva das problematizações em torno da normatividade, elemento central da teoria foucaultiana, que tem sido definida como “um dos funcionamentos do poder moderno” (HALBERSTAM, 2005, p. 14).

inerentes”. Nas relações sociais, o gênero pode ser compreendido como “um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1989, p. 23).

Contudo, existem muitas pessoas que se identificam e se expressam e performam de formas que desafiam estas imposições e essas ordens. É comum que se faça dessas pessoas a divisão entre duas categorias: as identidades de gênero (como por exemplo: homens transsexuais, homens transgênero, mulheres transsexuais, mulheres cisgêneros, homens cisgênero, travestis etc.) e as orientações/identidades sexuais (como exemplo: homossexuais, lésbicas, bissexuais etc.). Estes são exemplos de reivindicações identitárias com crescente força em contexto cultural brasileiro, não necessariamente sendo identificadas também no contexto venezuelano, ou em outras realidades culturais.

De acordo com os já apresentados Princípios de Yogyakarta (CLAM, 2007, p. 7), a orientação sexual pode ter a seguinte definição:

[...] uma referência à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essa pessoa.

O mesmo documento sugere que identidade de gênero pode ser compreendida como:

A profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal de corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos (CLAM, 2007, p. 7)

Embora essas duas definições sejam pertinentes para a compreensão do capítulo e do trabalho como um todo, evidencio a importância de historicização dessa distinção e dessas definições. O termo historicização é evocado por Scott (1989) ao problematizar como a diferença sexual e a oposição binária é infinita entre homem e mulher e perpetuada em muitas teorias, creio ser oportuno o mesmo cuidado quando se trabalha com “identidade de gênero” e “orientação sexual”, especialmente porque noções são institucionalizadas em documentos como este.

No presente trabalho focalizo as experiências organizadas em torno da “homossexualidade” que evidentemente é mais comumente classificada como uma das várias orientações ou identidades sexuais, assim como “bissexualidade” e “heterossexualidade”, muito embora remeta a discussões pertinentes para o âmbito das identidades de gênero também dissidentes. Conforme Butler (2013), culturalmente e socialmente as normas de gênero são

impostas a todos os sujeitos, mesmo antes do nascimento, pautando-se em dois regimes de poder denominados por ela de heterossexualidade compulsória e falocentrismo. Estes regimes se revelam por meio de sanções a todas as expressões que venham a transgredi-los, independentemente se essa transgressão se dá no âmbito da sexualidade ou do gênero. Inclusive a autora questiona as distinções entre as categorias “sexo” e “gênero” (BUTLER, 2013). Comumente entende-se o sexo como um dado biológico e o gênero como uma realidade cultural/social. Butler (2013) evidencia que ambos são realidades discursivas, concluindo que não há ontologicamente uma distinção entre essas duas categorias.

Para avançar neste entendimento, é primordial considerar o âmbito performativo da identidade e como este se situa nas relações de poder. Butler (2013) localiza o gênero em um contexto social e cultural em que há regimes de poder que legitimam as opressões heterossexistas e masculinistas. Como argumenta:

[...] o gênero não é um substantivo, mas tampouco um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é (BUTLER, 2013, p. 56).

Butler (2013) recorre à filosofia para encontrar em Descartes o que ela chama de “metafísica da substância”, que seria essa ideia discursiva de um “eu” que precede o predicado, ou seja, a ação. A referida autora insere então a noção de performance para evidenciar que o sujeito não antecede a ação, como sugere a lógica cartesiana “penso, logo existo”. O sujeito não é pré-existente. Como explica:

No desafio de repensar as categorias do gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *Genealogia da moral*, de que “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo” (BUTLER, 2013, p. 56).

Butler (2013) é uma das principais referências no que diz respeito à crítica das relações de poder pelas quais o gênero se fundamenta. Para compreender como estes discursos que naturalizam as lógicas heteronormativas passam a ser questionados, no campo teórico e filosófico como feito por Butler (2013), é fundamental recorrer à História, especialmente às reivindicações protagonizadas, em um contexto ocidental, pelas lutas feministas e pelas lutas de lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais etc. que passam a se valer de políticas de afirmação identitária.

### 3.1 O sujeito “homossexual”

Do ponto de vista histórico, como demarca Louro (2004, p. 29), “a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX”, no sentido de que até então, relações amorosas e sexuais eram vistas como uma prática de sodomia, pela qual qualquer um poderia sucumbir. Não havia um tipo de sujeito inteiramente marcado por essas relações. Até então para a cultura judaico-cristã havia o pecado e em alguns países da Europa pré-moderna as práticas sexuais entre homens eram ilícitas, portanto, além de pecador, esses homens que cometeram essas práticas eram vistos como criminosos. Com o advento do conhecimento biopsicomédico, os discursos passaram a focar não mais só no ato pecaminoso ou criminoso, mas sim no sujeito, que passou a ser visto como “doente” e “anormal” (TOLEDO; PINAFI, 2012). De acordo com Foucault (2014, p. 48) “a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie”. Atribui-se como o início dessa categorização médica, o artigo de Westphal de 1870, que inscreveria esse tipo de sexualidade como uma das várias formas de perversão. A primeira vez que este termo foi usado foi em 1869 por um médico da Hungria chamado Karoly Maria Benkert (FRY; MACRAE, 1983). Em 1886, publica-se o livro ‘Psychopathia Sexualis’, escrito pelo médico austríaco Krafft-Ebing, que chega à conclusão de que “os uranistas<sup>41</sup> sofrem de uma mancha psicopática, que mostram sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia e epilepsia” (FRY; MACRAE, 1983, p. 64). A partir daí a homossexualidade passa a ser “o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, uma vez que é um segredo que se trai sempre” (FOUCAULT, 2014, p. 48).

Desde então, o sujeito homossexual passou a ser discutido no campo da ciência, da justiça e da igreja, instituições que produzem discursos moralizantes, que além de “produzilos”, também justificavam as violências pelas quais esses sujeitos eram submetidos. Essa produção de sujeito “anormal” está relacionada com o contexto histórico da sexualidade no ocidente, mais precisamente com a ascensão da burguesia que reorganizou o lugar da

---

<sup>41</sup> “Uranistas” era outro termo que também se atribuía a esta “doença” pelo saber médico da época (FRY; MacRAE, 1983).



sexualidade e há uma explosividade de discursos sobre o sexo. O modelo de família conjugal a confiscou, e a reduziu à mera finalidade de procriação. Como afirma Foucault (2014, p. 8):

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções.

Essas sanções permanecem sem serem vigorosamente questionadas até o fim da década de 1960, período em que surge uma movimentação e organização dos grupos afirmativos homossexuais, influenciados pelos eventos de maio de 1968 na cidade de Paris, onde nascia um clamor pela libertação sexual. Tendo como um dos principais pontapés a já mencionada revolta de *Stonewall* em Nova Iorque, no ano de 1969, quando iniciou-se o movimento pela retórica dos direitos *gays* (*gay rights*), inaugurou-se o caráter político desta identidade (LOURO, 2004). Fry e MacRae (1983) atribuem a esta década a popularização do termo estadunidense “*gay*”, e a busca por representações positivas e não pejorativas. Louro (2004) pontua que a unicidade da identidade homossexual passa a ser posta em cheque no movimento, no sentido de que começam a surgir, principalmente nos grandes centros, reivindicações ligadas às identidades lésbicas, transsexuais, e a demanda por recortes de classe, etnicidade, raça, nacionalidade, dentre outros marcadores de diferença.

Os caminhos começaram a se diferenciar: enquanto alguns clamavam por integração, outros almejavam a separação, especialmente as feministas lésbicas que apontavam para a construção de uma comunidade cultural própria (LOURO, 2004). Como pontua Preciado (2011), alguns movimentos de liberação protagonizados por *gays* e lésbicas que tinham como objetivo a igualdade de direitos, em certa medida contribuem para a “normalização” e integração de *gays* e lésbicas em uma cultura heteronormativa, neste caso, valores como a adoção, o casamento e transmissão de patrimônio são reproduzidos e transformados em pauta. Independentemente das divergências, a homossexualidade passou a ficar mais consolidada como uma identidade. Surge nesse contexto de afirmação a expressão *coming out* (ou sair do armário, como é popularmente dito em português), tal qual o momento em que o sujeito passa a fazer parte da comunidade homossexual, ao “assumir-se” ou revelar publicamente seu “segredo” (LOURO, 2004). A partir deste período surge com mais ou menos efervescência a depender da região, movimentos de luta por direitos, pautados na noção da “homossexualidade” como uma identidade política, pelo reconhecimento dos direitos humanos desse segmento, ainda que nem sempre coerentes e uníssonos.

É importante considerar que essas transformações políticas vão ressoando também na forma que a academia tem produzido e construído conhecimento sobre diversidade sexual e de gênero. A homossexualidade por um século “unificou ‘sexualidade e expressões de gênero não normativas’ em uma totalidade mais ou menos coerente” (SIMÕES, CARRARA, 2014, p. 83). Como pontuam Simões e Carrara (2014, p. 81), a “homossexualidade”, como um campo de estudos passou por duas grandes fraturas, “esses dois grandes divisores poderiam ser chamados de ‘a emergência gay-lésbica’, que ocorre entre os anos 1970, e a “emergência trans”, esta última situada na passagem do milênio. As múltiplas reivindicações identitárias acabaram por desestabilizar o que era compreendido como “homossexualidade”. Um outro fator também traz mudanças significativas, é que quando estas identidades passam a ser inscritas nos direitos humanos, uma nova ruptura se instaura na história da sexualidade (CARRARA, 2013). Um destes desdobramentos é a possibilidade de solicitar refúgio com base nestas afirmações identitárias, conforme discutido no capítulo anterior.

Diante deste contexto histórico relativamente recente e marcado por tensionamentos e pela dificuldade de encontrar sentidos uníssonos, parece fazer sentido por um lado desconstruir a “homossexualidade” como um tipo de essência, e por outro desfazer a lógica que atrela a identidade homossexual às práticas ou ao ato sexual, pois, esta última, decorre de uma noção medicalizada e patologizante, que data do século XIX (PRECIADO, 2011). Diante desse impasse, ao invés de procurar por uma verdade sobre a “homossexualidade”, outras perguntas parecem ganhar relevância.<sup>42</sup> Como comenta Foucault (1981, p. 38):

Outra coisa da qual é preciso desconfiar é a tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema "Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?" Quem sabe, seria melhor perguntar: "Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?" O problema não é o de descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, mais importante que isso, usar, daí em diante, de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações.

Contudo, na contemporaneidade as políticas de representação acabam por exigir uma definição sobre “homossexual” ou sobre “população LGBTI”, principalmente no âmbito legislativo. Foucault (2014) e Butler (2013) evidenciaram como a lei é uma dimensão na qual o poder estatal organiza e regula a sexualidade. Em certa medida, considerando que cada Estado-nação tem autonomia para produzir próprias legislações, este pode ser um “termômetro”

---

<sup>42</sup> Descarto para os fins desta pesquisa questionamentos sobre a “causa” da homossexualidade, considerando que este tipo de pergunta ou questionamento tem sido exaustivamente feito pelo saber médico ou jurídico e até mesmo psicológico. Conforme Fry e McRae (1983) demonstram, as possíveis respostas sempre estarão situadas em um contexto político e cultural específico e a relações de poder própria.

importante para compreender os processos sociais e culturais pelos quais o sujeito que se identifica (ou é identificado) como “homossexual” se depara em cada região. Nos dois próximos tópicos reunirei algumas informações sobre como os Estados nacionais Brasil e Venezuela têm se posicionado frente às “homossexualidades” (ou as diversidades de gênero e de sexualidade) a partir de alguns marcos relevantes. Muitas vezes essas discussões são inscritas nos chamados “direitos LGBTI”, o que compreenderia todo o sistema legislativo e as decisões “oficiais” de um país referente a diversos temas como adoção, casamento, nome social, proteções contra discriminações dentre muitas outras que são comumente abarcadas por este termo e que dizem respeito a outras identidades como transexuais e travestis. Como pontua Carrara (2013) alguns desses direitos não têm a ver diretamente com a sexualidade como é o caso das políticas previdenciárias, mas direitos desse tipo são incluídos neste agrupamento tendo em vistas que os mesmos tendem a ser negados por conta de valores históricos sobre sexualidade.

### **3.2 Estados nacionais e “direitos LGBTI”**

#### **3.2.1 Contexto venezuelano**

Os avanços para a “população LGBTI” na República Bolivariana de Venezuela nos dois últimos anos são localizados por Perez (2019) no campo de tentativas de estabelecer novas políticas públicas universais, como por exemplo a proposição do casamento igualitário na *Asamblea Nacional Constituyente* (ANC). De acordo com Perez (2019, p. 109), “o pequeno progresso feito no âmbito legislativo se combina com um ataque político sem precedentes e um bloqueio econômico e financeiro que dificulta o acesso da população a bens e serviços básicos<sup>43</sup>”. Portanto, é difícil escrever uma história recente sobre como o Estado venezuelano tem se posicionado frente à diversidade de gênero e sexual considerando o momento histórico do país atual de extrema instabilidade, que inclusive está associado aos inúmeros processos migratórios desencadeados e abordados nesta pesquisa.

Sabe-se que desde 1836, quando a Venezuela elaborou seu primeiro Código Penal, relações consensuais entre adultos do mesmo sexo pararam de ser criminalizadas. Apesar de que uma lei (*Ley de vagos e maleantes*) era utilizada para perseguir pessoas que não se adequavam aos padrões normativos de gênero e sexualidade, o que foi declarado inconstitucional pela Suprema Corte da Venezuela em 1836 (MENDOS, 2019). A partir da

---

<sup>43</sup> Tradução livre.

década 1990, começam a surgir associações e organizações civis de *activismo LGBTI* como o *Movimiento Ambiente de Venezuela* em 1995, *Alianza Lambda de Venezuela* em 1998, *Unión afirmativa* em 2000, *Movimiento Gay Revolucionario* em 2002, dentre outros. É válido mencionar que a partir de 2001 surgem as chamadas “*Marchas Gay*” (RUIZ, 2011, p. 205).

Em 1998 publica-se, assinado pelo então presidente Pedro Pablo Aguilar, o *Código Orgánico de Justicia Militar* que dispõe sobre o funcionamento da justiça militar a República Bolivariana da Venezuela. O Artigo 565 é tido como um texto jurídico que criminaliza relações homossexuais quando praticadas por militares, ao referir-se a “*actos sexuales contra natura*”. De acordo com o artigo do Código:

*El oficial que cometa actos que lo afrenten o rebajen su dignidad o que permita tales actos, sin tratar e impedirlo por los medios autorizados por la Ley, será penado con prison de uno a tres años y separación de las Fuerzas Armadas. La misma pena se aplicará a todo militar que cometa actos sexuales contra natura* (VENEZUELA, 1998).

Conforme Ruiz (2011), a reforma constitucional de 1999, com a chegada do presidente Hugo Chávez, trouxe uma série de mudanças no âmbito do setor público<sup>44</sup>. A Constituição deste ano define no Artigo 77 o casamento como só sendo válido se “composto por um homem e por uma mulher”. De acordo com o autor, desde então a luta por direitos humanos no campo do gênero e da sexualidade se baseou em manifestações de “*considerable delibidad*” (RUIZ, 2011, p. 205). Para o autor a “fraqueza” destes movimentos sociais está associada a não ligação entre estes atores sociais nem com os “apoiadores” nem com os “opositores” do governo de Chávez. Em 2009, durante a Asamblea Nacional uma comissão discutiu sobre “*Proyecto de Ley Orgánica para La Equidad e Igualdad de Género*”, que de acordo com Ruiz (2011), foi um evento inédito na história do país “que abriu uma janela de oportunidades para a defesa e proteção dos direitos civis da população LGBTI”. Esta iniciativa não chegou a ser sancionada.

Em 2012, o artigo 21 da *Ley Orgánica del Trabajo los Trabajadores y las Trabajadoras* proíbe discriminação baseada em orientação sexual:

*Son contrarias a los principios de esta Ley las prácticas de discriminación. Se prohíbe toda distinción, exclusión, preferencia o restricción en el acceso y en las condiciones de trabajo, basadas en razones de raza, sexo, edad, estado civil, sindicalización,*

---

<sup>44</sup> Ruiz (2011) em uma pesquisa sobre o imaginário social venezuelano sobre a homossexualidade a partir da imprensa escrita no país constatou que os assuntos ligados ao que ele chama de “*colectivo LGBTI*” foram considerados de segunda ordem para o Estado venezuelano. E constatou também que as mudanças no campo jurídico não foram suficientes para mudar como a população vê “*las minorias sexuales*”. Para Ruiz (2011, p. 202), “*el reconocimiento de los derechos civiles del colectivo LGBTI está siendo absorbido por el control del Estado autoritario, el dominio heteronormativo y las marcas de la Iglesia Católica*”.

*religión, opiniones políticas, nacionalidad, orientación sexual, personas con discapacidad u origen social, que menoscabe el derecho al trabajo por resultar contrarias a los postulados constitucionales* (VENEZUELA, 2012)<sup>45</sup>.

Essa é a única legislação contra discriminação baseada em orientação sexual, conforme pontua Barrientos (2016). Em 2015, a organização “Red LGBTI Venezuela” em parceria com uma série de outras organizações lançaram o relatório “Human Rights Situation of Lesbian, Gays, Bisexual, Trans and Intersex persons in Venezuela”. De acordo com o relatório, “a Venezuela não fez nenhum progresso significativo no reconhecimento e na proteção de direitos civis e políticos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexos (LGBTI)” (RED LGBTI VENEZUELA, 2015, p. 3). O documento denuncia a ausência de políticas públicas e leis que possam proteger “os cidadãos indefesos de uma atmosfera de alarmante crescimento de homofobia e transfobia”<sup>46</sup>. Não há legislações sobre casamento ou união homoafetiva, nem referente à adoção homoparental, tampouco a respeito do nome social para pessoas trans ou criminalização da discriminação baseada em gênero e orientação sexual (MENDOS, 2016; RED LGBTI VENEZUELA, 2015). Além disso, o documento cita ainda o artigo 21 da Lei sobre Trabalho, contudo denuncia a ausência de efeitos práticos e políticas de implementação efetivas. Não há possibilidades de adoção legal por parte de casais compostos por duas pessoas do mesmo sexo. Todavia, relata-se que em 2016, o Supremo Tribunal de Justiça ordenou que uma criança fosse registrada com o sobrenome de suas duas mães (MENDOS, 2019).

Em 2018, a Inter-American Commission on Human Rights (IACHR) publicou um relatório que denuncia “a persistência de situações estruturais que tem impactos substanciais na situação dos direitos humanos” (IACHR, 2018, p. 448). Ainda de acordo com o relatório, há um contexto generalizado de “perseguição de dissidentes por meio da militarização da segurança pública, em uma crise econômica e social que provoca um sério desabastecimento e a escassez de bens materiais” (IACHR, 2018, p. 448). O relatório traz um panorama geral sobre o país, apontando para várias violações contra os direitos humanos no governo Maduro como: censura, prisões arbitrárias, ameaças, corrupção por parte dos agentes executivos do estado

---

<sup>45</sup> VENEZUELA. Ley Orgánica del Trabajo los Trabajadores y las Trabajadoras, 2012. Disponível em: <[shorturl.at/fjmF3](http://shorturl.at/fjmF3)>. Acesso em: 27 out. de 2020.

<sup>46</sup> Tradução livre para “Venezuela has not made significant progress in the recognition and protection of civil and political rights of lesbian, gay, bisexual, trans and intersex (LGBTI) people, who constantly live situations of discrimination, threats and attacks against their moral, psychological or physical integrity, and still lack legal protection which makes them defenseless citizens in an atmosphere of alarming growth of homophobia and transphobia, as a result of the absence of laws, policies and institutions that guarantee equality in the exercise of fundamental rights and freedoms” In: RED LGBTI VENEZUELA. “Human Rights situations of Lesbian, Gays, Bisexual, Trans and intersex persons in Venezuela. Disponível em: [https://tbinternet.ohchr.org/Treaties/CCPR/Shared%20Documents/VEN/INT\\_CCPR\\_CSS\\_VEN\\_20596\\_E.pdf](https://tbinternet.ohchr.org/Treaties/CCPR/Shared%20Documents/VEN/INT_CCPR_CSS_VEN_20596_E.pdf). Acesso em: 27 de out. de 2020.

venezuelano, dentre outras várias ofensivas à possíveis opositores. Além disso, detalha os efeitos da escassez de alimentos e medicações, especialmente na população tida como vulnerável. O documento atribui como causa para o “*displacement of migrants and refugees from Venezuela*” (deslocamento de migrantes e refugiados da Venezuela<sup>47</sup>) os índices de violência, de insegurança e de perseguições baseadas em opiniões políticas (IACHR, 2018, p. 449).

Neste contexto geral, o relatório dedica uma parte para “a população LGBTI”, afirmando que “a situação dos direitos das pessoas LGBTI na Venezuela continua fraca em virtude da situação política que afeta o país” (IACHR, 2018, p. 492). Nesta seção, menciona-se as pessoas LGBTI que vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV/Aids) e que estão migrando para outros países em busca de medicamentos. Indica-se o surgimento de um mercado não-regulado de medicações. Uma outra informação que consta no relatório é que de 2017 para 2018 houveram seis crimes contra pessoas trans. Citando um exemplo de uma mulher trans chamada Malvina Paiva que teria sido assassinada por policiais (IACHR, 2018, p. 492)<sup>48</sup>. A comissão responsável pelo relatório estabelece como uma preocupação a falta de informações oficiais sobre violações contra esta população, chamando atenção para a invisibilidade de acontecimentos deste tipo, assim como outras violações.

Em maio de 2020, a *Asamblea Nacional* publicou um documento, que não tem força legislativa, mas é um “*acuerdo*” com o intuito de “*visibilizar y mitigar el impacto diferenciado del Covid-19 sobre la poblacion de lesbianas, gays, bisexuales, transgenero e intereresex como consecuencia de la homofobia transfobia y la bifobia*” (ASAMBLEA NACIONAL, 2020, p. 1)<sup>49</sup>. O documento se ampara nos princípios constitucionais do país e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, além de trazer uma definição sobre homofobia, transfobia e bifobia como o “*rechazo o aversión hacia las personas em razón de su orientación sexual, identidad y expression de género*” (ASAMBLEA NACIONAL, 2020, p. 1). O acordo reitera que dia 17 de maio é considerado o Dia Nacional da Luta contra a homofobia, sendo esse, até o momento da escrita o último “marco oficial” expresso por instituições venezuelanas frente à diversidade sexual e de gênero.

---

<sup>47</sup> Tradução livre.

<sup>48</sup> Todas as citações neste parágrafo são traduções livres do referido documento. In: IACHR. “Annual report – Chapter IV.B - Venezuela”. Disponível em: [amazon.com.br/gp/product/handle-buy-box/ref=dp\\_start-bbf\\_1\\_glance](https://amazon.com.br/gp/product/handle-buy-box/ref=dp_start-bbf_1_glance). Acesso em 27 de out. de 2020.

<sup>49</sup> O documento foi assinado por Juan Gerardo Guaidó Marquez como Presidente de La Asamblea Nacional.

### 3.2.2 Contexto brasileiro

Na era colonial, o ato sexual entre dois homens era considerado “hediondo pecado, provocador da ira de Deus e execrável até pelo próprio Diabo” (FRY; MACRAE, 1983, p. 60), que poderia ser punido com morte na fogueira, conforme consta em um documento chamado “Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia”, datado no ano de 1707, conforme apuram Fry e Mac Rae (1983). A homossexualidade nunca foi definida como um crime pelos códigos penais brasileiros. Em 1906, no Rio de Janeiro, um médico publica o livro “Homossexualismo – a libertinagem no Rio de Janeiro” representando a tendência que se origina na Europa de compreender relações afetivas e sexuais entre homens na perspectiva da doença. Conforme Fry e MacRae (1983, p. 61) “daí em diante, são os médicos que vão reivindicar a sua autoridade de falar a verdade sobre a sexualidade e são eles os agentes da gradual transformação da homossexualidade de ‘crime’, ‘sem-vergonhice’ e ‘pecado’ para ‘doença’, ao longo dos anos que seguem”.

Saltando para o século XX, na década de 1970, situa-se como dois marcos do início do então conhecido como Movimento Homossexual Brasileiro a criação de um jornal chamado “*O Lâmpião da Esquina*” em 1978 no Rio de Janeiro, e a criação do núcleo de ativistas “Somos” em São Paulo, em 1979, tido como o primeiro movimento organizado no país (FRY; MACRAE, 1983)<sup>50</sup>. Em 1982, Lula que estava se candidatando ao cargo de governador do Estado de São Paulo “fez uma declaração explicitamente manifestando a posição de seu partido de que a homossexualidade não deve ser tratada como crime nem como doença” (FRY; MACRAE, 1983, p. 32). No início este movimento era predominantemente protagonizado por pessoas que se identificavam como homossexuais ou *gays*, e depois, principalmente a partir de 1990, grupos de lésbicas começam a se autonomizar, articuladas ao feminismo ou não (CARRARA, 2013). O ativismo trans e travesti começa a se organizar na mesma década também, tendo o Encontro Nacional de Travestis e Liberados em 1993 como um primeiro marco. Ainda na década de 1990, a epidemia do HIV/Aids foi responsável por uma significativa reestruturação no movimento, o que proporcionou um estreitamento entre os grupos ativistas e o governo federal brasileiro, como no Programa Nacional de Aids. A Constituição de 1988 por reconhecer a saúde

---

<sup>50</sup> A título de informação, em 1979, implementa-se um Código Penal que assim como todos os anteriores também não citava a homossexualidade (FRY; MACRAE, 1983).

como direito universal viabilizou o reconhecimento dos direitos humanos das pessoas soropositivas<sup>51</sup>.

Em 2000, Edson Nérís foi brutalmente assassinado por um grupo de *skinheads* na cidade de São Paulo, ao estar de mãos dadas com um outro homem em um espaço público. Este crime foi caracterizado como “crime de ódio” pelo promotor responsável, algo inédito no judiciário (CARRARA, 2013). Desde 2005 o Superior Tribunal de Justiça reconhece o direito de um cônjuge em uma união homoafetiva de usufruir do benefício previdenciário de pensão por morte e auxílio reclusão. O “Programa Brasil Sem Homofobia” de 2005 é comumente apontado como a primeira iniciativa governamental brasileira de proteção a “população LGBTI” (IRINEU, 2019). Como desdobramento o programa culminou na Primeira Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada em 2008, em Brasília, incluindo a presença do então presidente da república, Lula. A partir desta conferência, foi organizado e divulgado o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT em 2009 (CARRARA, 2013).

Em 2008 o artigo a Resolução Normativa nº 77 de 29 de janeiro de 2008, do Conselho Nacional de Imigração estabeleceu critérios para conceder visto temporário ou permanente, ou autorização de permanência, ao companheiro(a) em união estável. Em 2011, foi instituída a Portaria nº 2.836 que dispõe sobre a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT, no âmbito do SUS. Em 2013 o Conselho Nacional de Justiça, por meio da Resolução nº 175, converteu o entendimento de “união estável de pessoas do mesmo sexo” para “casamento”, mas não é necessariamente uma lei. Em 2016 o Decreto nº 8.727/2016 dispõe sobre a garantia do direito ao nome social das pessoas travestis, transexuais e transgênero no âmbito da administração pública<sup>52</sup>. Em 2019 o Supremo Tribunal de Justiça, em uma decisão histórica equipareu a homofobia e transfobia ao crime de racismo. Apesar de, novamente, não ser propriamente uma legislação<sup>53</sup>.

Irineu (2019) pontua que apesar de várias conquistas no âmbito estatal, há uma série de fatores que levam ao entendimento de que este é um país de alto risco para esse segmento

---

<sup>51</sup> De acordo com Carrara (2013) um grande complicador foi que a Constituição de 1988 não menciona discriminação por orientação sexual. Apesar disso, “a Carta de 1988 deve ser considerada, portanto, marco fundamental a partir do qual a sexualidade e reprodução se instituíram como campo legítimo de exercício de direitos no Brasil” (CARRARA, 2013, p. 152).

<sup>52</sup> As informações deste parágrafo constam na cartilha “O Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI” (MPF, 2017).

<sup>53</sup> A partir da decisão condutas homofóbicas e transfóbicas se enquadram na tipificação da Lei do Racismo (Lei 7.716/1989). In: SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>>. Acesso em: 05 de ago. de 2020.



populacional e para pessoas que defendem os direitos humanos no campo social. Tendo como um caso ilustrativo a morte da ativista por direitos humanos e vereadora negra Marielle Franco<sup>54</sup>. Irineu (2019) também afirma que essas violências se intensificaram durante o período eleitoral de 2018, em que o então candidato Jair Bolsonaro “publicamente hostilizava o reconhecimento de pessoas LGBTI e que tinha elementos explícitos de fascismo em seu discurso” (ANDRADE, 2019, p. 106). Como assinala Irineu (2019), uma das estratégias para eleição do presidente foram as chamadas *fake news* (notícias falsas), sendo uma delas o então conhecido “Kit Gay” que supostamente teria sido distribuído pelo Partido dos Trabalhadores (PT)<sup>55</sup>, dentre outros episódios como a fala “Meninos vestem azul, meninas vestem rosa!” proferida pela ministra Damare Alves, “anunciando uma nova era” com a eleição do novo presidente (IRINEU, 2019).

Seguindo a proposta de reconstruir um panorama “oficial” sobre os chamados direitos LGBTI no Brasil, revisei alguns marcos legais importantes, articulando com acontecimentos ligados ao movimento social no país, porque houve uma relação estreita. Contudo, como pode ser percebido, os eventos trazidos estão majoritariamente localizados na região do sudeste brasileiro (eixo Rio de Janeiro-São Paulo). Em um país do tamanho territorial do Brasil, convém regionalizar as histórias. Entretanto, considerando que o objetivo é posicionar o Estado brasileiro no que diz respeito a “direitos LGBTI” principalmente no âmbito federal, esta lógica teve de ser reproduzida<sup>56</sup>. No próximo tópico há um esforço em localizar não o panorama dos “direitos LGBTI” em Boa Vista, mas escrever sobre a cidade na perspectiva da homossexualidade, não em uma história “oficial”.

### 3.3 Boa Vista

Historiadores por muito tempo têm mapeado grupos de *gays* e *lésbicas* em alguns contextos urbanos em diferentes épocas, como na Itália renascentista, na França e Inglaterra pós-iluminismo e nos Estados Unidos e Austrália mais recentemente, reforçando a já

---

<sup>54</sup> Marielle Franco era vereadora municipal do Rio de Janeiro, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e foi assassinada no dia 14 de março de 2018, era militante em direitos humanos desde os 18 anos de idade (SILVA, 2019).

<sup>55</sup> Partido pelo qual estavam filiados os dois presidentes anteriores à Jair Bolsonaro, Luiz Inácio Lula da Silva, que foi presidente de 2002-2006, 2006-2010, e Dilma Rousseff que foi presidente de 2010-2014, e de 2014-2016, quando teve seu governo interrompido por um processo de Impeachment. Neste momento o então vice-presidente, Michel Temer, passou a responder como presidente até as eleições de 2018.

<sup>56</sup> Para pesquisas que se propõem a discutir sobre a homossexualidade na região amazônica, inclusive enfocando relações as identidades sexuais normativas e questões indígenas, ver os trabalhos de Fernandes (2015) e Gontijo e Erick (2017).

mencionada relação íntima quase que aparentemente indissociável entre a homossexualidade e a cidade (ALDRICH, 2004). Estudos recentes, entretanto, levam a interrogar sobre sociabilidades e dinâmicas homossexuais em espaços que não são considerados metrópoles (GONTIJO; ERICK, 2017; TEIXEIRA, 2015). Teixeira (2015) evidencia que durante o século XX, a metrópole seria entendida o habitat natural das pessoas que se identificam como homossexuais, propondo o conceito “metronormatividade” como uma crítica a essa lógica (TEIXEIRA, 2015; HALBERSTAM, 2005). Partindo desta provocação, nesta seção busco abordar a cidade de Boa Vista na perspectiva da homossexualidade em uma escrita em primeira pessoa, articulando experiências próprias com os estudos sobre sexualidade e migração. Esta seção é fruto de um exercício autoetnográfico, que de acordo com Méndez (2013, p. 280), é um tipo de escrita que conecta o pessoal ao cultural e permite ao pesquisador “desenhar sua própria experiência para compreender um fenômeno ou uma cultura em particular<sup>57</sup>”.

Apesar de ser a capital do estado de Roraima, Boa Vista é uma cidade relativamente pequena. Recordo de poucas situações em que vi ou ouvi a cidade ser demarcada como uma cidade “gay” ou “LGBTI”. Parece-me mais frequente representações do município como um espaço hostil frente à chamada população LGBTI. Do ponto de vista político-ideológico, as eleições de 2018 indicam que talvez a maioria da população, pelo menos no período eleitoral, se alinhava aos já mencionados posicionamentos de Jair Bolsonaro. O eleito presidente obteve 183.268 mil votos no estado, equivalente a 71,55% dos votos válidos<sup>58</sup>. Além disso, o também já mencionado relatório do Grupo Gay da Bahia em 2018 posicionou o estado como o sexto estado com mais assassinatos de pessoas LGBTI. Estas são duas informações que talvez indiquem a existência de mais fatores expulsivos do que atrativos, na perspectiva da diversidade sexual.

Como alguém que nasceu na cidade e que se reconhece como homossexual, caso me perguntassem sobre espaços de sociabilidades homossexuais<sup>59</sup> provavelmente me recordaria de uma boate noturna chamada Dallas, o primeiro espaço noturno voltado para o público “LGBTI”

---

<sup>57</sup> Tradução livre.

<sup>58</sup> G1. “Jair Bolsonaro vence em 12 das 15 cidades de Roraima”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/eleicoes/2018/noticia/2018/10/29/jair-bolsonaro-vence-em-12-das-15-cidades-de-roraima.ghtml>. Acesso em 18 de out. de 2020.

<sup>59</sup> Como pontuam Facchini; França e Braz (2014, p. 105), há uma intensa produção acadêmica no Brasil no âmbito das ciências sociais que conecta espaço urbano com homossexualidade “e que se expressa majoritariamente na constituição de espaços comerciais e na conformação de territórios simbolicamente marcados pela presença da homossexualidade nas grandes cidades”. Refiro-me, mais ou menos, a essas possíveis conexões, sem rigorosamente categorizar estes espaços como de “sociabilidades”.

que frequentei<sup>60</sup>. Com dezessete anos, fui com algumas amigas e amigos na virada do ano de 2013 para 2014, sendo esta provavelmente a primeira vez que vi *drag queens*<sup>61</sup>, casais homossexuais e casais lésbicas demonstrando afetos publicamente. A sensação de novidade e libertação que o espaço e a experiência me proporcionaram ainda é vívida. Hoje atribuo essa sensação que tive a escassez de experiências em lugares onde seria “permitido” expressar afetos, gestos, tidos como “coisa de bicha”, “coisa de baitola”, “coisa de boiola”. Acredito que o contraste desta experiência com situações anteriores, de humilhação e violência, principalmente em espaços institucionais, da escola ao ambiente de trabalho, é o que a torna memorável em minha trajetória.

Sobre o âmbito educacional no estado de Roraima, é pertinente citar a Lei nº 1.245 de 2 de fevereiro de 2018 que: “Dispõe sobre a proibição de atividades pedagógicas que visem à reprodução do conceito de ideologia de gênero na grade curricular das Escolas Estaduais públicas e privadas do Estado de Roraima” (RORAIMA, 2018). Conforme o segundo artigo da Lei: “Considera-se, para efeito desta Lei, como ideologia de gênero, aquela segundo a qual, os dois sexos, masculino e feminino, são considerados construções culturais e sociais” (RORAIMA, 2018). A mesma lei institui como responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação “conscientizar os educadores, os estudantes e seus pais ou responsáveis, sobre os limites éticos e jurídicos da atividade docente, especialmente no que se refere à ideologia de gênero”. O sétimo artigo da lei dispõe que:

Os servidores públicos que transgredirem o disposto nesta Lei estarão sujeitos às sanções e às penalidade previstas no Código de Ética Funcional dos Servidores Públicos [...] que trata sobre a responsabilidade do servidor no exercício irregular das suas funções no âmbito Estadual (RORAIMA, 2018).

Considero esta lei um marco importante para compreender as dinâmicas sociais e culturais a respeito da diversidade sexual e de gênero na região, tendo em vista que representa uma completa recusa em questionar-se a respeito das relações de desigualdade que a palavra “gênero” pode evocar e foi sancionada pela “autoridade” máxima do governo do Estado, incluindo a punição para os professores que vierem a “descumprir” a lei.

---

<sup>60</sup> Esta boate já foi fechada pouco tempo depois deste relato. Atualmente o único espaço de sociabilidade predominantemente homossexual na cidade é provavelmente a boate “Ícone”, no centro da cidade.

<sup>61</sup> Como define Jesus (2012, p. 27) a *drag queen* ou o *drag king* é o/a “artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade e gênero ou orientação sexual”.

Recentemente em uma conversa informal, um amigo também boa-vistense me contou sobre um aniversário, durante o ensino médio, em que seus colegas de turma separaram 24 (vinte e quatro) ovos (número que pessoas tipicamente recorrem em injúrias e violações contra sujeitos demarcados como homossexuais) para quebrá-los em sua cabeça. Esta é uma situação comum em conversas com amigos e amigas que não se identificam com cisgênero e heterossexual. Recordo-me de tantas outras ocorrências vexatórias nas escolas públicas que estudei na cidade similares a esta. Chamou-me atenção no relato a informação de que a professora foi avisada de que isso ocorreria, e que ela não fez nada para intervir, inclusive não deixou com que ele sáísse mais cedo ou tomou outra providência cabível. Entendo a omissão por parte dos “agentes” institucionais e (como já presenciei, até mesmo situações orquestradas pelos próprios/as professores/as) como uma das formas pelas quais o sujeito demarcado como homossexual pode ser violentado em espaços institucionais.

Por outro lado, vejo que experiência universitária durante a graduação pela Universidade Federal de Roraima também viabilizou sociabilidades e uma descoberta de pertencimentos inscritos no que é reconhecido como homossexualidade<sup>62</sup>. Principalmente considerando que cursei a graduação em psicologia. A psicologia no Brasil é notadamente uma ciência e profissão que exerceu e exerce um papel importante nas formas pelas quais a homossexualidade passou a ser entendida pela sociedade brasileira. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução nº 001/99 que, “estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual” (CFP, 1999). Esta normativa parte do princípio de que a psicologia “pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações” (CFP, 1999). O documento estabelece que é dever desta categoria profissional contribuir com seu conhecimento para o “desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas” (CFP, 1999). Um dos pontos cruciais da resolução, é que a mesma veta “eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades” (CFP, 1999). Ao longo dos anos, após a publicação este posicionamento do Conselho Federal de Psicologia que expressamente proíbe que profissionais promovam práticas para transformar um sujeito “homossexual” em “heterossexual”, levou a uma série de debates e disputas, inclusive em âmbitos parlamentares (GAMA, 2019).

---

<sup>62</sup> Não que este seja um espaço necessariamente isento de violências baseadas em gênero e sexualidade. Recordo-me de ter sido agredido verbalmente dentro do campus *Paricarana* em 2019 por um homem em um carro que gritou “bando de vagabundos” quando estava de mãos dadas com outro rapaz, na época namorado.

Portanto, percebo como me inserir em um espaço de formação, em psicologia, que, ao contrário dos espaços anteriores, tendia para uma maior abertura e estímulo à criticidade me fez formular questionamentos quanto a representações, valores, significações sobre a diversidade sexual, e foi estruturante do ponto de vista “pessoal”, me permitindo dar vazão às minhas próprias inquietações sobre o tema, o que, inclusive, me mobiliza como pesquisador neste campo.

Retornando ao entrecruzamento central da pesquisa entre mobilidade e homossexualidade, considero possível identificar em meu ciclo social de amizade - formado majoritariamente por pessoas que não se identificam como heterossexuais ou cisgênero - uma certa atratividade para outras capitais do Brasil. Curiosamente muitos e muitas amigos e amigas que conheço passaram a infância nos interiores de Roraima, então de certa forma essa “atratividade urbana” talvez já seja identificável no fato de muitas pessoas que se identificam como “LGBTI” morarem na capital no Estado. Entretanto, como apontaram Annes e Redlin (2012), a afirmação de que contextos urbanos parecem ser mais favoráveis para a exploração de sexualidades não normativas é tentadora, mas não se pode negar a existência de sujeitos que se identificam como homossexuais e que não se sentem atraídos para grandes metrópoles.

Corroborando com as problematizações dos autores, ainda que Boa Vista seja um espaço urbano, mas não necessariamente uma metrópole, acredito na possibilidade de investir em experiências singulares diferentes das prescritas pela heteronormatividade nesta região, apesar de ser desafiador. Seguindo a ideia de que a homossexualidade pode representar várias coisas, a depender do contexto cultural, histórico e político (FRY; MacRAE, 1983)<sup>63</sup>. Parece-me oportuno que, como algo que transcende o ato sexual, a homossexualidade pode ser entendida também como um modo de vida. Esta remete à colocação de Foucault (1981, p. 39) quando diz que a homossexualidade, “pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas [...] e parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética”. Nomeando como “homossexualidade” ou não, muitos fatores apontam para a necessidade de modos de vida verdadeiramente abertos às diversidades de gênero e sexual.

---

<sup>63</sup> Os autores definem a homossexualidade como “uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Assim ela é uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiáqui do Paraguai” (FRY, MACRAE, 1983, p. 6).

### 3.4 Apontamentos teórico-metodológicos

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

É possível observar uma certa mudança na produção do saber científico/acadêmico nas últimas décadas. As reivindicações dos movimentos políticos e sociais chegam às universidades e começa-se a discutir sobre realidades e perspectivas que até então não eram preocupações das ciências humanas, tais como a raça e o gênero por exemplo. De acordo com Preciado (2011), a partir de 1990 os sujeitos de enunciação na produção de teorias passam a ser os/as próprios negros/negras, as “bichas”, “sapatões” e as pessoas trans. Para Preciado (2011, p. 16) esta “reapropriação dos discursos de produção de poder/saber sobre o sexo é uma reviravolta epistemológica”. A mudança nas produções e nas condições de enunciação representa uma variação na circulação de discursos nas instituições modernas como a escola, família e até mesmo em âmbitos como o cinema, e a arte de maneira geral (PRECIADO, 2011). Preciado (2011, p. 12) propõe que “podemos compreender os corpos e as identidades anormais como potências políticas, e não simplesmente como efeitos dos discursos sobre sexo”. Apostando nesta potência política, a presente pesquisa se inscreve nessa tentativa de, como sugere Anzaldúa (2000, p. 232), “reescrever histórias mal escritas”, lançando-se em uma nova possibilidade de produção de discursos e questionamentos na perspectiva da própria dissidência e não na perspectiva das estruturas que as produzem.

Esta é uma pesquisa que se situa entre os estudos de gênero/sexualidade e os estudos migratórios, portanto, depara-se com questões teórico/metodológicas dos dois campos. No tocante às pesquisas sobre as migrações internacionais, há alguns pontos a serem elencados. Castles (2010) argumenta que as recentes mobilidades humanas evidenciam a ineficiência das teorias sobre migrações herdadas do período industrial. Para o autor, não há um marco conceitual que possa servir de ponto de partida para as discussões acadêmicas e teóricas. De acordo com ele, há “um problema-chave é a tendência de enxergar a migração como sendo completamente distinta das relações sociais em sentido mais amplo, e dos processos de mudanças” (CASTLES, 2010, p. 13). Como resposta aos entraves teórico-metodológicos

ligados às visões reducionistas sobre as migrações, o autor faz algumas sugestões para as pesquisas científicas que se propõem a compreender processos migratórios contemporâneos. Uma delas é a interdisciplinaridade. Para Castles (2010, p. 18), “o viés disciplinar tem geralmente significado uma abordagem reducionista, que foca aspectos limitados das experiências migratórias, bloqueando o conhecimento do processo migratório como um todo”.

A presente pesquisa alinha-se às proposições de Castles por alguns motivos. Em primeiro lugar, trata-se de uma produção interdisciplinar, que articula diferentes campos das ciências humanas. Outro alinhamento com Castles (2010, p. 24) se dá na consideração do protagonismo do/a migrante e sua capacidade de respostas aos fatores estruturais. O autor considera que o entendimento de que “a tomada de decisão obedece a uma racionalidade econômica baseada em informação perfeita têm pouco a ver com a realidade da maioria dos fluxos migratórios”. Portanto, a inclusão da orientação/identidade sexual como um fator estruturante de experiências e mobilidades é uma forma de apurar com mais sensibilidade as complexidades que compõem um processo migratório.

Partindo destes pressupostos, a principal forma de acesso ao campo foram as entrevistas que se deram forma aberta, sem roteiro pré-estruturado. As conversas foram gravadas por um dispositivo tecnológico e em seguida transcritas. O acordo foi mediado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que especificou as implicações da participação voluntária na pesquisa. Reinaldo foi entrevistado presencialmente em janeiro de 2020. Ángel e Manuel foram entrevistados de forma virtual em setembro do mesmo ano. Esta adaptação foi necessária em virtude da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), e da necessidade de medidas de isolamento social como forma de contenção dos danos que o vírus pode causar. Entrei em contato com os três interlocutores através da minha própria rede pessoal e os convidei após certificar-me de que se identificavam como venezuelanos e homossexuais/*gays*. O que os “une”, portanto, é: 1) A autoidentificação tanto nacional quanto sexual. 2) Estarem residindo em Boa Vista. Considero a problematização de Simões e Carrara (2014, p. 2013) sobre a superposição de diferentes interlocutores sob categorias como “pessoas LGBT” em pesquisas sociais contemporâneas, mesmo que não se esclareça e não seja perceptível o “solo comum que os acolhe”.

A análise destas narrativas propõe uma nova perspectiva das formas pelas quais as relações de poder atravessam o indivíduo na contemporaneidade. Remetendo as análises de Sassen (2016), é possível dizer que esta entrevista se situa “ao nível do chão”, no sentido de

que se dá a partir do campo experiencial. Este movimento é defendido pela autora para que seja possível pensar as tendências do capitalismo global. Como argumenta:

Historicamente, os oprimidos com frequência se levantaram contra seus senhores. Mas hoje os oprimidos, em sua maioria, foram expulsos e sobrevivem a uma grande distância de seus opressores. Além do mais, o “opressor” é cada vez mais um sistema complexo que combina pessoa, redes e máquinas, sem ter um centro visível. E apesar disso há lugares em que tudo se reúne, onde o poder se torna concreto e pode ser desafiado (SASSEN, 2017, p. 19-20).

Desde o começo da pesquisa a intenção foi a de trabalhar com três ou quatro entrevistados e isso gerou questionamentos em alguns momentos, o que particularmente me parece uma questão relevante. Mesmo em pesquisas que não são necessariamente quantitativas, parece prevalecer um valor, mesmo que não dito explicitamente, que vem da lógica quantitativa, de que “muitos dados se fazem unicamente com muitas pessoas”. Vale considerar que a migração venezuelana tem sido comumente pensada de forma numérica, tanto pela gestão da migração operacionalizada pela já mencionada Operação Acolhida, quanto pelos discursos midiáticos e formulados pelas agências humanitárias, em que, geralmente, as pessoas migrantes são referidas como números. Então, por investigar este tema, esteve presente uma inquietação em relação ao alcance da pesquisa não ser o suficiente. Entretanto, a riqueza das situações e o desafio de articular ideias que contemplem os temas complexos trazidos nas narrativas produzidas pelas três entrevistas desarmou essa inquietação.

Nesta dissertação não são priorizados dados numéricos e produção de discursos oficiais e universalizantes, pois trata-se de um tipo de produção de conhecimento baseado em narrativas. Considero as noções de narrativa apresentadas por Benjamin (1986). Em uma contraposição deste conceito em relação à informação, o autor evidencia como o surgimento dos jornais contribui para o enfraquecimento da experiência. Argumenta que:

As inquietações de nossa vida interior não têm, por natureza, este caráter irremediavelmente privado. Elas só o adquirem depois que se reduziram as chances dos fatores exteriores se integrarem à nossa experiência. Os jornais constituem um dos muitos indícios de tal redução. Se fosse intenção da imprensa fazer com que o leitor incorporasse a própria experiência as informações que lhe fornece, não alcançaria seu objetivo. Seu propósito, no entanto, é o oposto, e ela o atinge. Consiste em isolar os acontecimentos do âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor. Os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e, sobretudo, falta de conexão entre uma notícia e outra) contribuem para esse resultado, do mesmo modo que a paginação e o estilo linguístico (BENJAMIN, 1986, p. 107).

Neste trecho em que tece uma crítica ao jornal, Benjamin (1986) também traz uma concepção importante de que a experiência não possui um lugar que é radicalmente privado por



natureza. Na concepção do autor, isto é um efeito ligado aos modos de vida, que tem a ver com o modo de produção (e reprodução) da realidade e sobretudo os efeitos desse tipo de estruturação social na vida humana. Os valores da informação podem invadir a escrita científica/acadêmica e tornar as produções acadêmicas alheias às experiências dos/as atores que protagonizam os fenômenos pesquisados.

Ainda sobre narrativa, Benjamin (1986, p. 107) argumentou que:

Ela não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o que Benjamin escreveu sobre narrativa e experiência, mais precisamente sobre a “crise” delas, me inspirou a apostar neste caminho. Ainda que seus escritos evoquem um aparente fim do “narrador” e uma tendência para o desaparecimento dele, o que tento fazer com a pesquisa não é resgatar a figura do narrador nos interlocutores, mas sim pensar resquícios do potencial que talvez ainda se tenha de narrar experiências, e como isso pode ser passado de pessoa a pessoa. Partindo do entendimento de que as narrativas e as experiências não são naturalmente privativas. Benjamin (1986, p. 198) constatou uma dificuldade em intercambiar experiências, acentuada no contexto pós-guerra, em que de acordo com ele, “os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”.

Há também uma forte relação do declínio da narrativa com as transformações que perpassaram o mundo do trabalho. Como elucidada:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIN, 1986, p. 205).

Para o autor, a narrativa é uma forma de comunicação artesanal, não só transmite as informações como em um relatório, é uma superposição de camadas finas e translúcidas de narrações sucessivas. Percebe também que há um lugar de autoridade para produção de narrativas, ligada ao “estar morrendo” (BENJAMIN, 1986). De acordo com ele, antes da morte

ser expulsa do mundo dos vivos (a partir da ascensão da lógica burguesa e do surgimento de práticas culturais/sociais que higienizam, ocultam e mascaram a morte) até mesmo o olhar e o gesto de alguém que estava morrendo, em cena pública, transmitia o inesquecível. Conclui, que é da morte que o narrador obtém sua autoridade (BENJAMIN, 1986).

É importante ressaltar que como autor desse processo também estou nesse lugar de dissidência, ainda que talvez uma posição social menos “vulnerável”. Assim como os meus interlocutores, por me identificar como *gay*, também “habito” este lugar de dissidência. O que me difere destes, é que nasci e cresci em Boa Vista, portanto não sou migrante do ponto de vista geográfico, ainda que minha sexualidade tenha me feito embarcar em outras mobilidades, talvez mais simbólicas do que geográficas. De qualquer forma, também pesquisei sobre mim. Concordo com Lane quando diz que: “a pesquisa em si é uma prática social onde pesquisador e pesquisado se apresentam enquanto subjetividades que se materializam nas relações desenvolvidas, onde os papéis se confundem e se alternam” (LANE, 1993, p. 18). Em meio a estas confusões e alternâncias, o objetivo foi o de estabelecer esse espaço de interlocuções, com o objetivo de tecer caminhos entre a experiência e o público/social/político. Nesse sentido, este trabalho é uma tentativa de “coletivizar” experiências e retirá-las do âmbito privativo e evidenciar o que é político nas narrativas.

Em uma possível crítica, pode-se apontar que este olhar que entrecruza a perspectiva das sexualidades com as migrações pode levar a experiências muito particulares, que nada ou pouco podem contribuir para análises referentes a mecanismos sociais mais abrangentes. Castles (2010) discorreu sobre este entrave ao afirmar que:

A consciência da complexidade, diversidade e da importância do contexto pode conduzir à ideia de que a construção de uma teoria não faz sentido, uma vez que cada caso parece ser singular. Isso poderia fomentar uma fragmentação pós-moderna do conhecimento, baseada na ideia de que tudo é específico e que não há tendências sociais amplas ou padrões institucionais” (CASTLES, 2010, p. 28).

Contra-argumenta esta ideia evidenciando que:

Tal perspectiva ignoraria a realidade de processos de integração global que geram, mais do que nunca, níveis mais altos e difundidos de integração econômica, política, social e cultural. As relações sociais contemporâneas apresentam enorme diversidade, mas se trata de diversidade dentro de relações de poder e desigualdades cada vez mais universais. Dessa forma, a maneira mais importante de alcançar avanços nos estudos das migrações é vinculá-los mais estreitamente com uma teoria social mais ampla” (CASTLES, 2010, p. 28).

Sobre homossexualidade, especificamente, há algo que me chamou bastante atenção desde que comecei a falar sobre a pesquisa com as pessoas é perceber o tabu pelo qual o tema da diversidade sexual e de gênero é atravessado. Inclusive tentei conversar sobre isso com alguns migrantes que aparentemente atendiam aos padrões de gênero e sexualidade e obtive como resposta constrangimento e risos, o que, na verdade, já diz muito sobre o assunto. Mas não só na Venezuela, no Brasil é comum vermos que a homossexualidade é aceita, mas só se for entendida como algo privado, é como no discurso “eu aceito porque o que é feito em quatro paredes não me diz respeito”.

O problema desse tipo de discurso é que, como já demonstrado, reduz a experiência da homossexualidade à prática sexual, tendo em vista que a experiência sexual está intimamente ligada a regimes de poder - heterossexualidade compulsória e falocentrismo - que operam como práticas reguladoras para todos os sujeitos (BUTLER, 2013), e que há relações de poder que não existem somente no plano privado. Essas sanções que se direcionam aos sujeitos que não atendem a essas normas de sexo/gênero/desejo são usualmente violentas. Portanto, tratam-se de expressões de violência social, uma questão não necessariamente de ordem privada. Como pontua Halberstam (2005), por muito tempo a sexualidade era tida como algo exclusivamente corporal, local e pessoal, e por isso não era pensada como uma categoria para analisar temas amplos e complexos como a globalização, o capitalismo transnacional e os seus efeitos. Ainda de acordo com Fry e MacRae (1983, p. 116), “a homossexualidade não pode ser pensada isoladamente da sociedade como um todo que a produz”.

## IV – DISSIDÊNCIAS EM ENTRELACE

O presente capítulo está dividido em três partes dedicadas a cada uma das entrevistas realizadas. Não tive como objetivo produzir uma análise esgotante sobre o processo de migração dos três entrevistados, mas sim apresentar as conversas que tivemos e organizar as ideias fiadas ao cruzá-las com as discussões teóricas que tive contato nestes dois anos de mestrado. Este capítulo é fruto de um processo que não ambiciona produzir “verdades” sobre os sujeitos entrevistados, tampouco desvendá-las<sup>64</sup>. Almejei, portanto, apresentar elementos que se mostram nas falas dos interlocutores e ideias que me vieram ao pensar a respeito do que me falaram e o que escolheram compartilhar durante as entrevistas.

Optei em preservar a ordem “temporal” dos três textos. O único motivo desta organização é que na formulação dessas reflexões comparei a entrevista de Ángel com a entrevista de Reinaldo, e a entrevista com Manuel com as duas primeiras. Percebo que, em certa medida, a entrevista anterior foi estruturando e fornecendo referências importantes sobre quais perguntas fazer ou não na entrevista seguinte. Isto me parece proveitoso do ponto de vista metodológico, no sentido de que as perguntas foram sendo refinadas e guiadas a pontos específicos. Portanto, do ponto expositivo parece fazer sentido manter a ordem sequencial dos três textos. Início o capítulo com o texto escrito a partir da entrevista com Reinaldo, depois disto, apresento o texto escrito a partir da entrevista com Ángel e finalizo o capítulo com o texto que escrevi a partir da entrevista com Manuel.

### 4.1 Ovelha arco-íris

Nenhum descanso sem amor, nenhum sono sem sonhos de amor  
quer esteja eu louco ou frio, ou obcecado por anjos ou por máquinas,  
o último desejo é o amor  
- não pode ser amargo, não pode ser negado, não pode ser contido  
quando negado:  
o peso é demasiado  
- deve dar-se  
sem nada de volta  
assim como o pensamento é dado na solidão em toda a excelência do seu excesso

---

<sup>64</sup> Ao escrevê-lo busquei distanciar-me de uma função historicamente atribuída à escrita que delega a ela o objetivo buscar o indizível e de revelar o que estaria oculto, que como distingue Foucault (2004) remetem às escritas monásticas que, em certa medida, buscavam esclarecer os *arcana conscientiae*, ou seja buscariam um tipo de purificação ou revelação, e “desalojar do interior da alma os movimentos mais escondidos de forma a poder deles se liberar” (FOUCAULT, 2004, p. 162).

Conheci Reinaldo<sup>66</sup> há dois anos atrás quando tivemos um encontro amigável em um projeto que nós dois estávamos participando voluntariamente. Lembro-me que ele disse que se considerava um cidadão global. Falava inglês, espanhol e um português muito preciso, com gírias, entonações quase que equivalentes às entonações de falantes nativos. Meses depois, encontro-o novamente em uma mesa de bar, com amigos em comum.<sup>67</sup> Nesta noite, comentei com ele sobre minha pesquisa. Ele disse algumas coisas sobre a experiência de ser homossexual e migrante. Falou que, quando seus pais vêm para Boa Vista, ele tenta “poupá-los” da sua homossexualidade. Além disso, falou sobre discriminações. Disse que as via de uma forma entrecruzada. Fez um gesto com as duas mãos direcionando ao seu corpo. Como se fossem dois objetos, que viessem de sentidos diferentes, e que o atingissem simultaneamente.

Sobre esta tentativa de “poupar” os pais, me remete ao que Fortier (2003) escreveu sobre o que chamou de *two-mindedness* (ou em uma possível tradução “mente dupla”). A partir dos escritos de Bob Cant, Fortier (2003) observa que nem sempre a migração de *gays* e lésbicas implica em uma ruptura radical da infância e da identidade atrelada ao primeiro lar. Considerando isto, propõe um modelo de interpelações entre os dois lares, o que não seria exatamente uma “vida dupla”, mas sim uma “mente dupla”, referindo-se ao trabalho mental, às vezes diário, de traduzir, conciliar e negociar, internamente “dois mundos”, aparentemente impossíveis de serem unificados.

Buscando a superação dessa perspectiva de identidade unilateral, a autora sugere que em alguns casos nem a infância, nem a vida que se inicia após a “saída do lar” são negadas (FORTIER, 2003). Como Reinaldo, algumas/alguns migrantes podem se ver nesta posição de buscar conciliar estes “dois mundos”. Esta é uma dinâmica que sugere concepções de migração como algo que não é necessariamente linear e definitivo, pois pode ser repleta de idas e vindas, ainda que na dimensão afetiva e não necessariamente na espacial/geográfica.

---

<sup>65</sup> Opto por selecionar trechos de músicas ou poesias para iniciar os três textos que compõem o capítulo como uma forma de registrar como me “aproprio” de cada um destes encontros. Considerando que a arte pode ser uma ferramenta eficiente para manifestar afetos.

<sup>66</sup> Nome fictício, para preservar a identidade do interlocutor.

<sup>67</sup> Encontramo-nos em um bar chamado Reitoria, próximo à Universidade Federal de Roraima. Este era um bar bastante frequentado por pessoas que não se identificam como heterossexuais e cisgênero. Apesar de não ser necessariamente considerado um espaço “LGBTI” como a boate “Ícone”. Era também, antes da pandemia, um lugar bastante frequentado por pessoas de outras nacionalidades (venezuelanos/as, haitianos/as, dentre outros). Em 2017, houve uma polêmica neste bar, quando o proprietário teria reprimido dois homens que se beijaram em uma mesa. A repressão ocasionou em um “beijaço” organizado por universitários/as em protesto ao acontecimento.

Por conta desses dois encontros quis conversar com ele, e imaginei que poderia ser uma entrevista muito interessante. Marcamos a entrevista em um lugar aberto que foi sugerido por ele: Praça das Águas, uma praça muito central no traçado urbano da cidade. Conversamos sentados em cima de uma famosa escadaria de madeira. Apesar do receio que tive por ser um lugar talvez mais público do que o desejado para uma entrevista, não tivemos interrupções e acredito que o lugar aberto tenha dado uma ambiência de liberdade para a entrevista. Reinaldo estava com longos e cacheados cabelos roxos. Foi a primeira coisa que comentei quando nos vimos. Falei que ele tinha mudado muito, e ele disse que eu havia mudado também. Quando nos conhecemos em 2018, eu que tinha cabelos longos, desta vez estavam curtos. Invertemos. Conversamos sobre a virada do ano, sobre festas e términos de relacionamentos. Reinaldo contava que há poucos dias tinha terminado com seu namorado brasileiro. Depois de alguns minutos li para Reinaldo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e decidimos gravar a conversa.

Começamos falando sobre o momento em que ele “saiu do armário”. Reinaldo disse que se considera “fora do armário”, mas explicou que sobretudo no contexto familiar ainda se depararia com uma série de restrições. Conta sobre uma vez que tentou apresentar um namorado em um almoço com a família, ainda na Venezuela. Seu pai reagiu negativamente. Com a faca na mão, apontada forçosamente contra a mesa, sinalizou sua reprovção. O namorado de Reinaldo foi expulso do almoço. Como conta:

Eu fiz um almoço. Eu coloquei as quatro cadeiras que são as deles, do meu irmão e a minha... E coloquei mais uma. Aí eles: “Tá, e essa cadeira aqui?” “Não. É que vai ter alguém daqui há pouco”. Ele estava no meu quarto. Aí fiz tudo, o almoço que eles mais gostavam, que é macarronada e tal. Eu fiz tudo bonitinho. E quando tá tudo servido na mesa eu chamo ele: “Amor, vem cá”. Aí meu pai: “Amor?” [...]. Meu pai, assim, não fez nada, só pegou a faca com a mão, e ficou assim... “Esse que é teu amor, é?” Ficou assim, com a mão toda apertadona. “Esse aqui quero apresentar para vocês, esse é meu namorado”. “Namorado nada, ele vai embora daqui agora. E você me dá seu celular [...] Me dê esse celular que você não vai sair mais, você vai só pra faculdade, pro trabalho, e pra cá”. Foi horrível. Depois disso, eu já tentei outras vezes também, apresentar outras pessoas, tentei conversar com eles, mas não (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

A partir desta memória, é possível visualizar que no âmbito familiar Reinaldo deparou-se com sanções, com limites quanto às expressões afetivas e identitárias que fogem da chamada heteronormatividade. Teve seu amor expulso da casa e teve o acesso ao celular e à vida social/pública limitado depois desse acontecimento. O namoro de Reinaldo é algo que transgride o que sua família espera dele, e por ser um namoro homossexual traz uma série de

implicações para o grupo familiar, como a vergonha, por exemplo. Especialmente porque seus pais são cristãos<sup>68</sup>.

Eu nasci em uma família evangélica, depois aos poucos anos ele passou a ser pastor, aí eu ganhei esse fardo que eu não queria. “Filho de pastor tem que ser o exemplo, não pode ser *gay*”. E eu sempre fui a ovelha arco-íris, que eu não vou dizer negra. Evangélico não pode ser modelo, eu gostava, era minha paixão. Eu fui modelo na Venezuela. A gente não podia ser *gay*, eu era *gay*, a gente não podia colocar *piercing*, eu tive *piercing* e tatuagem. A questão do cabelo grande também, até isso meus pais não queriam. Eu comecei a deixar crescer faz um ano, mas também porque estou aqui (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

Além do âmbito familiar, é perceptível que tanto as restrições quanto às expressões identitárias impostas pela instituição familiar relacionam-se com expectativas sociais. Além de não poder ser *gay*, não pode ter *piercings* e tatuagens, estas expectativas incidem também na vida profissional de Reinaldo, pois ele encontrou obstáculos em seguir a carreira de modelo devido a estas expectativas de papel pelo qual ele deveria performar, de “filho do pastor”. Reinaldo se vê como diferente do que se espera ao referir-se como “a ovelha arco-íris”. Há duas potentes ressignificações nesta alegoria, a primeira é que se recusa a utilizar o termo “ovelha negra<sup>69</sup>” e a segunda é que afirma um lugar de orgulho por ser a exceção destas expectativas familiares e sociais. É válido considerar que as cores do arco-íris são popularmente utilizadas para representar a diversidade de gênero e sexual, inclusive a bandeira que comumente representa as pessoas “LGBTI” (ou outras variações da sigla) é composta pelas cores do arco-íris.

Reinaldo conta que no contexto em que vivia, era pressionado por um ideal de masculinidade mais intenso do que encontra em suas experiências em Boa Vista. Nesse momento, surge, em concomitância, um possível elemento racial sobre o que se entende por beleza. Ele conta que na Venezuela o cabelo liso é tido como mais belo do que o cabelo enrolado.

Nesse sentido, a imagem do homem, é bem mais conservador lá. No tempo que eu fui modelo, eles me pediram pra deixar crescer o cabelo um pouquinho. Não assim, né. Só que meu cabelo era só chapinha. Eu não podia ter o cabelo assim, eles não gostavam do cabelo cacheado. Quando eu chego aqui, pra mim foi uma coisa totalmente nova, porque eu vim com aquele estilo do cabelo liso, com a chapinha etc, aí começo a ver as mulheres que gostam do cabelo cacheado e eu... “Será que eu

---

<sup>68</sup> Como demonstrado no capítulo ‘Homossexualidades em movimento’, na concepção cristã a homossexualidade está fortemente atrelada a noção de pecado.

<sup>69</sup> Provavelmente porque assim como em expressões como “lista negra” “inveja preta” “mercado negro” o adjetivo vem com uma conotação racista.

deixo?” Eu experimentei deixar uma vez... Todo mundo: “Reinaldo, teu cabelo é cacheado!” Eu: “é... Ele não é liso, é só chapinha”. E todo mundo: “Mentira! Deixa crescer!”. E todo mundo me incentivando a deixar crescer, e eu queria deixar crescer. E eu: bom, eu vou deixar crescer, porque realmente é uma coisa que eu quero fazer. Aí, todo mundo gosta do cacho aqui, então beleza, vou deixar. Eis aqui meu cacho (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

O incentivo das pessoas ao redor de Reinaldo foi decisivo para que ele parasse de alisá-lo. Demarca-se a importância de uma aprovação no meio social que alguém se insere para que uma mudança, mesmo que em aparência pareça um detalhe, seja empreitada.

Reinaldo passou a morar definitivamente em Boa Vista em 2017 com 24 anos, mas passava alguns meses no Brasil e voltava para Venezuela desde 2014. Veio através de uma conexão com uma família brasileira, que lhe incentivaram a vir por conta da ideia de que aqui ele encontraria mais oportunidades de emprego por falar inglês. Portanto, o trabalho aparece como motivação principal da vinda de Reinaldo para o Brasil. Antes disso, havia tentado se estabelecer no Panamá, mas não conseguiu manter sua estadia.

Esta relação com os brasileiros foi estabelecida a partir de uma amizade entre as duas famílias, que se iniciou em um momento em que a família brasileira precisou de ajuda na Venezuela. Eles estavam de carro, em uma viagem turística<sup>70</sup>, seguindo até a Ilha de Margarita quando sofreram um acidente. O pai de Reinaldo se prontificou a ajudá-los, criando uma forte relação entre as famílias. Reinaldo supõe que a família brasileira o acolheu justamente em retribuição da bondade de seu pai, que os ajudou no momento do acidente.

Além do fator trabalho, há um outro elemento que propiciou a migração de Reinaldo como conta. Ele sofreu uma tentativa de sequestro na Venezuela. Assim que voltou do Panamá, havia trazido alguns itens eletrônicos que comprou com o dinheiro que recebeu no país. Em uma noite quando voltava da faculdade, seu pai não o buscou de carro como de costume (estava quebrado nesta noite) e Reinaldo decidiu ir de ônibus, o que demandava que percorresse um trajeto caminhando. Enquanto percorria esse trajeto, foi surpreendido por dois homens armados que o assaltaram e lhe agrediram. O plano era sequestrá-lo. Mas não aconteceu por conta da interferência de uma outra pessoa:

Eles entenderam que eu tinha dinheiro, que eu era um cara que... sendo que não, que realmente eu ralei bastante pra conseguir tudo o que eu tinha, mas enfim, o ponto é que eles tentaram me sequestrar, graças a Deus não deu certo, até agora graças a Deus, porque naquele momento que eles tavam me puxando, me levando, que eu tava forcejando com eles ali, aparece uma caminhonete branca. Eu não sei da onde, o cara,

---

<sup>70</sup> Antes de 2015/2016 a Ilha de Margarita era um destino turístico muito frequente para os brasileiros, esta rota foi se tornando cada vez menos comum devido aos acontecimentos políticos/econômicos/sociais do país.



eu não conheço, ele falou “solta ele”, foi a única coisa que ele falou, eu acho que ele conhecia eles, não sei. Acho que seria o cara de alguma gangue, também não sei, porque tipo, ele só falou “solta ele” com aquela autoridade, como se realmente, né... (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

Reinaldo foi protegido por esse homem desconhecido, que o acompanhou até a sua casa. Esta é uma cena de violência muito enigmática e simbólica, por ser uma cena ambivalente. Há o desconhecido que violenta, mas o desconhecido que protege também.

Nos dias seguidos, Reinaldo experienciou um estado pós-traumático de medo muito intenso que o afetou psicologicamente e trouxe prejuízos no âmbito do trabalho e dos estudos:

Eu ainda passei umas duas semanas depois, andando de ônibus, e eu não conseguia sair de casa assim. Eu parei de trabalhar, eu perdi meu trabalho por causa disso. Com medo. Eu sentia que se eu saísse de casa, já tinha alguém me olhando, porque, cara. A pessoa [que me assaltou] falou [ao me abordar] que eu tinha um Z1, um telefone bom. Como ele vai saber isso? (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

Foi nesse momento que a senhora brasileira que estava visitando a família de Reinaldo o convidou para morar definitivamente no Brasil:

A mulher falou “Ah Reinaldo. tu é um jovem tão bonito, tão interessante, tão dedicado ao trabalho”. Eu contei o que aconteceu comigo. “Ah não meu filho, tu não pode continuar aqui, tu vai morrer aqui. Não sei o quê” “Vamo, vamo, tu vai conseguir”. Foi ela que me encheu a cabeça de ilusões (Risos) (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

Evidenciam-se então dois fatores que o fizeram migrar: a expectativa de melhores oportunidades de emprego no Brasil e a ideia de fugir da violência que o cercava. De certa forma, os dois fatores dizem sobre o status social, econômico e político da Venezuela. Tanto a falta de expectativa de trabalho quanto a violência são duas manifestações frequentes da situação da Venezuela.

É possível perceber que a trajetória de Reinaldo é o lugar em que se concretizam múltiplas tendências de expulsões. Embora seja difícil organizar ou hierarquizar estas tendências, por ser uma migração de grande escala, é possível perceber que existe uma tendência própria de expulsão em grande escala do povo venezuelano. Como já mencionado, é uma expressão da economia global e das relações entre os Estados-Nações. Conforme explica Sassen (2016), na América Latina (assim como em alguns países da África e na Ásia Central) os recursos naturais são favorecidos em detrimento das pessoas que residem nessas regiões, o que sugere uma atualização do capitalismo, que não necessariamente priorizará a figura do trabalhador/consumidor.

As narrativas de Reinaldo são perpassadas por muitos fatores macroestruturais a respeito das migrações e suas implicações. A violência contra o/a migrante também atravessou a vida de Reinaldo em alguns momentos. Sobre isso ele conta que mesmo tendo conseguido um bom emprego na área de hotelaria no Panamá, acabou sendo demitido por medidas xenofóbicas do governo. Pensou no Brasil porque talvez seria um país que estaria recebendo menos pessoas venezuelanas. Logo quando se regularizou quanto à documentação foi a procura de empregos em Boa Vista. Apesar de ter distribuído dezenas de currículos, só foi chamado para uma entrevista, e a despeito de sua qualificação e aptidão para o cargo, acabou sendo descartado por conta de sua nacionalidade:

Aí o cara vem e pergunta: “Tá, então você que levantou a mão duas vezes, seu nome é Reinaldo, né? É, Reinaldo... [...] então você é Venezuelano. Cara, mas você fala muito bem”. E eu: “Obrigado”. “E você fala que línguas?” “Espanhol e inglês”. “Ah, beleza, e você trabalhou em hotéis já?” “Já, no Panamá, no Hard Rock, conhece?” “Ah sim, tá, não sei o que... Mas você é venezuelano, né?” “Sou venezuelano, mas tenho qualificação, pode ver o currículo e tal”. “Ah é, mas é porque assim... tipo... a entrevista já acabou”, e eu... “Mas mal começou”. “Sim, sim, mas tipo.. A gente vai te ligar depois e tal”. E eu: “Tá, entendi... Tá bom então...” Até hoje eu estou esperando a ligação (Risos). Foi muito ruim. Muito muito ruim (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

Reinaldo fala que antes de vir para Boa Vista definitivamente havia se separado de seu namorado na época, que se mudou para outro país, pois havia uma proposta de trabalho no Equador. Reinaldo estava triste por conta da mencionada separação, e por recomendação de um amigo também identificado como venezuelano e *gay*, começou a utilizar aplicativos de relacionamento. De acordo com ele, o uso desses aplicativos provocou uma “desconstrução na sua identidade”:

Quando eu cheguei aqui baixo esse negócio<sup>71</sup>, e cara, isso me desconstruiu todinho, me desconstruiu ao ponto que hoje em dia, tipo, eu volto atrás, há dois anos, três anos já... que eu tô aqui... eu não me reconheço mais. Tipo, aquele cara que chegou aqui não sou eu nem de perto (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

Devido aos encontros que teve por meio desses aplicativos, passou a experienciar novas formas de se relacionar (ou não se relacionar) sexualmente/afetivamente.

Na Venezuela, eu tinha até um conceito diferente de relacionamento, assim, pra mim, pra eu ficar com uma pessoa, eu tinha que conhecer a pessoa, tinha que sair pelo menos

---

<sup>71</sup> Ele estava se referindo ao *Grindr*, um aplicativo para telefones voltado para homens que se relacionam com outros homens. Este aplicativo geralmente é tido como utilizado por um público mais interessado em relações sexuais do que românticas, que o *Tinder*, por exemplo. Não sendo uma regra.

umas duas vezes, e aí eu ficava com uma pessoa se eu queria. Aqui não. É tipo aquele *Fast Food*. Tipo... Comida rápida. Você só entra no aplicativo. “Ah... eu quero esse daqui”. Marcamos. Fomos... (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

O entrevistado compara com as formas de se relacionar na Venezuela e percebe que possivelmente na cidade em que vive atualmente as relações são mais diretas do ponto de vista sexual:

É assim que a gente conhece as pessoas aqui. Tipo, não é como lá que você chama a pessoa pra tomar um café, e a pessoa vai, de boa, pode rolar, pode não rolar também, de boa. Aqui não, aqui tipo, você pode chamar pra um café, mas o café já tem uma outra intenção também (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

Reinaldo conta que no início buscava relações afetivas/românticas nestes aplicativos, mas percebeu que esta expectativa não era correspondida. Apesar disso, teve um relacionamento duradouro com um brasileiro que conheceu por meio desse aplicativo. Sobre as muitas mudanças, do ponto de vista identitário, pergunto se ele avalia como positivas ou negativas<sup>72</sup>. Reinaldo afirma: “ainda não sei (risos). Ainda não sei, eu gostava de como eu era naquela época, eu também gosto de como eu sou agora, então tipo, eu não sei se foi bom eu ter mudado, não sei...”. O mesmo continua dizendo que apesar de não ter pensado nisso antes de vir, tendo focalizado mais na violência que sofreu e no fator do trabalho como os dois principais fatores, percebe mais liberdade nesse âmbito de sua vida desde que passou a morar em Boa Vista. Ele enfatiza o fato de poder andar de mãos dadas com seu namorado aqui, coisa que não fazia na Venezuela. Além disso faz um comparativo entre as violências homofóbicas nos países. Considera a violência no Brasil “mais física” e na Venezuela “mais psicológica”:

Eu agradeço ter vindo pra cá, porque inclusive, lá eu já não morava mais com meus pais, mas mesmo assim eu ainda tinha a pressão deles, porque né, o filho do pastor e tal [...] Tinha meu namorado, aquele que eu tentei apresentar pra eles, eu tive com ele quase quatro anos de namoro, e tipo, eu comparo os relacionamentos, né? Por exemplo com ele eu não podia sair na rua, colocar o braço assim em cima dele, andar de mão dada com ele. Aqui eu já fiz isso com aquele cara que eu tava namorando [...] Eu não diria que lá a questão da violência é tão forte, mas a pressão psicológica é bem presente. Porque tipo, eles não vão te bater. Mas vão ficar te destruindo psicologicamente, vão ficar falando “ah porque tu é viado”, tipo ao ponto de que na Venezuela ainda... Bom, não sei se ainda, mas tipo quando eu saí de lá há uns 3 anos, a palavra “viado” “*gay*” era uma ofensa, a pessoa tu chama de viado “como assim, não, não, não sou viado”, uma coisa que hoje em dia, eu com meus amigos “ah viado” é normal, “e aí *gay*” normal, lá não, na época que eu vim pra cá (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

---

<sup>72</sup> Por esta ser a primeira entrevista, considero mencionar que de certa forma reproduzi uma lógica binária em que esperei que Reinaldo avaliasse seu processo migratório como um marco, um “antes” e “depois”. As demais entrevistas e as análises das mesmas me levaram a considerar menos estas rupturas e mais continuidades.

No tocante à cidade de Boa Vista, há uma evidente ambivalência. Da mesma forma que é uma cidade apontada como expulsiva para pessoas que não se identificam como heterossexuais, é ao mesmo tempo um lugar de sociabilidades que permitiu desconstruções e “florescimento” de uma identidade não normativa, como foi o caso de Reinaldo<sup>73</sup>. A inserção na universidade do entrevistado pode ter sido uma estratégia. Tendo em vista que o meio universitário foi um meio seguro que permitiu essas desconstruções. Nesse sentido, a constatação de Teixeira (2015) sobre o surgimento de novas manifestações de sociabilidades homossexuais para além das grandes metrópoles é corroborada. Considerando que Boa Vista é uma das capitais brasileiras com menos habitantes e que trouxe experiências positivas no que diz respeito à manifestação da sua identidade sexual, apesar de não ter sido elegida por Reinaldo considerando esse aspecto.

Um fator importante para esta leitura é que Reinaldo não se considera visivelmente homossexual. Portanto, presume-se que em um olhar externo estar de acordo com as heteronormas, talvez as sanções venham de maneira mais atenuadas do que viriam se estas transgressões fossem mais visíveis. Além disso, Reinaldo percebe que a sua situação é diferente dos/das demais venezuelanos/as que chegam à Roraima nos últimos anos. Tem ciência desta diferença do ponto de vista da classe, pois afirma que na Venezuela a situação econômica de sua família era “*meia alta*” e fazia viagens internacionais duas ou três vezes por ano até 2016. Além disso, sua trajetória de migração é apontada por ele como diferente, considerando que por conta dos amigos dos pais que o acolheram, nunca ficou em abrigos ou nas ruas. Do ponto de vista de classe, Reinaldo está menos vulnerável às adversidades que migrantes de classes sociais/econômicas inferiores, que têm como única opção de moradia os abrigos ou as ruas.

Considera-se diferente dos demais pelo enfoque que dá aos estudos e por uma busca por autonomia e independência, que não percebe nos/nas demais migrantes venezuelanos/as que estão em Boa Vista. Reinaldo ainda menciona que quando decidiu morar definitivamente no Brasil, decidiu evitar ao máximo contato com pessoas que também falassem espanhol para que aprendesse da melhor forma possível o português. Pergunto se esse período não se sentiu solitário, ele responde:

Não. Porque eu sempre fui solitário. Eu sou um canceriano estranho, porque geralmente canceriano é aquela pessoa sentimental, não sei o quê... eu não, eu sinto solidão às vezes, não vou dizer que nunca sinto. Eu sinto [...] Não sinto falta de

---

<sup>73</sup> Como demonstrado no capítulo ‘Homossexualidades em movimento’, é possível dizer que este foi o meu caso também, em certa medida.

ninguém enquanto tô fazendo alguma coisa, às vezes eu fico sem fazer nada, aí sim, tipo “ah, poxa, não tenho alguém pra sair, não tem alguém pra... mas geralmente eu tô... se eu não tivesse esse aparelho [mostra celular], aí que eu ia sentir mesmo, é isso (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

As redes sociais serão discutidas com um maior vigor no texto sobre Ángel, mas sinalizo que esta é uma dimensão importante para compreender essa experiência que entrecruza migração e homossexualidade.

Um outro ponto forte na narrativa de Reinaldo é a forma com que precisa abdicar de expressões identitárias para tornar as relações familiares suportáveis. Nesse sentido, é necessário que ele deliberadamente oculte algo para manter-se no grupo. Isso ocorre porque a família, em sua forma mais tradicional, se estrutura de maneira heteropatriarcal<sup>74</sup>. O pai possuiria esse lugar de liderança, enquanto a mãe e os filhos seriam hierarquizados como inferiores (BRAGA, 2019). Nas narrativas de Reinaldo, há um pai que assume um lugar ambivalente e contraditório, da mesma forma que fere simbolicamente, como na situação da faca, também ajuda, e aparece como bondoso: “olha, não tem um cara de coração mais bom que meu pai, não tem, não tem no planeta. Meu pai é tipo... Ele deixa de comer para te alimentar. Embora ele esteja morto de fome, ele: “tu tá com fome?. Ah, toma...” “E tu?” “Ah, eu to pleno, eu to bem”.

A partir do momento que este pai restringe a sua liberdade (que não deixa de ser um ato de violência) por conta da sua identidade sexual já se tem uma primeira expulsão<sup>75</sup>. Ou o filho performa uma identidade ficcional para corresponder às expectativas da família ou precisa se retirar para vivê-la. No caso de Reinaldo não houve uma expulsão geográfica/espacial, como é o caso de muitas pessoas “sexiladas” como demonstra Braga (2019).

Assim como na trajetória de Reinaldo, há uma série de paradoxos que assolam a vida de pessoas marcadas por sexualidades dissidentes. Esta ruptura inicial traz uma experiência de impossibilidade de conciliação desta identidade não normativa com o lar. O que é possível perceber é que, como elucida Fortier (2003), a concepção que se tem de lar está problemáticamente atrelada à lógica da heterossexualidade. Em muitos casos, a “saída do armário” acontece simultaneamente com a saída do lar, mas esse não foi o caso de Reinaldo que por um período determinado fez concessões para se manter nas relações familiares, e só

---

<sup>74</sup> Termo usado por Braga (2019), ao comentar sobre os estudos de Norma Mogrovejo. Braga, amparado na autora, afirma que esse heteropatriarcado associa-se ao colonialismo, e impôs a lógica de família (pai, mãe e filho) aos povos já existentes no continente americano.

<sup>75</sup> Conforme postula Braga (2019).

começou a explorar com mais liberdade as expressões não-normativas de sua identidade e sexualidade quando passou a morar em Boa Vista.

Cabe demarcar que estas expulsões não o essencializam como uma vítima imóvel, uma vez que nos últimos anos embarcou em experiências de deslocamentos não só para sobreviver, mas para viver. Para isso também contou com vários fatores de proteção, como o apoio da família brasileira, além de um sistema jurídico que - pelo menos em dado momento - o permitiu se “regularizar” no Brasil, garantindo que pudesse tirar a Carteira de Trabalho e Previdência Social e que pudesse ingressar em uma universidade pública e gratuita<sup>76</sup>. Teve, ainda, laços de amizade com brasileiros que lhe receberam com hospitalidade e o viram não como uma ameaça, mas como um amigo, e inclusive experienciou uma relação de amor com um brasileiro.

Almendra (2019) apresenta narrativas de migrantes identificadas como trans na América Central, onde algumas de suas interlocutoras diziam serem menos expostas a discriminações e violências quando eram “apenas gays”. Evidencio como a eleição de quem sofre ou não violência baseada em gênero e orientação sexual perpassa pela dimensão visual. Tem a ver com o jeito de gesticular, com as roupas, se há brincos ou não, cabelo grande ou não. O que leva a supor que quanto mais, visualmente, você se apresenta como um “outro” mais suscetível você estará a esses ataques. Nestes ataques há uma tentativa de normalizar, expulsar, abominar o outro, o novo, o diferente. Isto é algo percebido por pessoas que se identificam como dissidentes do ponto de vista sexual ou de gênero desde muito cedo. Como enunciou Louro (2004), as pedagogias heteronormativas são diárias. Se quanto mais alguém apresenta pistas visíveis dessas transgressões mais suscetível estará a essas violências coercitivas, é possível supor que a lógica inversa também é possível.

Sua fala indica que talvez sua dissidência sexual não seja tão evidente em um primeiro olhar, ou não seja performada de forma explícita, a ponto de inclusive atrair expectativas românticas/afetivas de mulheres heterossexuais. Sua identidade pode parecer ambígua e contraditória em alguns momentos. Não se vê como só mais um na multidão, se enxerga como “acima da média”, e em determinado momento da nossa conversa fala sobre uma dificuldade

---

<sup>76</sup> Reinaldo ingressou na universidade na modalidade de ampla concorrência. Contudo, a Universidade Federal de Roraima em 2019 havia tornado público um processo seletivo para imigrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade. O processo seletivo foi suspenso após intimação expedida pela 4ª Vara da Seção Judiciária da Justiça Federal de Roraima. A denúncia foi feita em meio a repercussões negativas do processo seletivo por parte da sociedade civil roraimense que alegou que o processo seletivo privilegiava “estrangeiros” em detrimento de brasileiros. Esta informação consta em Nota publicada pela Universidade Federal de Roraima. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. “Suspensão do Processo Refugiados/Imigrantes 2020.1”. Disponível em: <[http://ufrr.br/cpv/index.php?option=com\\_content&view=article&id=493:suspensao-do-processo-refugiados-imigrantes-2020-1&catid=18:noticias&Itemid=102](http://ufrr.br/cpv/index.php?option=com_content&view=article&id=493:suspensao-do-processo-refugiados-imigrantes-2020-1&catid=18:noticias&Itemid=102)>. Acesso em: 17 jul. 2020.

que tem em fazer amizade com outros venezuelanos, o que ele mesmo denomina de “autoxenofobia”. O que pode de certa forma estar atrelado a um processo de diferenciação que envolve a repetição de ideologias, mas também pode indicar manifestações de táticas de resistência<sup>77</sup>.

Quando eu perguntei sobre ciclo social, sobre quem são seus amigos principalmente, ele fala sobre uma “autoxenofobia”. Explicando sobre, Reinaldo diz que:

O que acontece? Eu me considero uma pessoa trabalhadora, me considero uma pessoa esforçada, que vai em frente, que procura, que sai atrás, e a maioria das pessoas que vem da Venezuela, são pessoas que mesmo na Venezuela já tinham uma mentalidade de pobre. Uma mentalidade... Que não queria ir em frente, que vivia dos auxílios do governo, que não queria trabalhar, entendeu? Então tipo, tenho amigos venezuelanos? Tenho. Conheci meu melhor amigo, ele também é venezuelano, mas ele também é como eu. Ele vai atrás, ele trabalha. Poucas pessoas que eu conheço venezuelanas por causa disso, porque a maioria são assim, tipo, dependentes do governo, dependentes duma ajuda, que não querem trabalhar, mas ganhar dinheiro (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

Esta fala possui muitos elementos de um discurso neoliberal, contra políticas de assistência e valores meritocráticos, geralmente ditos e reverberados por brasileiros, especialmente roraimenses, em um contexto de violências contra pessoas venezuelanas. Poderia ser interpretado como uma ideologia, no sentido marxista, justamente porque como define Chauí (2008, p. 85):

A ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante como ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias) (Narrativa 01: Reinaldo, 2020).

De acordo com a autora, toda ideologia tem como característica a função de inverter uma verdade a respeito de uma relação de dominação (CHAUÍ, 2008). Entretanto, no contexto em questão podemos constatar que por trás de uma simples reprodução da ideologia “*Venezuelano não quer trabalhar*” está uma complexa situação em que milhares de

---

<sup>77</sup> Inspiro-me na diferenciação proposta por Certeau (2008, p. 99) entre estratégia e tática. Para estratégia o autor se refere “ao cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica)”. Para ele, “toda racionalização ‘estratégica’ procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ um ‘próprio’, isto é, o lugar do poder e do querer próprios” (CERTEAU, 2008, p. 99). O autor chama de tática “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia [...] Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável” (CERTEAU, 2008, p. 100). “Em suma, a tática é a arte do fraco” (CERTEAU, 2008, p. 101).

venezuelanos estão em situação de precarização nas relações de trabalho e intensos processos de exploração e como Vasconcelos (2018) mostra, situações de trabalho análogas à escravidão.

Para além de uma mera reprodução ideológica, ou talvez um desejo do oprimido de oprimir, considero mais preciso compreender essas manifestações como camuflagens. No caso da entrevista de emprego, ele não foi percebido imediatamente como venezuelano, o empregador só percebeu isto ao ver seu currículo. Ou seja, percebemos essa camuflagem pode lhe proteger no que diz respeito a sua identidade sexual, mas também no que diz respeito à nacionalidade. O uso do termo parece apropriado por aludir ao visível e ao performativo.

Sobre a camuflagem da identidade nacional, é possível encontrar relação com uma percepção de Vasconcelos (2018, p. 147), sobre os/as venezuelanos/as, de acordo com ela: “os/as venezuelanos/as em Boa Vista tentam chamar pouca atenção para suas diferenças e, de certo modo, adquirir uma certa “brasilidade” como tática de inserção no mercado de trabalho”. O que talvez tenha causado esse desencontro neste momento da fala foi minha compreensão prévia a respeito das relações de precariedade no que diz respeito ao trabalho, que foi construída devido a minha inserção em debates, discussões acadêmicas. Provavelmente alguém que não tivesse acesso a essas reflexões concordaria com ele, e o viria como uma “exceção”, portanto “protegível”. Vale mencionar que Reinaldo foi eleito pela senhora brasileira como alguém que importava, como alguém que sabia falar inglês, e é bonito, portanto, “não-morrível”.

Contudo, é necessário considerarmos que esta é uma tática que age em nome da sobrevivência, e diz mais sobre o contexto de precariedades do que sobre o sujeito que a adota para enfrentá-las. Não cabe exercer um ajuizar se estaria “certo” ou “errado”, pois além disso, é fundamental compreender que trata-se de um campo minado extremo em que vida está em jogo a cada momento e que em um contexto de intensas relações de poder, as pessoas feridas por estas precariedades adotam táticas em níveis que podem ser muito microdimensionais, mas que podem ser políticas.

## 4.2 Um pouco mais livre

Não se incomode  
O que a gente pode, pode  
O que a gente não pode, explodirá  
A força é bruta  
E a fonte da força é neutra  
E de repente a gente poderá  
Realce, realce  
Quanto mais purpurina, melhor  
(Realce – Gilberto Gil)



Conheci Ángel<sup>78</sup> em uma rede social, o *Instagram*. Em algum momento em 2019 passamos a nos seguir e vez ou outra me deparava com suas fotos em minha *timeline*<sup>79</sup>. Chamava a minha atenção suas fotografias, usava maquiagens muito coloridas e elaboradas. Chamou a minha atenção também que tinha como nome “Macuzuelano”, questionei-me por muito tempo sobre essa palavra. Imaginei que poderia ser a mistura de “venezuelano” com “macuxi”, palavra comumente utilizada para denominar pessoas que nascem em Boa Vista, ainda que remeta principalmente à etnia indígena Macuxi.

Com as mudanças ocasionadas pela pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) me vi obrigado a repensar as formas de acesso ao campo e optei por realizar entrevistas via Tecnologias de Informação e Comunicação<sup>80</sup>. Tomar esta decisão metodológica não foi fácil, sobretudo considerando a proposta de considerar as noções de experiência e narrativa de Benjamin (1986), antes de entrevistá-lo<sup>81</sup>.

Lembrei de Ángel, considerando que já tínhamos esse canal de contato mais ou menos estabelecido e o convidei para uma conversa. Marcamos um horário, e em seu local de trabalho, um salão de beleza em Boa Vista, ele me atendeu. Iniciei a conversa me apresentando e introduzindo a pesquisa, após isso, pedi que ele se apresentasse também. Conversamos um pouco sobre a pandemia, e Ángel me disse que foi infectado pelo Coronavírus, e depois teve dengue, mas no momento da ligação tinha acabado de se recuperar e já havia retornado ao trabalho. Ángel me disse que é de Caracas, capital da Venezuela, e tem 21 anos. Logo falou sobre suas metas profissionais e sobre seus sonhos. Na Venezuela trabalhava com estética feminina, aqui no Brasil também trabalha neste campo. Está no Brasil com seu irmão mais velho e seu namorado. Esse irmão chegou primeiro e o incentivou para vir também, considerando as oportunidades de trabalho. Logo percebi em sua fala que na formulação de um fator que desencadeou seu processo migratório: o trabalho, assim como no caso de Reinaldo, recebe uma certa centralidade. Portanto, é mais uma situação em que a ideia do sexílio que,

---

<sup>78</sup> Este é um nome fictício.

<sup>79</sup> *Timeline* ou em português “linha do tempo” é como é chamada a página principal do *Instagram*, onde o usuário acessa as postagens das pessoas que escolhe seguir. O *Instagram*, diferentemente de outras redes sociais, é uma plataforma mais voltada para imagens e fotografias.

<sup>80</sup> Seguindo orientações da orientadora desta pesquisa e da banca de qualificação.

<sup>81</sup> Foi essencial neste processo as discussões feitas em um grupo de estudo sobre a obra de Walter Benjamin, com Carlos Ramos e Anieli Bezerra, especialmente porque um dos desafios do grupo era pensar como a experiência se manteria por meio de relações tecnológicas, e como metodologicamente seria possível (ou impossível) criar condições para o tecer de narrativas em condições tão inóspitas que a pandemia proporcionou.

como apresentado no primeiro capítulo, situa mais ou menos a sexualidade como um fator central para o processo migratório parece não encontrar ressonâncias.

Conta que desde sua chegada ficou onze meses sem emprego, até ser contratado por um salão de beleza que fechou devido a pandemia, mas logo em seguida foi contratado novamente por outro salão. Como explica:

Meu irmão já chegou vai fazer três anos. E eu dois anos. Aí ele mandou mensagem pra mim dizendo que ele queria que eu viesse pra cá, pra eu trabalhar aqui. Aí assim, cheguei aqui em novembro. Passou o ano. E eu consegui trabalho foi em outubro, passou todo esse ano. Mas tipo assim, eu não gosto de ficar parado, entendeu? Aí eu fiz muitos cursos, eu fiz curso de redação, eu fiz curso de recreação infantil, *marketing*, fiz curso de atendimento ao público [...]. Aí depois eu comecei a fazer negócio de maquiagem, no *Instagram*, e tem umas pessoas que eles olharam né e mostraram para uma dona de um salão onde eu trabalhei, aí eles me indicaram pra ir lá, aí eu fui lá e comecei a trabalhar. Até agora em março, começou a pandemia e fechou. E agora eu tô trabalhando nesse salão. Também recomendado entendeu? Por causa do trabalho que eu faço (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Como é possível perceber pelo trecho destacado, Ángel utilizou das redes sociais como uma forma de se afirmar profissionalmente, o que lhe garantiu uma recomendação para contratação. É notável também um investimento em qualificações profissionais com um objetivo bem definido de se inserir no mercado de trabalho.

Ángel afirma que gosta de morar em Boa Vista e disse sente “um pouco mais livre” aqui:

E aqui eu acho que é tão legal, porque aqui as pessoas ficam no mundo delas, tem pessoas que tem críticas aqui. Preconceito também. Mas eu acho que aqui eu sou um pouco livre. Eu sinto um pouco mais livre que na Venezuela. Lá na Venezuela os policiais também são um pouco... assim, entendeu, machista (Narrativa 02: Ángel, 2020).

A frase “um pouco mais livre” parece simbolizar um status em que ele percebe mais possibilidades de expressões identitárias e menos críticas e preconceitos, mas ainda assim, percebo que se trata de um certo aprisionamento. É comum que nas análises sobre processos migratórios de pessoas dissidentes do ponto de vista sexual e de gênero recaiam em uma lógica binária de libertação que Luibhéid (2019) nomeia de “narrativas liberacionistas”. Após entrevistar Reinaldo, em muitos momentos me vi “tentado” a reforçar essa relação de causalidade, o que poderia obscurecer vários elementos importantes destas relações que pretendi analisar, considerando que as violências baseadas na sexualidade não se encerram no momento em que o sujeito atravessa uma fronteira internacional, especialmente no caso dessa fronteira entre Brasil e Venezuela.

Contudo, é notável que Ángel não deseja retornar à Venezuela. Inclusive revela o desejo de conhecer o Rio de Janeiro, que não foi possível ser concretizado por conta da pandemia. Como ele explica:

Na verdade eu gosto do Brasil. Eu amo. Só conheço Boa Vista, entendeu? Se fosse pra falar “ai que eu vou voltar pra Venezuela” Não! Eu quero ficar aqui! Eu to gostando, ainda porque meu sonho desde criança é conhecer Rio de Janeiro, ainda não conheci. Então tenho que conhecer. Aí eu to me preparando, também. Na verdade eu queria agora final de ano, só que não dá, com esse negócio da pandemia, tudo ficou pra trás. Mas eu vou (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Em uma espécie de exercício comparativo, afirma que na Venezuela os *gays* são “promíscuos”, mas afirma que também percebe isso aqui em Boa Vista. De acordo com ele:

Porque Boa Vista é pequena e tem muitos *gays* também, né. Aí eu acho que tem pessoas que já tão casadas, homens que já tão casados, que ficam procurando outros homens, entendeu? Aí eu to casado, eu to comprometido, tchau. Porque se eles mandam mensagem pra sermos amigos, aí tudo bem. Mas eles mandam com a intenção de ficar (Narrativa 02: Ángel, 2020).

As representações que traz sobre a homossexualidade da Venezuela são exatamente opostas às representações de Reinaldo. Para Reinaldo as relações homossexuais no país de origem são menos sexuais, e parecem serem marcadas por um certo romantismo, ao passo que as relações homossexuais em Boa Vista lhe parecem mais sexuais e menos românticas. Já Ángel tem uma percepção contrária.

Um ponto sobressalente em nossa conversa foi o apreço que desenvolveu pela cultura brasileira, inclusive disse que iria dançar na festa junina, mas foi um plano interrompido pela pandemia.

Eu amo a cultura aqui do Brasil. Nesse ano eu ia dançar nas festas juninas, só que não deu né, por causa da pandemia, mas eu queria muito muito muito muito muito dançar. E eu já tava quase na frente da quadrilha onde eu ia dançar. Porque eu gosto de dançar, eu dançava na Venezuela também. Tendeu? Eu sei fazer muita coisa na verdade. Eu já preparei meninas, Miss, já dei aulas de passarela, na Venezuela também. E só tenho 21 anos (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Este ponto em específico me remete ao estudo sobre sociabilidades homossexuais na Amazônia de Gontijo e Erick (2017, p. 261). Os autores realizaram uma pesquisa etnográfica em Santarém, no Pará. Dentre os vários espaços identificados, há uma chácara utilizada para ensaios de quadrilhas juninas “reconhecida como um recanto de ‘liberdade’ e de ‘prazeres’, já que seu proprietário é ‘assumidamente homossexual’”. As festas juninas, assim como as toadas

de boi-bumbá são identificadas pelos autores como espaços possíveis para expressões singularidades de sociabilidades homossexuais de acordo com os autores (GONTIJO; ERICK, 2017). Em Boa Vista, não há festas de toadas, mas as festas juninas são expressões culturais que se destacam, principalmente a partir de 2001, quando os concursos de quadrilhas passaram a receber recursos financeiros públicos (ALBUQUERQUE, 2013). São igualmente possíveis espaços de aceitação e acolhimento para pessoas que se identificam como *gays* ou homossexuais<sup>82</sup>.

Dentre muitas reflexões possíveis a partir desta conversa, uma delas merece especial atenção. Diz respeito ao dispositivo de “regularização” que Ángel optou. Ángel disse que é “solicitante de residência”. Perguntei a ele porque não quis solicitar refúgio, considerando que, conforme apresentado no primeiro capítulo, ter uma orientação sexual ou gênero dissidente tem sido entendido como uma fundamentação válida para a solicitação deste status. Ele respondeu:

Não, porque como eu tô te falando, com refúgio a gente não pode sair do país, entendeu? Aí como eu tava morando em aluguel mesmo, com meu irmão, eu não... achei melhor residência. E como eu quero ficar mais aqui, e como eu quero conhecer. Acho que é melhor residência (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Surge como o primeiro motivo para a não-solicitação de refúgio a possibilidade de retorno à Venezuela, que é impossibilitada para estes solicitantes. Um outro motivo parece estar associado a um certo estigma que Ángel presumiu que enfrentaria caso solicitasse refúgio. Como explica ele:

Sim. Eu acho que chegaram a falar assim “ele tem refúgio” uma coisa assim. Um pouco baixa. Eu achei também um pouco assim. Assim, tipo, “qual tipo de documento?” aí eu falo “refúgio”, aí fica tipo... (silêncio). Porque eu já vi pessoal fazendo isso. “Aí ele é refugiado”. “Ele mora em abrigo”. E eu não moro em abrigo (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Surge, portanto, um importante elemento a respeito das discussões sobre o refúgio, que seria as representações que este dispositivo de proteção jurídica passa a ter no contexto da migração venezuelana. Nesse caso Ángel enfatiza que não mora em abrigo, e que mora em um aluguel. Em certa medida remete a algumas falas de Reinaldo, que também reforça representações negativas sobre migrantes que permanecem em abrigos. Contudo, mesmo residindo em uma casa própria com seu irmão, Ángel não está livre dos estigmas pelos quais as

---

<sup>82</sup> Essa afirmação se sustenta em uma conversa que tive com uma participante de uma quadrilha junina boa-vistense. Ela destacou a participação expressiva de homens que se identificam como *gays* ou homossexuais, e afirmou que nos últimos anos muitas pessoas venezuelanas passaram a ensaiar e competir também. Informou que o cronograma de ensaios e as apresentações foram suspensas em virtude da pandemia.

pessoas venezuelanas têm enfrentado na região. O entrevistado relata um episódio no qual foi agredido por um policial brasileiro, ao ser acusado de roubo de uma motocicleta. Neste caso, indica que ele e seu irmão foram acusados por conta do idioma.

Era uma vila que eu morava com meu irmão. Aí a polícia chegou lá. Dizendo que tinha uma moto roubada, aí a polícia chegou lá procurando a moto. Aí como só tinha meu irmão e eu, aí os policiais, foram pra cima, e eu não entendia nada, e eu não compreendia nada de português. Aí eles bateram em mim. (Silêncio). Falaram que se eu queria falar em espanhol, eu tinha que embora, porque eu não tava na Venezuela. Eles tinham máscara preta. Tudo preto (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Destaco a máscara preta como um elemento importante neste relato, porque simboliza que o agente policial não estava identificável durante a operação. Esta é mais uma das diversas expressões de violências perpetuadas contra o/a migrante na cidade, executadas por agentes do Estado brasileiro.

Retornando ao acontecimento narrado por Ángel, demarco o idioma como uma das principais características que “revelariam” a identidade nacional do migrante. Assim como Reinaldo, Ángel também fala sobre um esforço para aprender o português:

Eu nunca me fechei em aprender o português. Aí por isso que eu procurei, comecei a ler livros. Eu procurei uma academia de curso também. Que é aquela, a assembleia legislativa, sabe. Aí eu fiz esse montão de cursos, aí foi que eu aprendi um pouco porque eu fiquei só com pessoas brasileiras, entendeu? Aí foi que eu aprendi a falar um pouco melhor também (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Assim como Reinaldo, Ángel também é alguém que se insere em grupos brasileiros e de certa forma se “implanta” em uma nova linguagem. Utilizando da mesma tática que Reinaldo, de investir em sociabilidades com outros/as brasileiros/as, como melhor explica:

É isso. Eu me preparei mais, aprendi a falar mais, a compreender mais, tipo assim, eu pensava que eu não sei falar, mas se eu escuto, eu compreendo, só. Aí me dizem que dá pra entender, dá pra entender. Eu nunca fiz um curso de português. Nunca. Porque eu acho que não adianta nada fazer um curso de português, porque a gente aprende é com a experiência, né? Falando, com outras pessoas, aí eu fiquei tipo, coloquei na minha mente. Eu tenho que andar com pessoas brasileiras, pra eu aprender mais, aprender mais rápido ainda (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Durante a entrevista, ele afirmou que não posta *stories*<sup>83</sup> falando, por ter vergonha do seu sotaque venezuelano, por um receio de que as pessoas o inferiorizem por conta disso. Na

---

<sup>83</sup> Os *stories* são pequenos vídeos com cerca de quinze segundos de duração postados e assistidos por usuários do *Instagram* que ao contrário das postagens são deletados automaticamente em um dia.

seguinte fala, Ángel explica isso, e fala sobre o uso do *Instagram* como uma ferramenta de realização profissional:

Tipo assim, eu tenho uma meta no meu *instagram*, de crescer no meu *instagram*, só que eu sei que ninguém me apoia porque eu sou venezuelano. Ninguém me apoia. Tipo que tem um pouco de preconceito também, nessa parte. Aí eu nem gosto de fazer *stories* falando, isso aí eu não faço por vergonha. Tem pessoas que respondem, “ai tu fala muito fofo”. Mas eu acho que tem pessoas que acham engraçado, e pra mim é melhor não fazer. Porque eu fico assim com vergonha, mas quando a pessoa nasce pra realizar um sonho, a gente não pode desistir. E eu vou continuar trabalhando pra isso. Eu sempre, desde criança falava que eu queria ser famoso. Até agora eu tô trabalhando pra isso, na verdade não é fácil, e mais quando a pessoa fica famosa, com sacrifício, é mais de coração, então... eu vou continuar trabalhando nisso, pra continuar crescendo, no meu *instagram*, na minha vida, pra realizar meus sonhos e minhas metas. Sempre positivamente (Narrativa 02: Ángel, 2020).

O fato desta entrevista ter se dado de forma virtual não necessariamente incorre em um prejuízo no acesso a experiências e narrativas, considerando que rapidamente o mundo *online* tem sido uma dimensão que tem dado lugar a muitos processos sociais e culturais. Utilizo a expressão “mundo *online*” remetendo a análise de Bauman (2017) que propõe uma diferenciação entre o mundo online e o mundo *offline*. De acordo com o autor, “passar do mundo *off-line* para o *on-line* assemelha-se a entrar num mundo obediente à minha vontade, pronto e ansioso por concretizar meus desejos” (BAUMAN, 2017, p. 59). Contudo, essa distinção entre dois mundos parece perder força, quando percebemos que os efeitos de um “mundo” sob o outro são tão intensos, que essas fronteiras parecem se borrar. A título de exemplo, percebemos como Ángel utiliza das redes sociais como uma forma de promoção profissional, e que isso o garantiu duas contratações. Portanto, percebo como as redes sociais podem ser agenciadas a seu favor.

Diferentemente da entrevista com Reinaldo, desta vez sinto que a homossexualidade apareceu mais como um detalhe, e que Ángel falou a respeito disso mais quando eu evoquei o tema, talvez de forma menos espontânea que em Reinaldo. Isso pode estar associado a diversos fatores, Ángel é mais novo, tem 21 anos, talvez isto tenha a ver com algum tipo de “normalidade” que a homossexualidade tem ganhado nos últimos anos, devido às transformações políticas e culturais da última década. Mudanças estas, que como visto no capítulo ‘Homossexualidades em movimento’, refletiram em ações promovidas pelo próprio Estado. Contudo, esta é somente uma hipótese vaga. No mais, alguns elementos ligados à sua identidade sexual podem ser pontuados. Um deles é a forma que negocia sua aceitação com a família. De acordo com ele, é aceito pela família por conta de sua escolaridade.

Nunca precisei de falar nada. Eu sempre fui respeitado por eles também, até agora. Eu até agora sou a única pessoa dos meus irmãos que finalizou o ensino médio também. Eu fico um pouco também mais (nesse momento, gesticulou com as mãos um patamar a mais). Meu irmão mais velho tem 23 anos e ele não terminou, aí depois eu terminei, e o outro ainda tá quase terminando (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Parece-me que para Ángel há um esforço para tratar sua identidade sexual como algo resolvido, encerrado e minimizável. É possível perceber, contudo, que de certa forma há uma intensa negociação sobre quando e onde expressar/manifestar sua identidade sexual:

Desde criança eu era afeminado. Eu sempre gostava de andar com meninas. Entendeu? Mas eu gosto de respeitar a casa das outras pessoas. Porque por mais que eles aceitem, tendeu? A gente tem que respeitar, por isso que eu respeito, eu gosto mais de ter amizade com heterossexuais do que com homossexuais (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Um outro ponto perceptível em seu discurso é que ele parece reforçar a ideia de que a homossexualidade deve ser censurada em certos espaços e ocasiões.

Tipo assim, que tem crianças, e eu vou ficar beijando com meu namorado? Não posso entendeu? Ou tem meu irmão, que ele é um pouco assim meio sério, entendeu? Aí eu vou ficar tipo de brincadeira com meu namorado, não posso entendeu? A gente tem que respeitar o lugar que a gente tá. Tudo tem o seu momento entendeu? Se for pra beijar, a gente tem um momento pra beijar, pra namorar, pra ficar, tudo tem seu lugar (Narrativa 02: Ángel, 2020).

Esse choque ou incompatibilidade que se produz entre a infância e homoafetividade<sup>84</sup> que é reforçada na fala de Ángel. Discursos como este são utilizados em contextos de disputa política específicos como no debate que se arma no campo da adoção homoparental por exemplo. Cabe ressaltar que como Chávez (2010, p. 137) tem percebido no contexto estadunidense há um forte imaginário social que posiciona as expressões *queer* e migrantes “como ameaças aos valores familiares e ao que é considerado uma boa cidadania”. De acordo com a autora, principalmente homens *gays* têm sucumbido aos valores familiares e aceitando premissas “ao invés de desafiá-las” (CHÁVEZ, 2010, p. 140). Neste sentido, esta ideia de “respeito” à infância, ou a lares “familiares”, carrega um caráter de resignação e pode estar associado a uma abdicação de demonstração de afetos em certos espaços como uma forma de ser aceito. Inclusive, isto está relacionado ao que ela chama de “homonormatividade”<sup>85</sup>, que seria um movimento de normalização da identidade homossexual, “ancorado na domesticidade e no consumo” (CHÁVEZ, 2010, p. 140). É possível inferir nem sempre a identidade

---

<sup>84</sup> Neste caso, utilizo “homoafetividade” para reforçar que tematizo algumas manifestações típicas de casais, como andar de mãos dadas ou trocar leves carícias, não a atos sexuais ou eróticos explícitos.

<sup>85</sup> Esse termo é atribuído por Chávez (2010) a Lisa Duggan.

homossexual masculina vai ser, nas palavras de Preciado (2011), uma identidade negativa, no sentido de resistir à normalização, ela pode inclusive reforçá-la.

Ángel explica mais sobre essas negociações entre o ambiente que está e sobre as demonstrações ou não de afetos:

Ou se a gente tá, tipo assim, se eu fui com meu namorado pra casa de uns colegas, e eles também são *gays* aí muda tudo entendeu? Mas se for, se a gente vai pra uma festa heterossexual, que só tem pessoas assim, eu não vou ficar beijando ele. Depois de tomar cachaça. Não, entendeu? Não posso. A gente tem que respeitar. A confiança das pessoas (Narrativa 02: Ángel, 2020).

De qualquer forma, como fica evidente no trecho acima, tanto no que diz respeito a sua identidade nacional (de venezuelano) quanto sexual (de homossexual/*gay*), é necessário desenvolver uma certa habilidade de avaliar em quais circunstâncias é permitido ou não, respeitoso ou não, conveniente ou não, performá-las.

### 4.3. Somos irmãos

Rory, I'm not sure how we got here.  
Two punk faggots, sleeping in the  
Parking lot outside of Casino Morango. I'm crying  
Every time he plays the sad song in my  
Mouth. [Smack these teeth like piano keys]. Watch  
The Police lights drift across my windshield.  
Rory, do you think we can outlive this?<sup>86</sup>  
(Christopher Soto – Home)

Conheci Manuel por meio de um amigo em comum. Este amigo o indicou para participar da pesquisa e me encaminhou o seu número de telefone. Conversamos por alguns dias pelo aplicativo *Whatsapp* e marcamos uma entrevista. Esta entrevista foi realizada virtualmente pelo mesmo motivo da anterior. Seguindo o “roteiro” que fui desenvolvendo organicamente no decorrer das entrevistas, primeiro me apresentei e apresentei a proposta da pesquisa, realizando a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida pedi que se apresentasse também. Manuel falou seu nome completo e sobre sua cidade de origem, Margarita. Falou sobre a *calidad*<sup>87</sup> de sua cidade. Sem delongas, abordou o momento em que decidiu partir para o Brasil, há dois anos e meio. Disse ele:

---

<sup>86</sup> “Rory, eu não tenho certeza sobre como chegamos aqui. Duas bichas *punk*, dormindo no estacionamento de um hotel. Estou chorando. Toda vez que ele toca a música triste em minha boca [bate seus dentes como teclas de piano]. Assisto as luzes da polícia flutuarem pelo meu para-brisa. Rory, você acha que a gente consegue sobreviver a isso?”. Tradução livre da poesia de Soto.

<sup>87</sup> Manuel fala algumas palavras em espanhol, decido deixá-las, considerando que a mistura de culturas se manifesta também na língua e isso é muito rico. Além do mais o “portunhol”, mistura de “português” com



Quando a gente pensou em ir embora da Venezuela, porque a situação do país tá tudo ruim, tá tudo... antigamente a gente era feliz, era livre de tudo, se tu queria sair e estudar, sair pra outro país e tudo. Tinha liberdade de tudo. Agora é diferente. Tudo trocou. Eu lembro que quando eu tava mais pequeno era um mundo diferente, agora como tá, eu nem *reconozco* meu país. Aí... essa *situación*, aí a gente trocou tudo, trocou *su manera de vivir*, trocou tudo, tudo, tudo, tudo... Tudo *cambió* na vida. Aí a gente *tuve* que sair a fora. Você tá entendendo né? (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Quando Manuel fala “a gente” se refere a ele e seu namorado, também venezuelano que o acompanha desde antes de partirem para Boa Vista. Durante as conversas que antecederam a entrevista, Manuel havia explicado que durante o traslado ele e seu companheiro se apresentavam como irmãos, por medo de retaliações. Essa informação aparece novamente na entrevista e será discutida mais à frente.

Assim como Reinaldo e Ángel, ao elaborar o motivo que “disparou” seu processo migratório, o trabalho também ganha uma certa centralidade. Manuel trabalhava em uma ótica, e relata que estava ascendendo financeiramente em um período em que a Venezuela era “um país livre”. De acordo com ele, nessa época: “Tu tinha tudo, tu podia pegar tudo, tu tinha todas as possibilidades. Tudo tudo tudo tudo”. Mas isso começou a mudar. Como explica:

Aí quando começou a situação do país, a trocar tudo, a cambiar um estado político a outro, tudo acabou. De três salários eu passei a dois. De dois salários eu passei a um. Chegou um momento que não dava mais conta pra pagar estudos, pagar aluguel, pagar energia, e outra coisa [...]. Aí quando começou a faltar tudo isso, a gente começou a pensar “a gente tem que ir embora”, a situação do país não tá boa. Aí minha alimentação, eu sou uma pessoa assim, eu não sou rico, mas minha alimentação era de rico, eu tinha toda a possibilidade de pegar qualquer comida, eu gosto de comer muito, então de 80 kilos, eu passei a pesar 60 kilos, eu comecei a não comer bem, já não era a mesma comida, a gente ia pro supermercado e não era mais pegar a comida que tu gosta, frango que tu gosta, era pegar o que as pessoas falavam, “não... isso aqui é o que tem, e é isso aqui que tu vai levar”, então passou a situação do país, que já não dava, eu conheci meu namorado, eu falava pra ele “menino, eu tenho que ir embora”, eu tenho que ir embora, se eu fico aqui, eu vou morrer (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Nesse momento da entrevista me recordei de quando conversei com Ángel, ele também havia mencionado o recente ganho de peso, obtido em Boa Vista, com muita alegria. Corroboro com a proposição de Vasconcelos (2018) de estabelecer a alimentação como uma categoria relevante para compreender o processo migratório venezuelano. Assim como na narrativa de Reinaldo, o medo da morte também surge como um fator disparador e em certa medida os

---

“espanhol” é um fenômeno linguístico muito particular, que merece ser considerado nas análises de processos sociais nesta região de fronteira.

mobiliza. Percebo a morte como algo contínuo nas três narrativas, e que a mesma mobiliza e imobiliza em muitos sentidos, simbólicos e materiais.

Manuel e seu namorado ficaram em dúvida entre Colômbia e Brasil, no entanto, decidiram vir ao Brasil por conta da proximidade geográfica, já que viviam em Margarita. Manuel conta que geralmente as pessoas venezuelanas preferem Colômbia por conta do idioma, uma vez que na Colômbia também se fala espanhol, e “aprender português é difícil”. Desde que partiram, ele disse que sentiu muito medo, e que o “*translado* foi horrível”.

A verdade é que quando a gente chegou a Pacaraima, a gente não *tuve* conhecimento de nada, eu acho que também foi por temor, porque assim, a gente ficou com medo, eu não sei se a gente ficar sem falar nada, ninguém dá visualização que a gente é *gay*, tá entendendo? Aí a gente ficava sério porque a gente ficava com medo de preconceito das pessoas (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Neste momento, a ideia que tenho utilizado de “camuflagens” identificada como uma tática de resistência parece ser um elemento chave para compreender estas experiências interseccionadas. Manuel relata ter observado muitas pessoas transexuais serem violentadas no percurso, e que sentia muito medo de ser acometido pelas mesmas violências. Portanto, decide apostar na performance de uma “seriedade” para não ser identificado como homossexual. A construção verbal: “se a gente ficar sem falar nada, ninguém dá visualização que a gente é *gay*” vai ao encontro do que havia percebido nas duas primeiras entrevistas, sobre este jogo de identificação ou não e traz um outro elemento. Acredito que isso representa um certo silenciamento, que pode ter uma conotação política.

Ao contar sobre o *translado* até Boa Vista, Manuel fala sobre Santa Elena, a cidade venezuelana que faz fronteira com Pacaraima.:

Santa Elena, eu não quero falar mal, mas é uma cidade assim, sem identidade, as pessoas de lá não sabem se são brasileiras, ou se são venezuelanas, é uma cidade sem personalidade. Aí é uma cidade que todo mundo confunde, a maioria dos brasileiros pensam que Santa Elena, as pessoas são ruins, eu já ouvi que falam “nossa, as pessoas são ruins, são mal educadas”. Mas assim, não são, não sei explicar, acho que tem problema de identidade, como sabem se eles são brasileiros ou se são venezuelanos? Mas, eu falo pra eles, não se compara, se tu vai mais a dentro da Venezuela, tu gosta. A *calidad* da gente. A harmonia da gente. Eu acho que Santa Elena só é um meio de negócio, tu vai, só compra, é um meio de produção, não tem essa *calidad* de família (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Santa Elena é um território fronteiro que na perspectiva de Manuel sua população não sabe se é venezuelana ou brasileira. Sua fala reforça as representações negativas que identidades fronteiriças têm. Em certa medida, vejo a lógica binária prevalecer nessa construção de

significados. Embora o binarismo seja mais frequentemente criticado no campo de gênero e sexualidade, em outras áreas ele também tem sido apontado por trazer efeitos prejudiciais e redutivos. A título de exemplo, há séculos atrás Nietzsche problematizava a divisão entre “bem” e “mal” no âmbito da moral. Nietzsche (2008, p. 27) atribuía a isto uma forma de ampliar o entendimento sobre as coisas. De acordo com ele:

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol.

Para Chávez (2010) o lugar de estranho, que se delega inclusive aos próprios migrantes e pessoas de sexualidades e gênero não normativos, emerge justamente por não se adequar ao binarismo “amigo” ou “inimigo”. Expressões e identidades que do ponto de vista nacional desafiam a lógica binária também despertam um incômodo e parecem construir um “não-lugar”. Creio que nesse caso, “não saber se é brasileiro ou venezuelano” pode ser também entendido como uma denúncia de lacunas que a lógica da soberania nacional produz. Mas neste caso, não é apenas a “indistinção nacional” que incomoda Manuel, inquieta-o ao perceber que as pessoas brasileiras constroem um ajuizar sobre seu país a partir de experiências com pessoas venezuelanas nessa cidade. Isso o perturba porque Manuel parece estar especialmente implicado em construir e defender que pessoas brasileiras tenham representações positivas sobre pessoas venezuelanas, conforme demonstra em outros momentos da entrevista.

Sobre Santa Elena, é digno de nota que até meados de 2015 era um espaço bastante demarcado por relações mercadológicas intensas, havia um movimento intenso de brasileiros e brasileiras que iam à cidade na busca de mercadorias diferentes e mais baratas. Até então esse movimento era o que reforçava mais significativamente as porosidades da fronteira.

Retornando a um tema central da entrevista, conversamos sobre o documento pelo qual Manuel decidiu se “regularizar” frente ao estado brasileiro. Ele optou por ser solicitante de residência, assim como Ángel. Sustenta sua decisão também considerando que se solicitasse refúgio estaria impossibilitado de retornar ao país onde alguns de seus familiares, os mais velhos, ainda se encontram. Como explica: “Se eu pego refúgio, é praticamente a pessoa que tá saindo, e não vai poder entrar de novo, tá entendendo? Eu tenho esperança de voltar ao meu país. Visitar, ir lá. Porque a verdade é que não estou querendo voltar mais, eu gostei muito do Brasil”.

Um elemento crucial surge na fala de Manuel. Ele afirma ter medo de ser *señalado* ao receber algum benefício das organizações humanitárias voltadas para pessoas identificadas como LGBTI. Esta é uma palavra muito representativa para simbolizar um risco considerado por Manuel e por seu namorado durante o deslocamento. Em português pode significar ‘indicado’<sup>88</sup>. Como é possível perceber no trecho a seguir:

A maneira de tratar a eles, era muito diferente da maneira de tratar pessoas hétero, aí a gente: “não, a gente tem que fingir”. Só pra tu ter um exemplo, quando a gente chegou no Brasil, a gente tinha mais colaboração falar que meu namorado e eu éramos irmãos, as portas abriam mais. Mas se falávamos que éramos *pareja*, enamorados, era difícil. Aí a gente olhou rápido, e adaptou rápido. Mas é um processo, é um processo que a gente passa. A verdade é que é um pouco difícil, sabia? É... Dá muito medo. A gente falar “não, eu quero um benefício de organização LGBT, dá medo, pra mim dava medo, porque assim, se não sou bem recebido, se tem preconceito, vou ser *señalado*”. Então fiquei com muito medo. Aí a gente não quis falar nada (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Este é, provavelmente, um desafio para a implementação de políticas públicas de proteção para essas pessoas e também diz respeito a um dos motivos para a não-adesão destas políticas. Resta aos possíveis candidatos questionar-se se os possíveis benefícios compensariam a diferenciação que o uso desses dispositivos produziria no contexto social que estão inseridos. Isto remete, mais ou menos, o que Fonseca (2020) identificou com suas três interlocutoras identificadas como migrantes venezuelanas na cidade do Rio de Janeiro. Em sua pesquisa percebeu que há por parte delas uma avaliação de cada situação, especialmente quando envolve alguma pessoa que supostamente poderia decidir algo em suas vidas, no que ela chamou de cálculo entre riscos e benefícios.

Sobre se apresentar como irmãos, Manuel relata que outros casais formados por dois homens ou duas mulheres também dispõem da mesma tática e como explica, é uma forma de “abrir portas”. Afirma:

Aí a gente não falava, a gente só falava “somos irmãos”, a gente é irmão, tanto assim, que a gente tem amizades também, que eles são *gays*, tanto mulheres como homens, e eles ficam “irmãos” do mesmo jeito que a gente, assim, “a gente é amigos, elas são irmãs, elas são amigas”. Não fala, não fala. A verdade é que ainda tá um pouco, eu acho pra mim que ainda tá atrasado, não avançado. Tem essa parte. É difícil (Narrativa 03: Manuel, 2020).

---

<sup>88</sup> Em uma conversa sobre a palavra ‘*señalado*’ e seus possíveis significados com uma amiga venezuelana refletimos sobre como a palavra remete a uma certa exposição pública. Acreditamos que seria como “tirar alguém do armário”.

Quando pergunto se o medo era de serem discriminados por pessoas brasileiras ou por venezuelanas, ele responde o seguinte:

A verdade é que a gente não *tenia* tanto medo de falar que a gente é *gay* não é porque *sean* brasileiros. Tanto venezuelanos, quanto brasileiros, têm muito preconceito, ainda, apesar de que já tenhamos avançado, já passamos no século 21, já estamos muito adiantados nesse processo, apesar de que há muito preconceito. Há pessoas que não gostam. Assim, a gente fica saindo, a gente fica com medo de pegar mão, de ficar juntos, de ficar beijando, porque outra pessoa só olhar, a gente sente, essa mirada, essa mirada profunda que eles dão pra gente (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Esse trecho, corroborando com alguns elementos das entrevistas anteriores, leva a crer que a violência contra o sujeito homossexual não parece necessariamente “obedecer” a fronteira entre os Estados nações, organizando-se a partir de imposições geopolíticas. Nesse momento da pesquisa mostra-se infrutífero estabelecer comparações entre os dois territórios, Brasil e Venezuela na perspectiva da homossexualidade.

Para Manuel Boa Vista está “em crescimento”, percebe a cidade como um lugar habitado por pessoas velhas. Relata, ainda, que no trabalho passa por certas situações com homens heterossexuais:

Apesar de que está em crescimento, então como tal, as pessoas são, a maioria são 60 anos, 70 anos, 80 anos, 50 anos. Aqui tem jovens, tem jovens sim, mas quando tu vê um menino *gay*, aí tem preconceito. Já as pessoas *viejas*, *enton* ainda tão nesse processo de crescimento. Eu fico com vergonha, eu falar: oi, eu sou *gay*. Porque eu vou ser *señalado* rapidinho [...] Tem pessoas aqui em Brasil, onde eu trabalho, eu trabalho na ótica, né? Fazendo óculos. Tem menino que eu falo: ei, esse óculos tá bacana. Ficou lindo em você. Aí fica: [expressão de estranhamento]. O óculos estou falando. Porque já tem preconceito (Narrativa 03: Manuel, 2020).

As três narrativas trazidas apontam para uma continuidade tanto identitária, no sentido de que os três entrevistados já se identificavam como homossexuais ou *gays* antes de virem a Boa Vista, ainda que o processo migratório tenha trazido desconstruções e transformações significativas nesse campo subjetivo. Mas a principal continuidade é encontrada na violência contra este sujeito visto como “*gay*” ou “homossexual”. Como denuncia Manuel, é “operada” tanto por pessoas venezuelanas, quanto por pessoas brasileiras, revelando-se aparentemente como um outro tipo de organização, talvez anterior à nacional.

Em outros momentos da entrevista a fronteira entre Brasil e Venezuela surge como algo frágil, por outra razão. Manuel revela que durante os primeiros dias em território brasileiro ele não percebeu diferenças significativas:

Sabe, lá na Venezuela, todo mundo tem uma... uma visão diferente de Brasil, todo mundo pensa que Brasil é colorido, todo de viado, que as mulheres estão ficando todas sem roupa, que os homens estão todo... Eu não sei porque tem esse preconceito, aí quando eu tava entrando no Brasil, eu imaginei “não, vai ser algo colorido, vai ser samba, bumbum, música”. Eu não sei porque todo mundo pensa isso, aí quando a gente chegou, vou falar como foi quando a gente chegou. A gente achou igual. Qual a diferença? Ah não, a gente errou. Aí eu perguntava pro meu namorado, tem certeza que já estamos no Brasil? (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Esse imaginário de Brasil associado a festividade e de certa forma a estereótipos se desfaz em um processo de desilusão similar ao de Reinaldo. Nesse sentido, é possível observar elementos constitutivos da imigração que Sayad (1998) postula, sobretudo considerando a ilusão como um afeto estruturante desse processo<sup>89</sup>.

Pra ser sincero, eu odiava o Brasil, eu falava que ia embora daqui. Só que o que acontece, Brasil enamora a gente. Brasil *atrapa* a gente. Só um mês. A gente só durou um mês pra entender português. Só um mês. A gente começou a trabalhar na distribuidora, sabe na distribuidora de bebida, a gente começou a trabalhar, a gente não entendia nada, nada, nada, nada. Nem a música, nada. Aí nessa trajetória a gente conheceu pessoas de Manaus, de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, conhecemos muitas pessoas, e o sotaque de cada um é diferente. Aí cada um fala diferente, cada um tem uma maneira de falar. Aqui “caneta” tem diferentes, “não, isso não é caneta não, é lapiseiro”, aí eu ficava “porra, não vou entender nunca português”. Eu ficava confundindo. Aí com essa trajetória eu comecei a amar o Brasil. Aí, a comida de vocês, é tão diferente da comida da Venezuela, eu falava “Meu Deus, o que é isso?”. “Isso é farofa”. Aí eu falava “Não, eu não gosto”. Aí tudo foi *atrapando* a gente (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Contudo, como é possível perceber pelo trecho destacado acima, com pouco tempo Manuel passou a se sentir *atrapado* pelo país. Apesar do forte estranhamento que experienciou ao chegar. Um outro ponto que fez com que Manuel passasse a gostar do Brasil foi, de acordo com ele, a relação da sociedade brasileira com Deus. Como explica:

Mas a gente passou por muita coisa sabia? Quando a gente chegou, a gente durou três dias na rua, três dias. Sabe o que eu gostei no Brasil? Que vocês amam muito a Deus. O dinheiro de vocês tem Deus. Tudo é Deus. “Menino, vai com Deus”. A gente ficou três dias na rua, e apesar de ficarmos na noite, só olhando o céu, a gente não se sentiu sozinho, porque estava muitas pessoas ao redor, “oi, menino”, eu lembro que a gente chegou no dia 18 de dezembro. No dia 18 de dezembro, só imaginar (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Apesar das dificuldades que ele e seu namorado enfrentaram principalmente nos dias que ficaram nas ruas e dificuldades quanto ao português, Manuel compara com a experiência

---

<sup>89</sup> Sayad (1998) descreve uma série de ilusões que edificam a figura do imigrante, e coloca como exemplo a imigração argelina na França, enfatizando o caráter colonial da relação entre os países.

de familiares em outros países e acredita que o Brasil é o país que está melhor recebendo as pessoas venezuelanas. De acordo com ele:

Eu me atrevo a falar, eu falo, que o melhor país que tá recebendo venezuelanos é o Brasil, porque minha família toda foi embora, eu tenho família em Colômbia, eu tenho família no Peru, eu tenho família no Equador, eu tenho duas primas que tão no Chile, tenho uma prima que tá na Espanha. E gente, eles não são ajudados como a gente foi ajudado, eles foram humilhados, eles foram, como eu te falo, hoje em dia eu tenho toda a minha documentação, Brasil tá ajudando muito o venezuelano, pra conseguir a documentação do estrangeiro, eu tenho já a minha residência permanente, tenho 10 anos aqui, pra mim ficar. Ajudam em tudo, se tu quer ir pra o Rio de Janeiro eles pagam avião pra você, eles dão comida pra você, eles ajudam em todos os sentidos. A gente tá recebendo muita ajuda, muita ajuda do Brasil (Narrativa 03: Manuel, 2020).

No decorrer da entrevista, descubro que Manuel e seu namorado vieram com outro casal de namorados, que ao contrário deles, “não conseguiram se adaptar”. Conta que os dois também afirmavam para as pessoas que eram irmãos. Quando pergunto a razão pela qual eles não se adaptaram, Manuel fala sobre experiências de violência e exploração nos primeiros dias em Boa Vista. Enquanto trabalhava em um bar foi cuspidor por um brasileiro. Além de situações de abuso advindas pelos clientes, conta que recebiam apenas vinte reais, e que o patrão deles era um policial. Portanto, sentiam-se imobilizados para contestar esta relação de trabalho abusivas e situações de violência extrema:

Tinha esse outro casal. Eles foram embora porque eles não se adaptaram. Porque assim quando a gente chegou, a gente começou a trabalhar em uma distribuidora, aí a verdade, é que a gente foi muito humilhado. Como tudo. Assim como tem venezuelano ruim, a gente conheceu brasileiro ruim primeiro. Foi horrível, a gente... Eu lembro que uma vez eu tava levando a cerveja pra um cliente, colocar a cerveja pra ele, e ele cuspiu na minha cara. Ele cuspiu. Ele falou “venezuelano...” eu lembro que o único que eu entendi foi “Venezuelano merda”. Aí eu fiquei “ô meu Deus” (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Conta que o que o fez continuar neste trabalho e suportar as situações de abusos foi a vontade de perseverar através do trabalho. Portanto, agarrava-se na ideia de “um futuro melhor” e na possibilidade de um progresso socioeconômico para suportar as relações de violência, reproduzidas tanto pela parte contratante quanto pela clientela.

Só que eu tenho uma necessidade, tenho que trabalhar, eu precisava desse dinheiro, a gente tava morando em um aluguel que não *tenia* nada, não *tenia* cama, não *tenia* sofá, não *tenia* nada, não *tenia* ventilador, não *tenia* central, não *tenia* nada. A gente só tava morando ali. E só dormia no lençol. Aí eu precisava *tener* minhas coisas, e a distribuidora pagava a gente, a gente trabalhava das cinco horas da tarde até cinco horas da manhã. Sabe quantos pagavam pra gente? Pagavam vinte reais. Vinte reais. Só isso. Aí com esse vinte reais... mas a gente precisava de dinheiro. Aí como eu te falei, ao princípio a gente foi abusado, explorado, e só pra tu ter uma ideia, a gente trabalhava em uma distribuidora que homem era polícia. Aí o que tu vai fazer? Tu vai

falar besteira? A gente só ficou lá, porque eu falava assim “eu sei, que esse agora é só uma ponte, um traslado para gente ter um futuro melhor”. Como eu te falei, no princípio foi horrível, mas depois a gente foi conhecendo, conhecendo pessoas em Manaus, de São Paulo, que gostam de venezuelanos, que gostam da gente (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Conta que, aos poucos, foram encontrando outras pessoas brasileiras e fazendo amizades com pessoas que os respeitavam. A partir dessas experiências de sociabilidades positivas com pessoas brasileiras conseguiu uma indicação em uma empresa de ótica. Depois de se deparar com relações de trabalho abusivas, é contratado por outra empresa de ótica que trabalhava durante a entrevista. Após esse vínculo empregatício, pôde comprar itens domésticos e “melhorar a sua vida”. Como conta:

Eles falam que a gente é chamativo, aí a gente começou a falar, aí fomos aprendendo, a primeira coisa que aprendi de português, foram as más palavras, “porra”, aí começou a aprender, a falar igual, aí eu conheci uma pessoa que recomendou para mim, para eu trabalhar em uma ótica, aí eu comecei a trabalhar em ótica, aí eu comecei a trabalhar em ótica, eu também fui explorado, eu lembro que só pagavam, um mês, pagavam pra mim 500 reais, aí eu “porra, não importa, 500 reais é melhor que 20”, aí foi melhorando, melhorando, aí eu deixei de trabalhar nessa ótica, comecei a trabalhar em uma outra, aí não pagavam pra mim, eu trabalhava um mês, já deviam dois meses de pagamento, aí foi que conheci outra pessoa que agora é meu chefe de hoje em dia, aí minha vida melhorou, essa pessoa pagou aluguel pra mim, comprou geladeira, comprou cama, me ajudou. Ele comprou depois eu paguei pra ele. Hoje em dia eu tenho carteira assinada. Já tenho dois anos de carteira assinada (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Fala que atualmente tanto ele quanto seu namorado estão empregados e que dispõem de condições financeiras mais estáveis. Pergunto se ele deseja retornar para a Venezuela e o mesmo fala que apenas de férias. Manuel falou que só deixaria o Brasil, caso o povo elegeisse algum presidente ruim como foi o que aconteceu na Venezuela. Disse ele:

Deixa eu falar, que tudo é uma balança, que você tem que equilibrar nem tudo pode ser capitalismo, e nem tudo pode ser socialismo. Porque assim, todo socialismo não presta. A gente já aprendeu isso. Não presta. Todo socialismo, tudo de graça, tudo facilitado não presta. Tem que colocar na balança, tem que ver capitalismo, tem que ver socialismo, mas tem que estar igual. As coisas não podem ser tão caras, mas tampouco não podem ser tão baratas. Cuba, fica olhando Cuba, quantos anos tem Cuba? Tem mais de cem anos, e é socialismo. E ficou como já era. Tu vai lá e vê que ficou como era em 1960. Não avançou nada, ficou nos anos 60. Não tem nada atualizado. Ficou na pobreza total. Agora vai na Venezuela, o último carro de modelo, o último automóvel de modelo, acho que foi de 2009, 2008, aí ficou. Parou. Quando eu cheguei aqui em Brasil que eu olhei. “Oh, porra, esse carro é de agora, é novo de 2019, de 2020”. Tá atualizado. Aí tu vê a referência. Tu entra no supermercado, e vê, aqui tem leite, aqui tem ovo, aqui tem farinha, aqui tem manteiga, aqui tem macarrão, aqui tem arroz, tu vai lá no supermercado, tu fica triste, não tem nada (Narrativa 03: Manuel, 2020).



Este momento da conversa é muito importante porque de certa forma representa muitos discursos que pairam a respeito da situação venezuelana que se baseiam nesse sistema binário de capitalismo *versus* socialismo. Para o propósito desta dissertação me parece proveitoso refletir sobre os sentidos dos discursos que estruturam a migração venezuelana em um campo internacional de disputas. Remete à afirmação de Sayad que afirma que a natureza intrinsecamente política da imigração é mascarada, como se esta fosse neutra, sendo que atrelada a ela sempre está uma função política (SAYAD, 1998, p. 19). Como já mencionado na introdução desta dissertação, a migração venezuelana tem sido acionada em diferentes discursos para defender diferentes interesses, um deles é o “fracasso do socialismo venezuelano”. Em um gramática “macroestrutural”, a Venezuela tem sido um território de estratégia política particular, porque é um estado nacional que “conjuntamente com a Bolívia e, em menor dimensão, o Equador, busca alternativas contrárias à lógica neoliberal dominante” (ANTUNES, 2017, p. 2.216). Vale mencionar que esta é uma narrativa que também está situada nesse campo de disputas, defendida tipicamente em um posicionamento contra o neoliberalismo.

Seguindo sua linha de raciocínio, em determinado momento da entrevista Manuel fala sobre o voto, e que a sociedade brasileira pode piorar a situação do país como um voto errado, assim como aconteceu com a Venezuela. Alerta:

Ei, pense você no que vai fazer, pense você como vai exercer seu voto, como vai escolher o presidente, porque pode ser a última vez que vocês sejam felizes, pode ser a última vez que você tenha as coisas, que você tenha sua comodidade, pode ser a última vez, porque só uma decisão errada você vai se arrepender por toda sua vida, sabia? E você, assim, eu sei que a política não é perfeita, tem coisas que você sempre vai ficar brigando: ai, o governo não presta, o banco não presta. Mas, pode ficar pior. Entendeu? É melhor que fique igual, com tudo que tá funcionando, mas você vai tener trabalho, vai ter possibilidade de ir avançando, tá entendendo? E sabia que tem muito brasileiro, que ele pensa que seu país tá ruim, que ele fala que o governo, a política... Eu falo: moço, você tá errado, seu país tá bacana, seu país tá melhor que meu país. E vocês são muito... (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Manuel quer tornar-se um exemplo para as pessoas brasileiras, e alertar acerca dos riscos que um presidente ruim pode trazer para o país.

Porque assim, só um exemplo, seguir com Bolsonaro, ou seguir com esse aqui. Eu falo: vocês saibam bem selecionar, porque agora o Brasil tem uma responsabilidade mais grande, sabe qual é a responsabilidade? Que a gente não pode ajudar você a exercer seu voto, para que você melhor, mas a gente pode só falar pra você. Agora se você fazer merda. Ficar um socialismo. A gente tem que ir embora. Outro país mais. Porque vai ficar chato (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Depois desse momento, perguntei para Manuel se o mesmo havia ficado em algum abrigo. Ele respondeu que não, e que “Boa Vista tá saturada, tem muita gente venezuelana”. Disse que:

Só que o que acontece, pra tu entrar num refúgio, tu tem que passar cinco dias numa praça, passando fome, passando chuva, passando muito trabalho, então eu, eu, eu, ficar cinco dias parado, só pra ter um refúgio, pra ter uma ajuda, não vai. Eu falei “não, a gente tem que andar, a gente tem que procurar, tem que bater a porta, e perguntar “ei você precisa que eu limpe sua casa?””. Sabe? A gente começou assim. Nesses três dias que a gente morou na rua. A gente limpou casa, limpou fogão, limpou quarto, como tudo de serviço (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Em seguida seu discurso se assemelha de forma pungente com o de Reinaldo sobre pessoas que ficam em abrigos. Afirmou o seguinte:

Assim que a gente foi sobrevivendo. Porque assim, o que acontece, é que todo benefício, toda oportunidade de benefício pra pegar dinheiro, dá muito fácil, eu sou pra falar pra você, refúgio, só pra você ter uma ideia. Se eu te falo, se eu te falo pra você, “ai amigo, quantos anos você tem em um refúgio?” e você fala pra mim “dois anos, um ano”. O que tu pensa? O que tu pensa disso? Uma pessoa um ano no refúgio [...] Sabe o que eu acho pra mim. Que é corrupção. É uma pessoa que só tá esperando viver de governo, porque assim, refúgio pra mim é um refúgio que você vai dar pra uma pessoa um mês, dois meses, *mientras* essa pessoa se adapta ao país, *mientras* essa pessoa se adapta a sociedade, tá entendendo? Aí nesse processo tem que procurar trabalho. Tem que procurar ir embora (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Ambos se mostram desfavoráveis às pessoas que permanecem por mais tempo na condição de abrigada. Isso pode se dar por muitos motivos. Uma possível interpretação poderia demarcar que esta pode ser uma forma de se diferenciar de um tipo de migrante indesejável, que seria o migrante que necessita de benefícios assistenciais.

Lembra-se de quando pagou seu primeiro aluguel fazendo um comparativo com a experiência de pessoas que permanecem nos abrigos:

Eu lembro que o primeiro aluguel foi 240 reais, a gente juntou dinheiro e pagou o aluguel e ficou dormindo no chão. Então, o refugiado, eles chegaram refugiados, tem comida, tem café por la manhã, tem almoço e tem janta. Então tu não vai buscar por um trabalho melhor? Vai ter força pra sair na rua (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Rememora-se dos esforços que desprende com seu namorado nos primeiros dias em Boa Vista:

Eu ficava preto [por conta do sol], eu fiquei preto, eu caminhei muito, a gente caminhava de cinco horas da manhã e chegava dez horas da noite. Sin conocer nada. Sin conocer as ruas. A gente ficava perdido. Procurando trabalho. Então eu acredito... Uma vez eu encontrei um venezuelano, e eu falei pra ele “e aí, como tá você?” e ele falou “ah, tudo bem”. E “você tá onde?”. Estou em refúgio. “Quanto tempo você tem em refúgio”. “Ah, eu tenho um ano”. Aí eu fiquei olhando assim pra ele: “porra, o quê

tu tá fazendo? Tu não tá fazendo nada, porque um ano em refúgio, você não tem trabalho, não tem nada, e aí? (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Em certo momento da entrevista pergunto em qual ciclo social Manuel se sente mais inserido, se é entre amigos/as brasileiros/as ou venezuelanos/as. Ele responde:

Olha, eu acho que eu sou uma pessoa diferente. Porque assim, a maioria dos venezuelanos, eles moram todos juntos, eles moram perto, é vizinho de outro, vizinho de outro. Eu não. Eu sempre morei sozinho. A gente se familiarizou mais com brasileiro (Narrativa 03: Manuel, 2020).

A antinomia entre “migrante desejável” e “migrante indesejável” pode oferecer perspectivas para compreender essas falas de Manuel. Percebo um esforço em defender que o migrante venezuelano pode sim ser desejável, e que pode contribuir para a sociedade brasileira através do trabalho. “A gente é gente trabalhadora, e a gente vai fazer a diferença, a gente vai melhorar o Brasil”. Dentre muitos valores apontados como neoliberais, um dos principais é o trabalho como algum tipo de ritual que torna a pessoa digna e respeitável. Esse esforço empreendido por Manuel corrobora a percepção de Sayad (1998, p. 54) quando afirma que “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. Manuel reforça que os imigrantes que não trabalham são indesejáveis atribuindo a ideia de não-trabalho. De acordo com ele:

A maioria dos venezuelanos que estão aqui, a maioria, eles não querem trabalhar, eles não querem fazer nada. E assim, não vou ficar com *el prejuicio* por que a maioria são *señalado*, a maioria os brasileiros vão falar: eles não querem trabalhar. Mas eu não quero ser todo esse *monton*, eu quero ser a diferença. E eu dou a diferença, desde que a gente tá aqui a gente é mais amigo de brasileiro, que de venezuelano, meu propósito é demonstrar pra eles que a gente é gente boa (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Para discutir sobre estes elementos trazidos por Manuel, creio ser importante estabelecer duas perguntas que não necessariamente serão respondidas, mas que viabilizam uma possível análise dos temas abordados pelo interlocutor: 1) Até que ponto dispositivos de assistência produzem condições para autonomia dos sujeitos? Quais são os limites entre vítimas vulneráveis que merecem proteção do Estado e sujeito de direitos? 2) Haveria um interesse em captação de recursos por parte das instituições envolvidas na Operação Acolhida?

Acredito que ambos os questionamentos se interconectam e demandam aprofundamentos no contexto em questão. Esta última pergunta é feita a partir da seguinte fala:

Porque *mientras* o venezuelano tá aí no refúgio, você tá recebendo uma quantia de dinheiro para *mantener* essa pessoa aí, para pagar comida, para pagar tudo, aí tu pega o dinheiro. Então eu não acredito que uma pessoa fique um ano em um refúgio, e que

ninguém fale nada. Assim, se você não quer aportar nada para o Brasil, não quer trabalhar, quer ir embora, então você vá de volta para o seu país, porque você tá... pra mim, a maioria das pessoas que ficam em refúgio e não saem, não procuram, são as mesmas pessoas que colocou em um país assim, que colocou meu país mal, que ficou só esperando uma sacola de comida, que ficou só esperando que outra pessoa dê pra ele tá entendendo? (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Sørensen (2018) argumenta que as crescentes medidas de controle migratório nos últimos vinte e cinco anos alteraram profundamente as opções existenciais das vidas transfronteiriças. A autora ressalta que há uma prosperidade no que ela chama de “indústria da migração”, que seriam esforços para lucrar com o transporte de pessoas. Inclui-se aqui contrabandistas, pessoas que forjam documentos, dentre outras pessoas que encontram uma forma de capitalizar essas rotas migratórias. Porém não só essas pessoas são responsáveis pela criação desse mercado, mas os Estados-nações receptores também tem envolvimento de formas muitas vezes contraditórias. A autora defende com base em suas observações etnográficas da migração dominicana para países como Estados Unidos, Espanha e Itália que há uma crescente economia e estruturas governamentais baseadas em lógicas de mercado que emergem nesses contextos em que os Estados se esforçam para não simplesmente restringir, mas sim administrar movimentos migratórios (SØRENSEN, 2018).

Sørensen (2018) analisa o histórico movimento migratório de dominicanos/as para os Estados Unidos e pontua que, em 1965, quando os Estados Unidos promoveram uma intervenção militar na República Dominicana os dois países passaram a incentivar a imigração de dissidentes políticos para o território estadunidense. Este é um exemplo de como os movimentos migratórios podem ser administrados de acordo com contextos políticos e históricos. Chama a atenção da autora, o aumento do que ela chama de estruturas disciplinares da mobilidade humana baseadas em lógicas de mercado, inclusive em contextos de migrações de alto risco (SØRESEN, 2018). Talvez a mesma tendência observada pela autora pode ser encontrada no contexto venezuelano, em certa medida é uma percepção apresentada por Manuel. O que demanda maiores aprofundamentos e outras abordagens de pesquisa mais amplas.

## V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Papai terminara sua narrativa. Nos voltamos em seguida para nono Gênio, queríamos que nos contasse também como ele e sua família haviam chegado ao Brasil. — Hoje não — respondeu Nono —, já é muito tarde, passei de minha hora de dormir. Amanhã eu conto. Buóna note. Arrisquei ainda uma pergunta antes que ele saísse da sala: — O senhor também era anarquista, Nono? — Não, não era anarquista nem monarquista. Nossa família não entendia nada de política. Éramos gente de igreja, todos católicos. Nossa história é muito parecida com a dos Gattai mas completamente diferente... Caímos na gargalhada, papai foi quem mais riu.

Como podia ser isso: parecida e diferente? Um pouco ressabiado com a reação causada por sua afirmativa, Nono resolveu roubar mais uns minutos de seu precioso sono e justificou-se em poucas palavras: — Nós também viajamos com cinco filhos menores e atravessamos o oceano no porão de um navio. Nós também perdemos uma menina no Brasil, a mais nova dos cinco. Era Carolina, tinha pouco mais de dois anos quando morreu. — Fez uma pausa, continuou de cabeça baixa: — Só que a nossa morreu por falta de recursos... Papai esboçou um leve sorriso ao ouvir a afirmação do sogro, para quem era muito duro admitir e ainda mais difícil pronunciar a frase: "morreu de fome!"

(GATTAI, 1979, p. 120)

Nesta seção apresentarei alguns dos temas que perpassaram as três entrevistas, na intenção de postular algumas considerações finais. Farei também alguns questionamentos que formulo a partir dessa experiência de pesquisa. Insisto que a intenção não é equivaler as experiências dos três entrevistados ou defender a existência de um núcleo ou mesmo características internas iguais por natureza entre eles. O objetivo é ampliar o alcance das ideias para uma escala mais abrangente e apontar para outros caminhos a serem pensados ou investigados, investindo na ideia central desta dissertação de considerar a sexualidade como uma categoria relevante para os estudos sobre processos migratórios. Decido iniciar com o trecho de ‘Anarquistas Graças a Deus’ de Zélia Gattai, filha de imigrantes italianos, sobre suas memórias de infância. Este trecho particularmente dialoga com a minha percepção sobre as entrevistas realizadas, e para mim simboliza como as histórias de migração são tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão iguais.

Um dos pontos que conectam as três histórias é que todos eles se reportam ao trabalho na formulação do motivo para “iniciar” o processo migratório. Nesse sentido, me parece importante a crítica feita aos estudos migratórios tradicionais, que como exposto, tendem a compreender o migrante essencialmente como um “trabalhador heterossexual” (TEIXEIRA, 2015; LUIBHÉID, 2019), mas ao mesmo tempo não se pode ignorar que o trabalho possui uma certa gravidade em alguns contextos, indicando uma limitação das teorizações em torno do sexílio, uma vez que, como vimos, nestes processos migratórios aqui refletidos, os sujeito se deslocam não por conta de suas sexualidades, mas apesar delas. Parece-me proveitoso no caso

dos estudos acerca da homossexualidade em contextos migratórios, posicionar a homossexualidade como algo situado fora desse modelo causa-consequência. Talvez reservando a ela uma posição transversal a todo o processo, e que não se inscreve obrigatoriamente em uma temporalidade, em um “antes” ou “depois”. Mas isso não significa que esse movimento analítico de problematizar os estudos migratórios tradicionais não traga *insights* significativos, mesmo porque ainda que o sujeito seja compreendido somente como “trabalhador”, relações de poder ligadas a sexualidade estão intimamente impressas no âmbito do trabalho e, como exposto, o âmbito subjetivo não parece nem menos nem mais determinante que os fatores “macrossociais”. Mesmo que o trabalho permaneça entendido como uma categoria central, é necessário questionar: quem seria o trabalhador ideal? Sobretudo considerando contextos de trabalhos precarizados que costumeiramente as sociedades receptoras destinam aos imigrantes (SAYAD, 1998).

Como aparece principalmente na fala de Manuel, mas é também perceptível na fala de Ángel e Reinaldo, o trabalho além de um fator “disparador”, é também a forma pela qual suas presenças na “sociedade brasileira” passam a ser validadas. Neste sentido, vai ao encontro a ideia de Sayad (1998, p. 55) que afirma que “um imigrante que só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho”. Entretanto, como pontua Halberstam (2011, p. 95) para a lógica capitalista o sujeito homossexual seria aquele que falha em incorporar conexões entre produtividade e reprodução. O que me parece levar a questionamentos sobre entraves que se situam na complexa relação entre trabalho, sexualidade e imigração. Entraves estes que merecem ser aprofundados.

Considero pertinente ressaltar como um outro tópico, referente às falas a respeito dos “outros” migrantes que estão em situação de abrigo, observadas nas entrevistas com Reinaldo e Manuel. Entendo este elemento nas falas dos interlocutores como um movimento de se distanciar deste tipo de migrante “indesejável”. Vejo similaridades com as postulações de Sayad (1998, p. 91) a respeito das “moradias comuns”. De acordo com o autor alguns imigrantes desejam se distanciar das moradias tradicionais destinadas aos imigrantes, e isso pode ser interpretado como “um ato de negação, ao mesmo tempo, de uma certa forma de moradia e de um estilo de vida que a ela está associada”. Apesar de ter percebido este movimento nos interlocutores, é necessário contextualizar do ponto de vista político as representações que têm constituído o que é “ser venezuelano” em Boa Vista, e como visto nas entrevistas, não são defendidas apenas pelas pessoas brasileiras. Acredito que basta essa contextualização para

compreender este esforço dos entrevistados em não serem vistos “como a maioria”. Mais do que distanciar-se de um estilo, parece-me a vontade de distanciar-se de um lugar de estigma.

É importante também mencionar a decisão dos entrevistados em não solicitar refúgio e sim “residência temporária”. Como dito por Ángel, o status de “refugiado” pode estar associado a certas representações negativas. E presumo que isso se reforça no caso do refúgio solicitado por conta da orientação sexual, ainda que não tenha ficado explícito em suas falas. Como também é percebido na fala de Manuel, receber um benefício humanitário em detrimento de sua identidade de gênero ou sexualidade pode fazer com que o beneficiário se torne *señalado*. Novamente torna-se compreensível que haja um esforço em se distanciar deste lugar de dupla exclusão. Como pontuou Chávez (2010, p. 138): “migrantes e pessoas de sexualidades e gêneros não normativos<sup>90</sup> emergem como uma ameaça prototípica às fronteiras, em parte porque estas pessoas são percebidas pelo imaginário social nacional como estranhos”. Este parece ser um debate importante no campo das políticas públicas específicas a essa população, considerando que, como vimos, parte da não-adesão a estas políticas podem estar ligadas a este profundo medo de ser *señalado*.

A partir das entrevistas, evidenciou-se também que os interlocutores em momento algum se enxergam como vítimas radicais desses processos de discriminação e violência. Trago a ideia de Scott (1989, p. 20) quando afirma que precisamos deixar de compreender o poder social como algo “unificado, coerente e centralizado”. De acordo com Scott (1989, p. 20-21), “no seio desses processos e estruturas, tem espaço para um conceito de realização humana como um esforço (pelo menos parcialmente racional) de construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade dentro de certos limites”. Acredito que este conceito de realização humana a que Scott se refere pode ser percebido como estruturante nas situações trazidas e na forma que os entrevistados representam a si mesmos e as realidades políticas, sociais e culturais pelas quais estes estão situados.

É certo que uma das principais características do “campo” construído nesta pesquisa é que entrevistei três pessoas que, em maior ou menor grau, esforçam-se para se diferenciar da “massa” de migrantes que se forma na cidade em que estão intensamente inseridos “na sociedade brasileira”. Esta última é uma característica que, conluo, deve ser sempre considerada como um recorte metodológico não planejado, porém determinante. É como se “acidentalmente” eu tivesse acessado um “subgrupo” dentro do grupo “migrantes

---

<sup>90</sup> No texto original a autora utiliza o termo “*queer*”. Opto por essa tradução na tentativa de facilitar a compreensão.

venezuelanos/as” e não necessariamente por conta da sexualidade e sim porque em maior ou menor grau são pessoas que tiveram um êxito notável em se “inserir” em ciclos sociais brasileiros. Os três disseram que preferem construir amizades e vínculos com pessoas brasileiras.

Em parte, isto acabou impossibilitando alcançar na análise aqui empreendida os efeitos que as práticas de gestão migratória têm gerado nas subjetividades, especialmente considerando que os “homossexuais” têm sido compreendidos como um dos grupos de pessoas “vulneráveis”<sup>91</sup>. O documento “*A economia de Roraima e o fluxo venezuelano*”, publicado pelo ACNUR, especifica que os homossexuais, assim como as mulheres como “grupos populacionais com vulnerabilidades específicas”. E que estes seriam mandatos de “agências internacionais especializadas como ONU Mulheres e UNFPA” (ACNUR, 2020, p. 54). É possível observar, portanto, o surgimento de um tipo próprio de gestão que parte dessa concepção de população supostamente homogênea, como pontuou Facundo (2019). De acordo com Preciado (2011, p. 11), a sexualidade “entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida”. Parece-me que seguindo essa vertente teórica, importante questionar-se: quais seriam as novas tecnologias pelas quais a sexualidade passa a ser regulada e administrada?

Mesmo que não tenha sido possível responder estas perguntas, considero importante ressaltar como analisar essas experiências de forma interseccionada leva a resultados singulares e oportunidades próprias de desafiar as epistemologias tradicionais. Cabe afirmar que as ideias aqui apresentadas surgiram por meio de um exercício de suspensão dos moldes disciplinares das ciências humanas, em que me vali da dimensão da experiência e da narrativa para compreender este universo, inclusive apostando em uma escrita autoetnográfica. Reitera-se a percepção sagaz de Lubihéid (2019), de que os estudos migratórios partem implicitamente do pressuposto de que os migrantes são heterossexuais e os estudos sobre gênero e sexualidade partem do pressuposto de que as pessoas que não se identificam como heterossexuais e cisgênero possuem uma nacionalidade e estão em “seu” território nacional. Mesmo que estes pressupostos não sejam explícitos. Neste sentido, concluo que o investimento em estudos interdisciplinares que interseccionem migração com diversidade de gênero e sexualidade podem oferecer contribuições muito valiosas e revelar talvez menos sobre os “objetos” investigados e mais sobre as limitações das próprias ferramentas tradicionais de pesquisa.

---

<sup>91</sup> Para uma análise de experiências migratórias que envolvem políticas de gestão migratória mais incisivas, incluindo experiências de abrigamentos e interiorizações, em uma articulação destas experiências com gênero e sexualidade, ver Fonseca (2020).



Reitero como foi extremamente desafiador construir referências teóricas e analíticas que permitam a elaboração de ideias e análises coerentes e que contemplem as complexidades deste tema.

Outro ponto que gostaria de destacar está relacionado à urgência do investimento em novas formas de desafiar as normatividades, buscando formas de transcender, desnaturalizar e historicizar o que entendemos por Estado nacional. De acordo com Halberstam (2005) noções heteronormativas sobre a instituição familiar carregam conexões com o desejo pela estabilidade nacional, e a necessidade de constituir novos “cidadãos” que perpetuem e estabilizem a uma continuidade nacional. Estas conexões entre nacionalidade e sexualidade me parecem muito oportunas e produtivas, ainda que sejam raras e não necessariamente evidentes, especialmente em momentos históricos e políticos em que o nacionalismo toma força e articula práticas e discursos a violência em direção às pessoas vistas como “outras”. Entretanto, como vimos, o próprio adjetivo “homossexual” ou “*gay*” tem passado por uma certa “normalização” que confere um novo lugar de enunciação àqueles que se identificam desta forma. O que também considero digno de maiores aprofundamentos.

Destaco a importância de estranhar essas teorias que posicionam a sexualidade como uma expressão inerente de liberdade. Contraria esse tipo de teorização ao constatar que o dispositivo da sexualidade - como descrito por Foucault (2014) - tem sido um âmbito pelo qual o sujeito passa a ser regulado, gerido e normalizado na contemporaneidade. Trabalhos como este comprovam que analisar as migrações pela perspectiva do gênero e sexualidade significa se deparar em um ponto de vista privilegiado para perceber como processos de regulação têm sido atualizados na gestão dos corpos pelos Estados nacionais e pelas modalidades de governanças que passam a operar no “vã” deixado pelas soberanias estatais<sup>92</sup> (LUIBHÉID, 2019). De qualquer maneira, associadas a elas encontram-se tecnologias de poder e de normalização atualizadas e em atualização, que tornam urgentes que atualizemos as formas de desafiá-las. Sobre estas formas, as teorias sobre o sexílio que parecem acreditar em uma maior “autonomia” do sujeito sexual podem contribuir para ou resgatá-las ou inventá-las.

Resumidamente, as narrativas e reflexões aqui reunidas mostram que em muitos tempos e espaços não há motivos para se afirmar como essa existência de “migrante” e “*gay*”, vista duplamente como ameaçadora, como evidenciado em diversos momentos da dissertação. Delineando como talvez o principal “achado”, enfatizo que identifiquei um tipo próprio de

---

<sup>92</sup> Em maior ou menor grau, os trabalhos de Fonseca (2020) e França e Fontgaland (2020) contribuem para o fortalecimento deste tipo de questionamento e problematização.

sabedoria que perpassa por essas artimanhas em entender em quando, como, onde e com quem cabe “ser venezuelano” e “ser *gay*”. Ênfase também que este registro é apenas um retrato de várias realidades processuais que estão em constante movimento e mudança. Não considero justo que os interlocutores sejam definidos nem pelas entrevistas realizadas muito menos pelas análises, que mesmo que tenha me dedicado para me distanciar de métodos tradicionais e objetivistas da ciência tradicional, ainda reproduzem maneirismos da ciência positivista<sup>93</sup>. De qualquer forma, não dou esta investigação como algo totalmente encerrado, tendo em vista que considero muitas dessas primeiras interrogações que guiaram a pesquisa e as novas interrogações que foram surgindo no decorrer da investigação abertas e incitantes para futuros estudos.

---

<sup>93</sup> Refiro-me a princípios do positivismo que pressupõem a “neutralidade” do pesquisador, que, resumidamente, como Horkheimer (1980) evidenciou, impedem um fazer teórico/prático crítico, que não meramente reproduz o *status quo* (ou a sociedade da forma que ela já se apresentava antes de determinada prática científica).

## REFERÊNCIAS

ACNUR. “**A economia de Roraima e o fluxo venezuelano**”. Disponível em: <[https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/FGV-DAPP-2020-A-economia-de-Roraima-e-o-fluxo-venezuelano\\_compressed.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/FGV-DAPP-2020-A-economia-de-Roraima-e-o-fluxo-venezuelano_compressed.pdf)>. Acesso em: 19 de out. de 2020.

ACNUR. “**Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951)**”. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)>. Acesso em: 16 de set. de 2020.

ACNUR. “**Governo e ACNUR lançam relatório em números e plataforma interativa sobre reconhecimento da condição da condição de refugiado no Brasil**”. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2019/07/25/governo-e-acnur-lancam-relatorio-refugio-em-numeros-e-plataforma-interativa-sobre-reconhecimento-da-condicao-de-refugiado-no-brasil/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

ACNUR. “**Refugiados LGBTI da Venezuela recomeçam a vida em países de acolhida**”. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2020/05/15/refugiados-lgbti-da-venezuela-recomecam-a-vida-em-paises-de-acolhida/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

ACNUR. “**Refúgio LGBTI**”. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/refugiologbti/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

ACNUR. “**Protocolo de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados**”. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD\\_Legal/Instrumentos\\_Internacionais/Protocolo\\_de\\_1967.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967.pdf)>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALBUQUERQUE, Teresa Kátia Alves. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista – Roraima (2001-2011)**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Manaus, 2013.

ALDRICH, Robert. Homosexuality and the city: an historical overview. **Urban Studies**. v. 41, 2004.

ALMENDRA, Alix Lorena. Desplazamiento forzado trans\*fronterizo: mujeres trans\* de Centroamérica en México. In: **Periódicus**. n. 12, v. 1, nov. 2019-abr. 2020. p. 06-37. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/33420/20867>>. Acesso em: 10 de mar. de 2020.

ANDRADE, Vitor Lopes. Refúgio por orientação sexual no Brasil: perfil das solicitações nas cidades de Brasília/DF e São Paulo/SP. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero & Direito** (UFPB), v. 5, p. 1-24, 2016.

ANDRADE, Vitor Lopes. **Imigração e sexualidade: solicitantes de refúgio, refugiados e refugiadas por motivos de orientação sexual na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ANNES, Alexis; REDLIN, Meredith. Coming out and coming back: rural gay migration and the city. **Journal of Rural Studies**, v. 28, p. 56-68, 2012.

ANTUNES, Ricardo. O socialismo, lutas sociais e novo modo de vida na América Latina. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 2212-2226, 2017.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BAENINGER, Rosana. Introdução. In: BAENINGER, Rosana et alii. **Migrações Sul-Sul**. 2ª edição. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à Nossa Porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BARRIENTOS, Jaime. Situación social y legal de gays, lesbianas y personas transgénero y la discriminación contra estas poblaciones en América Latina. **Sexualidad, Salud y Sociedad**.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras Escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Charles Baudelaire um lírico no auge no capitalismo**. Tradução: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRAGA, Cleber. Fantasmografias, sexílios, cuirestéticoativismos. In: **Periódicus**. n. 12, v. 1, nov. 2019-abr. 2020. p. 06-37. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/33799/20863>>. Acesso em: 10 de mar. de 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CARRARA, Sérgio. Discriminação, políticas e direitos sexuais no Brasil. In: MONTEIRO, S., and VILLELA, W. **Estigma e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, p. 143-160.

CASTLES, Stephen. Entendendo a imigração global – uma perspectiva desde a transformação social. **REMHU Revista Internacional de Mobilidade Humana**, v. 18, n. 35, p. 11-43, 2010.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHÁVEZ, Karma. Border (in)securities: normative and differential belonging in LGBTQ and Immigrant Rights Discourse. **Communication and Critical/Cultural Studies**, v. 7, n. 2, p. 136-155, 2010.

CLAM. **“Princípios de Yogyakarta”**. Disponível em: [http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf). Acesso em: 19 de jun. de 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP n. 1, de 22 de março de 1999. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual**. Brasília, DF. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf). Acesso em: 19 de out. de 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>

DE GENOVA, Nicholas. As políticas queer de migração: reflexões sobre "ilegalidade" e incorrigibilidade. **REMHU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 23, n. 45, p. 43-75, Dec. 2015.

EL PAÍS. **“Chavismo homofóbico”**. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/10/opinion/1491860659\\_262989.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/10/opinion/1491860659_262989.html). Acesso em: 17 de jul. de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **“Operação Acolhida”**. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/operacao-acolhida>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

FACCHINI, Regina; FRANCA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. **Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado**: olhares antropológicos contemporâneos. Cad. Pagu, Campinas, n. 42, p. 99-140.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Deslocamentos, desigualdades e violência do Estado. **Ciência e Cultura**. SBPC v. 67 (2), 20- 24, 2015.

FERNANDES, Estevão. **“Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos”**. Tese de Doutorado em

Ciências Sociais (Estudos comparados sobre as Américas) apresentada no Centro de Pesquisa e Pós Graduação da Universidade de Brasília. Brasília: Ceppac/UnB. 2015.

FRANÇA, Isadora Lins. “Refugiados LGBTI”: direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência. **Caderno Pagu Campinas**, n. 50, e17506, 2017.

FRANÇA, Isadora Lins; FONTGALAND, Arthur. Gênero, sexualidades e deslocamentos: notas etnográficas sobre imigrantes e “refugiados LGBTI” no norte do Brasil. **REMHU**, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, v. 28, n. 59, ago. 2020, p. 49-68.

FRY, Peter. & MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FOLHA BOA VISTA. “**Homem que matou travesti a facadas se apresenta à polícia e alega legítima defesa**”. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Homem-que-matou-travesti-a-facadas-se-apresenta-a-policia-e-alega-legitima-defesa/33545>>. Acesso em: 15 de jan. de 2020.

FORTIER, Anne-Marie. **Making home: queer migrations and motions of attachment**. In: Department of Sociology. Lancaster University, 2003. Disponível em: <<https://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/fortier-making-home.pdf>>. Acesso em: 10. jan. de 2020.

FONSECA, Nathália Antonucci. **Entrecruzamentos entre migração, gênero e sexualidade: experiências de vida de mulheres não-cisheterossexuais venezuelanas e solicitantes de refúgio**. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. “**Da amizade como modo de vida**”. Publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amizade.pdf>>. Acesso em: 18 de jun. de 2020.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **Ética, sexualidade e política**. (Ditos e escritos, v. 5). Rio de Janeiro: Forense, 2004. p. 144-162.

G1. “Jair Bolsonaro vence em 12 das 15 cidades de Roraima”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/eleicoes/2018/noticia/2018/10/29/jair-bolsonaro-vence-em-12-das-15-cidades-de-roraima.ghtml>. Acesso em 18 de out. de 2020.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

GAMA, Maria Clara Brito. Cura gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade. **Sex., Salud Soc.** Rio de Janeiro, n. 31, p. 4-27, 2019.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Experiências da Diversidade Sexual e de Gênero e Sociabilidades na Amazônia: convite para se pensar as relações sociais como atos históricos singulares. **ACENO – Revista de Antropologia do Centro-Oeste.** v. 4 n. 7, 2017.

GOVERNO FEDERAL. “**Operação Acolhida**”. Disponível em: <<https://www.gov.br/acolhida/historico/>>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

GRUPO GAY DA BAHIA. “**Relatório população LGBT morta no Brasil**”. Disponível em: <[shorturl.at/krMQ9](http://shorturl.at/krMQ9)>. Acesso em: 23. de jun. de 2020.

HALBERSTAM, Jack. **The queer art of failure.** Durham: Duke University Press, 2011.

HALBERSTAM, Jack. **In a queer time and place: Transgender bodies, subcultural lives.** Nova Iorque: New York University Press, 2005.

HOKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica.** Os Pensadores. São Paulo, Abril, Cultural, 1980.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012. Disponível em: <[shorturl.at/ikyJQ](http://shorturl.at/ikyJQ)>. Acesso em: 21 de jun. de 2020.

IACHR. “**Annual report – Chapter IV.B - Venezuela**”. Disponível em: <[amazon.com.br/gp/product/handle-buy-box/ref=dp\\_start-bbf\\_1\\_glance](http://amazon.com.br/gp/product/handle-buy-box/ref=dp_start-bbf_1_glance)>. Acesso em 27 de out. de 2020.

INTERNATIONAL LESBIAN, GAY, BISEXUAL, TRANS AND INTERSEX ASSOCIATION. “**Maps – sexual orientation laws**”. Disponível em: <<https://ilga.org/maps-sexual-orientation-laws>>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

IRINEU, Bruna Andrade. “Boys wear blue and girls wear pink”: the LGBTI agenda in the face of an extreme right-wing offensive in Brazil. MENDOS, Lucas Ramon. **State-Sponsored Homofobia 2019.** Global Legislation Overview. Update. Geneva: ILGA, 2019.

LA ASAMBLEA NACIONAL DE LA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA. **Acuerdo sobre acciones.** Disponível em: <[shorturl.at/wK039](http://shorturl.at/wK039)>. Acesso em: 27 de out. de 2020.

LANE, Silvia.; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense. 1993.

LA FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. De sexúlio(s) y diáspora(s) homossexual(es) latina(s): El caso de la cultura puertorriqueña y nuyorican “queer”. **Debate Feminista**, México, v. 15, p. 138-157, 2004.

LEAL, Wellton Rafael Aguiar; SOUSA, Caobe Lucas Rodrigues; OLIVEIRA, Márcia Maria. Violências entrelaçadas: apontamentos sobre migrantes LGBTI venezuelanos em Roraima. In: OLIVEIRA, Márcia et al (Org.). **Migração & WASH**: reflexões sobre o contexto de Roraima. 1 ed. Boa Vista: EdUFRR, 2020, p. 149-167.

LUIBHÉID, Eithne. Special Issue on “Migrant and refugee lesbians: Lives that resist the telling”. **Journal of Lesbian Studies**, v. 24, 2019. p. 57-171.

LUIBHÉID, Eithne. Afterword: Troubling identities and identifications. **Sexualities**, v. 17(8), 2014, p. 1035-1040.

MAI, Nicola; KING, Russel. Love, sexuality and migration. **Mobilities**, v. 4, p. 295–307.

MENDOS, Lucas Ramon. State-Sponsored Homofobia 2019. Global Legislation Overview. Update. Geneva: ILGA, 2019.

MENDEZ, Mariza. Autoethnography as a research method: Advantages, limitations and criticisms. **Colomb. Appl. Linguist. J.**, Bogotá, v. 15, n. 2, p. 279-287, 2013.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. “**Conare reconhece como refugiados 17 mil venezuelanos**”. Disponível em: <<https://www.novo.justica.gov.br/news/conare-reconhece-como-refugiados-17-mil-venezuelanos>>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **O Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI**: Conceitos e Legislação/Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. – 2. Ed. Brasília, MPF, 2017.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

FACUNDO, Angela. Categorizando e gerindo pessoas em trânsito. In: Facundo et al (orgs) **Pessoas em movimento**: práticas de gestão, categorias de direito e agências. p. 135-171. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e 7Letras, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



LUZ, Débora Silva Brito da. Vozes femininas plurilíngues atravessando a fronteira Venezuela-Brasil. In: **Caletrosκόpio**, Universidade Federal do Oeste do Pará, v. 7 n. 2, 2019.

OLIVEIRA, Márcia Maria. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. Editora Scienza, 2016.

PATARRA, Neide. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. São Paulo, **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, maio/ago. 2006.

PEREZ, David Aruquipa. The Andean Region, a Territory in Alert Marked by its Political Uncertainty and the Advance of Anti-Rights Groups. In: MENDOS, Lucas Ramon. **State-Sponsored Homofobia 2019**. Global Legislation Overview. Update. Geneva: ILGA, 2019.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

RAMALHO, Sérgio. In: The Intercept. “**Virou rotina agredir e assassinar venezuelanos em Roraima**”. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>>. Acesso em: 21 de jun. de 2020.

REZENDE, Lucas Felicetti. Sexílio, alteridade e reconhecimento: uma análise teórica sobre o refúgio de LGBTs. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano 21, v. 41, p. 283-306, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2tAVDnM>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

RED LGBTI VENEZUELA. “**Human Rights situations of Lesbian, Gays, Bisexual, Trans and intersex persons in Venezuela**”. Disponível em: <[shorturl.at/iBFJ4](http://shorturl.at/iBFJ4)>. Acesso em: 27 de out. de 2020.

RORAIMA. **Lei nº 1.245**, de 02 de Fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.tjrr.jus.br/legislacao/phocadownload/leisOrdinarias/2018/1245.pdf>. Acesso em: 27 de out. de 2020.

RUIZ, Nelson. Significaciones imaginarias sociales sobre la homosexualidad en la prensa escrita de venezuela. **Psicoperspectivas**, v. 10, p. 202-223, 2011.

SANTOS, Miguel Alvarenga de Macedo. **A atuação das organizações internacionais em Roraima no acolhimento aos migrantes e refugiados LGBTI da Venezuela**. Monografia. Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de Roraima, 2019.

SARMENTO, Gilmara; RODRIGUES, Francilene. Entre a acolhida e o rechaço: breves notas sobre a violência e os paradoxos da migração venezuelana para o Brasil. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jarochinski (Orgs.). **Migrações venezuelanas**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, 2018.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. 1.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2012.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

SEXUAL EXILES. **Produção de Irene Sosa**. Publicado no YouTube. 1999. (31min.). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cOr9wA\\_JsIM](https://www.youtube.com/watch?v=cOr9wA_JsIM). Acesso em: 22 de jun. de 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

SØRENSEN, Ninna Nyberg. From migrant identity to migration industry: the changing conditions of transnational migration. **Nordic Journal of Migration Research**, 2018. p. 213-2020.

SILVA, Andréa Franco. “Marielle virou semente”: representatividade e os novos modos de interação política da mulher negra nos espaços institucionais de poder. **Revista Sociologias Plurais**, v. 5, n. 1, p. 52-75, jul. 2019.

SILVA, João Jaroichinski. Migração forçada de venezuelanos pela fronteira norte do Brasil, 2017. Caxambu, **41º Encontro Anual da ANPOCS**. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt16-26/10744-migracao-forcada-de-venezuelanos-pela-fronteira-norte-do-brasil/file>>. Acesso em: 21 de jun. de 2020.

SIMOES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 75-98.

TEIXEIRA, Marcelo. ‘Metronormatividades’ nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. **Áskesis**, São Carlos, SP, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2015.

TOLEDO, Livia Gonsalves; PINAFI, Tânia. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psicologia Clínica**, 24(1), 137-163, 2012.

UNITED NATIONS. “ONU quer “apoio urgente” para 5 milhões de venezuelanos que deixaram país BR”. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713342>>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. “Suspensão do Processo Refugiados/Imigrantes 2020.1”. Disponível em: <[http://ufrr.br/cpv/index.php?option=com\\_content&view=article&id=493:suspensao-do-](http://ufrr.br/cpv/index.php?option=com_content&view=article&id=493:suspensao-do-)

processo-refugiados-imigrantes-2020-1&catid=18:noticias&Itemid=102>. Acesso em: 17 jul. 2020.

VASCONCELOS, Iana dos Santos. Receber, enviar e compartilhar comida: aspectos da migração venezuelana em Boa Vista, Brasil. 2018. **REMHU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 53, ago. 2018, p. 135-151.

VASCONCELOS, Iana; SANTOS, Sandro. A oleada venezuelana. **Cadernos de Campo** (São Paulo 1991), v. 29, n. supl, p. 94-104, 31 jul. 2020.

VENEZUELA. **Ley Orgánica del Trabajo los Trabajadores y las Trabajadoras**, 2012. Disponível em: <shorturl.at/fjmF3>. Acesso em: 27 out. de 2020.

VENEZUELA. **Código Orgánico de Justicia Militar**, 1998. Disponível em <<https://venezuela.justia.com/federales/codigos/codigo-organico-de-justicia-militar/gdoc/>>. Acesso em: 27 out. de 2020.